

ALINE LOPES MURILLO

**HISTÓRIAS QUE SE
ENTRECRUZAM: narrativas de
Valdon Varjão sobre Barra do
Garças**

**Goiânia
2011**

ALINE LOPES MURILLO
HISTÓRIAS QUE SE ENTRECruzAM: narrativas
de Valdon Varjão sobre Barra do Garças

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social sob orientação da Profa. Dra. Cintya Maria Costa Rodrigues.

Goiânia
2011

Dedico este trabalho a minha mãe Solange e meu pai Hugo.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é resultado de uma caminhada que começou antes do meu ingresso na Universidade Federal de Goiás (UFG). Assim, agradeço de antemão aos meus professores de História do Ensino Fundamental e Médio das escolas Francisco Dourado e Antônio Cristino Côrtes em Barra do Garças, os quais me proporcionaram o meu primeiro contato com as obras de Valdon Varjão.

A trajetória dessa pesquisa está ajustada, também, às minhas vivências e relações acadêmicas na UFG; aos interesses, encontros e reflexões realizadas em conjunto com minha orientadora e professores. As minhas experiências no curso de Ciências Sociais e no mestrado de Antropologia Social nesta Instituição afetaram diretamente a direção da pesquisa e o modo de desenvolver a análise. Por isso o meu agradecimento em especial à UFG, à Faculdade de Ciências Sociais e ao PPGAS – UFG (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) e a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento concedido.

Sou grata a muitas pessoas que me auxiliaram na jornada da pesquisa antropológica. Promulgo, aqui, meu especial agradecimento à minha orientadora Prof^a Dr^a. Cintya Maria Costa Rodrigues que proporcionou a afinação do meu olhar antropológico para com as escrituras locais. Agradeço, também, por ter me premiado com disciplinas na graduação e no mestrado que colaboraram fortemente para o aprofundamento na reflexão sobre a temática da pesquisa. Além disso, sou agradecida pelas oportunidades nos projetos de pesquisa, nos encontros científicos e pelas orientações no estágio docência. Principalmente, agradeço por ter se revelado uma grande amiga e conselheira.

Sou imensamente grata à Prof^a. Dr^a. Selma Sena e ao Prof. Dr. Manuel Lima Filho por suas eficazes considerações, intervenções e auxílios na constituição desta pesquisa. Agradeço, com muita estima, ao Prof. Dr. Manuel pelo material de pesquisa emprestado.

Agradeço a Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Rodrigues e à Prof^a. Dr^a. Selma Sena, pelas quais tenho grande carinho e admiração, por terem proporcionado discussões enriquecedoras nas disciplinas de teorias que impulsionaram a minha reflexão. Assim como, sou grata ao estímulo concedido desde a graduação para seguir o caminho acadêmico na Antropologia.

Tenho também grande apreço pelos funcionários do Museu Antropológico e da Faculdade de Ciências Sociais, que auxiliaram com grande carinho e cortesia nas questões burocráticas na formação do nosso PPGAS. Agradeço, principalmente, à nossa tão dedicada e atenciosa secretária, Camilla Naves Pascoal.

Meus intervalos só tiveram graça devido aos lanches realizados em conjunto com minhas sete queridas colegas: Iolene Mesquita, Julliana Lacerda, Karine Peixoto, Katianne Almeida, Margarida do Amaral, Rosana Schmidt e Terezinha Vieira. Sobretudo, sou grata pelos momentos de descontração e desabafo vivenciados com meus amigos e colegas Arthur Pires Amaral, Bruno Goulart, Iamanda Luiza, Lúbia Gonzaga, Marcos Cristiano, Maria Clara Pimentel, Marina Landeiro, Nadabe Pimentel, Nidilaine Dias e Patrik Thames Franco.

Sou imensamente agradecida à Malba Varjão e Dona Zélia Diniz pela atenção e disponibilização ao acesso do material pesquisado. Sou grata ao professor Herculano Melo e a José Mario Miguez por terem compartilhado comigo informações valiosas sobre a biografia de Valdon Varjão e a história de Barra do Garças.

Gostaria de agradecer ao meu pai Hugo Alberto Murillo Camacho e Solange Lopes de Murillo, que sempre apoiaram as minhas decisões, me estimularam e se esforçaram ao máximo para que meus objetivos fossem alcançados. À minha avó, Julia Löw Lopes e meu padrinho Solano Löw Lopes que também me ampararam e incentivaram durante toda a minha trajetória acadêmica. À minha irmã, Natalia Lopes Murillo a qual sempre me deu força para vencer os obstáculos e festejou comigo minhas conquistas.

Por fim, agradeço à Prof^a Dr^a. Fernanda Arêas Peixoto e à Prof^a. Dr^a. Izabela Tamaso por terem acolhido o trabalho e concordado em oferecer sua sabedoria na arguição desta dissertação.

RESUMO

As narrativas dos escritores locais podem ser pensadas como textos que transmitem representações culturais e como produções simbólicas que trazem referências de lugares, pessoas, grupos, acontecimentos, celebrações, costumes e saberes. A literatura desses escritores está vinculada a uma escrita autobiográfica que transita entre as próprias experiências e os acontecimentos recolhidos através dos testemunhos. A análise dos textos desses autores que registram as suas lembranças vinculadas à memória coletiva possibilita o entendimento de uma versão da construção simbólica da comunidade a partir do ponto de vista de um sujeito que vivenciou e se envolveu nos acontecimentos locais. Partindo desse pressuposto, esta dissertação coloca em discussão a literatura de Valdon Varjão em contraponto com sua biografia com o objetivo de compreender esta versão da memória coletiva de Barra do Garças – MT. Ao ingressar nas narrativas desse escritor, é possível perceber o modo como ele constrói, em sua literatura, uma dinâmica entre os acontecimentos, grupos, costumes e imagens sobre Barra do Garças - MT.

Palavras-chave: autobiografia, narrativa, memória, sujeitos e lugares.

ABSTRACT

The narratives of the local writers can be thought as texts that convey cultural representations and symbolic productions that references places, people, groups, events, celebrations, customs and knowledge. The literature of these writers is linked to an autobiographical writing that travels between their own experiences and events collected through the testimonies. The analysis of the texts of these authors that record the memories linked to the collective memory discloses one version of the symbolic construction of community from the standpoint of a subject who lived and was involved in local events. Based on this assumption, this research calls into question the literature Valdon Varjão in counterpoint to his biography in order to understand this version of the collective memory of Barra do Garças - MT. By entering in the narratives of this writer, one can perceive how he builds on its literature, a dynamic between the events, groups, customs and images on Barra do Garças - MT.

Keywords: autobiography, narrative, memory, subjects and places.

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FBC – Fundação Brasil Central

GO – Estado de Goiás

PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

MT – Estado do Mato Grosso

SUDAM – Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia

SUDECO – Superintendência para o Desenvolvimento do Centro-Oeste

UFG – Universidade Federal de Goiás

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Valdon Varjão, 1987

FIGURA 2 – Localização do Município de Barra do Garças – MT

FIGURA 3 – Vista Aérea de Barra do Garças – MT

FIGURA 4 – Pedra S. S. Arraya – Marco Inicial de Barra do Garças

FIGURA 5 – Cachoeira do Parque Serra Azul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1	16
1.1. Os aspectos relacionais das experiências pessoais	20
1.2. O percurso de Valdon Varjão na política.....	25
1.3. A inserção da causa negra na trajetória do escritor	29
1.4. A trajetória de Valdon Varjão no campo literário	34
1.5. O reconhecimento local	38
CAPÍTULO 2	43
2.1. A narrativa histórica como produto simbólico	44
2.2. A opção do autodidata por sua “aldeia”.....	46
2.3. A História de Barra do Garças reinventada por Valdon Varjão	49
2.3.1. Início da povoação – Garimpo	49
2.3.2. A Fundação Brasil Central narrada por Valdon Varjão.....	53
2.3.3. Os Incentivos Fiscais: pecuária e agricultura.....	58
2.4. A questão da cientificidade.....	59
2.5. A obra cultural como visão de um sujeito num momento	61
CAPÍTULO 3	64
3.1. Os garimpeiros retratados por Valdon Varjão	65
3.2. O sertanejo centro-oestino narrado por Valdon Varjão	71
3.3. Indígenas.....	74
3.4. Funcionários da FBC	76
CAPÍTULO 4	81
4.1. Os lugares de memória nos relatos de espaço.....	84
4.2. As pessoas como lugares de memória	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	98
ANEXOS	102

INTRODUÇÃO

Analisar a literatura de Valdon Varjão para compreender uma versão sobre a história de Barra do Garças é, para mim, rememorar os tempos de escola quando a professora de História solicitava trabalhos sobre a história da nossa cidade. Os livros de Valdon Varjão eram as referências disponíveis em que eu e meus colegas buscávamos as informações necessárias para realizarmos os trabalhos.

Este autor escreveu sobre um tempo que não foi o nosso, porém sua literatura descreve espaços e percursos pelos quais nós caminhamos, experienciamos, convivemos. Assim, elas são importantes para a compreensão de uma versão da memória, de um passado que fez parte e constituiu a sociedade em que crescemos. Segundo Pollak (1992), a população de uma comunidade, ao reconhecer numa narrativa, acontecimentos e pessoas importantes para a consolidação de sua comunidade, passam a se identificar como membro da coletividade narrada.

Benjamin (1983), ao realizar uma crítica ao romance modernista, afirma que narrar é uma arte fundamental na constituição do homem na sociedade. Na narrativa o artista conta uma história permeada por suas próprias experiências vividas e testemunhos recolhidos ao longo da vida. O narrador inclui, assim, as suas marcas na história contada, permitindo que ao narrar, a história seja assimilada e mantida na memória tanto de quem narra quanto de quem ouve. Há, dessa forma, um vínculo entre narrador e ouvinte que permite a interpretação da história de acordo com a vida do ouvinte, suas tradições e sua coletividade. Essa relação faz com que a narrativa se mantenha na sua memória. Segundo Benjamin, as narrativas são conselhos que se mantêm nas lembranças das pessoas.

A literatura de Varjão transita por acontecimentos vivenciados por ele e fatos relatados a ele ao longo de sua vida. Desse modo, trata-se de uma escritura predominantemente autobiográfica. Para Fischer (1991), as escritas autobiográficas podem ser consideradas versões modernas das narrativas próprias da memória. Segundo Verena Alberti (1991), a autobiografia difunde experiências do autor, nesse sentido, ela informa, aconselha e ensina o leitor. É nessa perspectiva que a literatura de Valdon Varjão é analisada nesta pesquisa.

Nas escrituras locais, o escritor busca nas próprias lembranças e nos testemunhos da comunidade, elementos que vão constituir a sua narrativa (RODRIGUES, 2006a). Com isso, há certa preservação da memória coletiva e a rememoração das tradições, nessas obras, cria um vínculo identitário. Podemos considerar essas escrituras como depoimentos que relatam acontecimentos do passado vivenciados em comum pelo grupo e pela testemunha. Na construção da lembrança, o “eu” se relaciona a fatos vivos e materiais, e também a fatos que são apenas do passado. A memória individual só existe vinculada a um quadro coletivo que envolve um espaço social. Portanto, através da rememoração, o indivíduo sente-se parte de uma comunidade afetiva (HALBWACHS, 2006).

As narrativas dos escritores locais podem ser pensadas como textos artísticos a quais transmitem representações culturais, pois são produções simbólicas que trazem referências de lugares, pessoas, grupos, acontecimentos e costumes, e possuem cunho quase autobiográfico.

Num sentido mais geral, podemos associar as escrituras sobre os lugares com as descrições realizadas por antropólogos sobre as culturas. A Antropologia Interpretativa proposta por Clifford Geertz (2005), propõe que as culturas sejam lidas enquanto texto. Ou seja, as sociedades devem ser analisadas a partir de uma descrição densa através de uma inspiração hermenêutica, buscando compreender os significados que os homens dão às suas ações e a si mesmos. Para ele, a interpretação ganha prioridade frente à experiência, fazer etnografia é a interpretar a cultura.

Essa vertente contribuiu expressivamente para o estranhamento da autoridade etnográfica na Antropologia Pós-Moderna. Nessa tendência, o processo de pesquisa etnográfico é isolado da construção do texto, “a realidade das situações discursivas e dos interlocutores individuais é filtrada” (CLIFFORD, 1998, p. 42).

A literatura de Varjão transmite representações culturais do coletivo, a partir de uma lente cultural na qual estão envolvidas experiências vividas e os contextos sociais, culturais e históricos nos quais o autor está vinculado.

Ao abordar a narrativa histórica de Barra do Garças construída por Valdon Varjão, inevitavelmente questiona-se a autoridade do escritor na constituição dessas descrições culturais. De acordo com Clifford (1998), as falas dos etnógrafos estão sempre relacionadas a um contexto. A interpretação de uma realidade é realizada por um *autor*, uma pessoa que insere no texto a sua subjetividade.

Esta dissertação busca entender como Varjão elaborou essa reconstrução, quais foram os subsídios históricos utilizados, quais foram os assuntos levantados, seus condicionantes e o objetivo pretendido. Examinam-se a construção simbólica elaborada por este escritor e os motivos que o levaram a preservar uma memória vinculada às lembranças da comunidade.

Dessa forma, a pesquisa direcionou a análise para a biografia de Varjão construindo os seguintes questionamentos: de que maneira a trajetória de Varjão se confunde com a construção de uma versão da memória coletiva de Barra do Garças? Como as suas escolhas indicam o percurso desses acontecimentos? Nesse sentido, esta dissertação interessa-se em relacionar as experiências, escolhas e testemunhos desse escritor à história desta sociedade.

Enfoca-se a relação entre a narrativa de Varjão a qual tematiza a formação de Barra do Garças e, também, a trajetória do escritor; além de documentos, testemunhos e obras de outros autores que abordam a biografia de Varjão.

Nessa perspectiva, a dissertação realiza uma vinculação entre as vivências, escolhas e relações sociais do escritor com sua narrativa histórica sobre a cidade de Barra do Garças, entendendo-a como discurso simbólico que intervém em diferentes universos de sentido (RICOEUR, 1994).

Para compreender a relação entre o narrado e o vivido esta pesquisa se debruçou num conjunto de técnicas que não se restringiu à análise das obras de Valdon Varjão. Em termos gerais, o método utilizado foi o etnográfico. Especificamente, foram utilizadas observação participante, entrevistas abertas e, principalmente, a etnografia em arquivos.

A realização da observação participante foi desenvolvida ao longo da graduação e do mestrado. A convivência com vizinhos, professores, colegas e conhecidos de Barra do Garças, possibilitou o recolhimento de informações a respeito da história dessa cidade e da biografia do escritor Valdon Varjão. Além disso, essas conversas me auxiliaram na busca por material documental sobre o objeto de pesquisa.

O método prioritário foi a etnografia em arquivos. Para Olívia Cunha (2004), esse procedimento é um aspecto do trabalho antropológico no qual se adota determinados conjuntos documentais como campo de interesse. O arquivo é lugar onde se cristalizam e classificam as memórias sociais e pessoais, nesse sentido ele pode ser entendido como *lócus* de reflexão antropológica, sobretudo porque, além de

preservarem segredos, vestígios, eventos e histórias passadas, abrigam categorizações e inscrições.

As representações contidas nas fontes arquivísticas, as quais abordam imagens e palavras, podem ser apontadas como referências de um universo de sentidos. Transformados em arquivos o documento passa a ser produto do desejo do registro e perpetuação intencional da história sobre algo, de modo que se reproduza um discurso uniforme e oficial (COOK, 1998).

O arquivo é considerado como um campo constituído historicamente que perpassa diversos lugares. Por ter sido moradora de Barra do Garças, as primeiras fontes foram alguns livros de Valdon Varjão que eu tinha disponível em minha própria casa, como: “Barra do Garças (Migalhas de sua História)”; “Aragarças: Portal da Marcha para Oeste”; “Janela do Tempo: homenagem ao passado” e “Barra do Garças – Um pouco de sua história”. Tais livros não se diferenciam muito entre si, são poucas informações adicionadas entre um e outro. Todos parecem ser continuidades do primeiro livro publicado: “Barra do Garças no Passado” com algumas diferenças e acréscimos.

Em viagem a Barra do Garças em 2007, visitei a Biblioteca Municipal Senador Valdon Varjão, onde pude consultar mais alguns livros: “Quando Estive Senador”, “Negro sim, escravo não” e “Raízes”. O primeiro narra seus projetos, discursos sobre a temática da discriminação racial, sobre Mato Grosso e Ceará, entrevistas concedidas às revistas *Veja* e *Voz do Brasil*. O segundo é a publicação de seus discursos enquanto senador suplente em que ele aborda a questão da discriminação racial. O terceiro reúne contos já publicados em outros meios de divulgação, duas peças teatrais e uma narrativa histórica sobre a chegada dos negros ao Brasil.

Durante essa viagem pude recolher documentos sobre a vida de Valdon Varjão e manuscritos feitos por ele na Academia de Letras, Cultura e Arte do Centro Oeste. A escritora Zélia dos Santos Diniz, autora de livros sobre a região do Vale do Araguaia, membro da Academia de Letras, Cultura e Arte do Centro Oeste e amiga de Varjão, mantém disponível para consulta um arquivo com recortes de jornais e revistas que trazem algumas notícias do autor e, também, textos escritos a próprio punho pelo escritor que subsidiaram a pesquisa sobre a sua biografia.

Ao visitar a filha de Varjão, Malba Varjão, em 2007, com o intuito de conseguir entrevistá-lo, ela me presenteou com um livro de poesias do escritor e me informou que nele Varjão usava um pseudônimo: Telpim. Segundo ela, Telpim, num código de troca de letras elaborado por ele, significa Varjão. Na maioria das poesias o assunto é o

garimpo e, principalmente, o garimpeiro, o qual é retratado por ele como homem corajoso, trabalhador e visionário. Malba emprestou-me um livro de autoria de Maria das Graças Silva Nascimento, um resultado de trabalho de final de curso em Letras, cuja temática aborda a vida do escritor e a sua obra. Contudo, a entrevista não foi concedida, pois Varjão já se encontrava em estado avançado de sua doença e estava sobre cuidados médicos em Cuiabá¹.

A pesquisa da história de vida de Valdon Varjão é importante porque, assim como em textos antropológicos (CLIFFORD, 1998), a descrição sobre Barra do Garças carrega a sua subjetividade, a realidade das situações dos interlocutores é filtrada pelas experiências, ideologias e vivências do escritor. Com isso, fez-se necessário também, compreender a trajetória deste escritor local. Segundo David Mandelbaum (1973), os estudos sobre histórias de vida enfatizam as experiências e as necessidades do indivíduo, como a pessoa lida com a sociedade em vez de como a sociedade lida com as pessoas. Tais pesquisas são de grande importância para os estudos antropológicos, pois apresentam as avaliações subjetivas das experiências do sujeito e apresentam o contexto no qual ele passa suas experiências sociais.

Como Valdon Varjão faleceu em fevereiro de 2008, a investigação de sua vida foi realizada a partir de suas obras, em especial do livro “Reminiscências”, no qual ele relata a sua chegada na região; do trabalho de conclusão de curso de Maria das Graças Silva Nascimento, “Valdon Varjão: o escritor e sua obra”; e também, por entrevistas a pessoas que o conheceram, como amigos e familiares residentes em Barra do Garças tais como: Maria do Rosário Peres Varjão, esposa de Valdon Varjão; Malba Varjão, filha de Valdon Varjão; Dona Zélia Diniz, escritora e amiga do autor; Herculano Melo, escritor e professor de história na cidade de Barra do Garças; Mario Miguez, advogado e escritor; e José Mendonça Teles, escritor goiano. Estas pessoas foram próximas a Varjão e concederam informações a respeito da sua vida política e social, bem como da história da região. As entrevistas foram realizadas nos meses de setembro e outubro de 2010. As perguntas foram adaptadas no decorrer da conversa com os entrevistados. Trata-se de entrevista semiaberta, na qual a pesquisadora leva a campo um roteiro de questões que pode ser modificado de acordo com o desenrolar da entrevista.

Nesta dissertação, a literatura de Valdon Varjão é atualizada como narrativa quase autobiográfica que se conservou na modernidade. As histórias da comunidade

¹ Valdon Varjão faleceu em 03 de fevereiro de 2008, em Cuiabá-MT, aos 84 anos.

barra-garcense são atualizadas em suas escrituras e entrecruzam o narrado e o vivido, ensejando, assim, uma reflexão sobre a relação das experiências do autor e a construção de uma memória da coletividade.

O primeiro capítulo esboça uma busca sobre a biografia do escritor para apreender como ele se relacionou socialmente e se constituiu como pessoa pública, o motivo pelo qual ele escolheu a temática local e o modo como ele selecionou alguns fatos para constituir a narrativa. Valdon Varjão se reconhece como negro, garimpeiro, político e escritor. Essas categorizações e o reconhecimento local são assuntos abordados neste capítulo.

No segundo capítulo realizo uma busca teórica para entender as narrativas de Valdon Varjão. As noções de intriga e juízo empregadas por Ricoeur (1994), e de narrativa forjada por Benjamin (1983) são fundamentais para a compreensão da literatura deste escritor local como produto simbólico. Neste capítulo, reflito sobre a opção de Valdon Varjão como escritor autodidata por sua aldeia; os acontecimentos históricos enfatizados por ele. E, ao final, discuto sobre a sua intenção de escrever uma história com “H”.

O terceiro capítulo abre espaço para a compreensão da construção dos grupos sociais propostos por Varjão: garimpeiros, sertanejos, indígenas e funcionários da Fundação Brasil Central. Este capítulo objetiva encontrar os sujeitos sociais descritos por Varjão que contribuíram para a formação de Barra do Garças. Faço um estudo sobre as relações sociais envolvidas entre essas categorias para compreender a configuração social narrada por Varjão.

O último capítulo é reservado ao tema da literatura local pensada como expressão da memória coletiva. Neste capítulo, debruço-me sobre as obras de Varjão para compreender uma versão de memória da comunidade barra-garcense a partir da ideia de que a rememoração das tradições cria uma relação de identidade. Busco enfatizar os lugares e as pessoas que se tornam *espaços de memória* de Barra do Garças, do ponto de vista de Valdon Varjão.

CAPÍTULO 1

Valdon Varjão: as transformações de uma trajetória e a repercussão na literatura

Biographies are purposeful; they select, fashion, and celebrate lives. [...] A life becomes a figure of speech or trope, an instrument that rotates, reverses, and reflects the meaning of the life.

Lola Romanucci-Ross, 2001, p. 1174.

O trecho acima relata o motivo pelo qual as biografias podem ser entendidas como *locus* de enunciação. Este capítulo tem como propósito analisar a biografia de Valdon Varjão, o modo como os aspectos relacionais das suas experiências foram selecionados, modelados e deram sentido à sua vida; e, também, verificar como tais fenômenos exerceram impacto na sua literatura.

Para David Mandelbaum (1973), estudos sobre histórias de vida permitem perceber como uma pessoa lida com a sociedade, ou seja, como as transformações sociais entusiasmam suas decisões e, como as suas escolhas influenciam nas mudanças sociais. Além disso, as pesquisas sobre biografia apresentam as avaliações subjetivas das vivências do sujeito e revelam o contexto no qual ele passa suas experiências sociais.

A biografia é entendida neste trabalho como lugar singular para análise da vida de um indivíduo que pertenceu a uma história social/cultural. Através do estudo de biografias é possível entender o processo pelo qual um sujeito traça sua trajetória e como ele o faz relacionado à sua sociedade e cultura. Giovanni Levi (1996, p. 173) afirma que a biografia possibilita responder questionamentos a respeito de “como os indivíduos se definem (conscientemente ou não) em relação ao grupo ou se reconhecem numa classe”.

Para Suely Kofes (2001) os estudos de histórias de vida possibilitam a compreensão de como os sujeitos sociais se entrecruzam em relações em que estão ligados e como se constituem como pessoas sociais. A cultura tem papel imprescindível

na formação desse sujeito, é a partir dela que ele modela a sua vida. De acordo com Marcel Mauss (2007), em seu ensaio “Uma Categoria do Espírito Humano: a noção de pessoa, a de ‘eu’”, as pessoas estão intrinsecamente ligadas ao seu personagem social inserido na sociedade que representa a totalidade. Assim, cada indivíduo cumpre uma função dentro do grupo, e a partir daí, ele vai formar a sua noção de “eu”, ou seja, como ele pensa o seu papel social no meio em que está inserido.

Tal pensamento aproxima-se ao de Maurice Halbwachs (2006). Ao realizar um estudo sobre memória, este autor enriquece o conceito de indivíduo quando pensa a memória individual atrelada ao grupo pelo qual o indivíduo é membro. Segundo ele, a memória do “eu” se encontra no ponto comum dos aspectos materiais ou vivos da lembrança. Logo, o “eu” faz parte de uma *comunidade afetiva* que está intrínseca à memória individual. Portanto, para Halbwachs, a lembrança é produto da memória individual somado à memória do grupo envolvido.

Nesse sentido, o estudo da trajetória permite levantar questões a respeito das mudanças no modo de pensar ao longo da vida, das influências desses ideais no comportamento e, no caso de Valdon Varjão, na literatura. A análise da biografia desse escritor é apresentada centrando-se na compreensão dos aspectos dinâmicos de sua vida, as principais mudanças e as condições de vida entre essas mudanças, e como elas exerceram influência nas suas narrativas.

Nesta dissertação, Varjão é considerado um escritor local que busca na oralidade o alicerce para sua narrativa e transmite conselhos e tradições a respeito da vida na comunidade (RODRIGUES, 2006a). A sua escrita é diferenciada das narrativas encontradas por Edward Said (2005), o qual percebeu que os romances europeus do século XIX se preocupavam em descrever as suas colônias a partir da Europa. Estes são autores que escrevem do exterior sobre um determinado espaço geográfico que se diferenciam dos escritores que adotam o lugar que escrevem também como lugar de vida cotidiana e familiar. Os escritores locais possuem uma relação diferente com a sociedade narrada, são relações mais próximas, entrelaçadas.

Varjão está inserido no grupo dos memorialistas que se preocupam em apresentar personagens sociais e espaços de interação, fornecer representações, valores e práticas, e estabelecer novas categorias regionais; os escritores locais registram “a história de um lugar e de seus habitantes” (JACINTO, 2004, p. 3). Tais escritores podem ser pensados como narradores ao modo de Benjamin (1983) que se conservaram na modernidade.

Para Bourdieu (1996), o pesquisador deve analisar a trajetória dentro do espaço no qual atua o biografado. Tal espaço é denominado por ele como “espaço de possíveis” e definido como um sistema de referências “que faz com que, mesmo que não se refiram uns aos outros, os criadores contemporâneos estejam objetivamente situados uns em relação aos outros” (idem, p.54). Para este autor, cada produtor, escritor, artista ou sábio produz a sua obra a partir da sua percepção das possibilidades disponíveis oferecidas em seu *habitus*, e também em função da inclinação a aceitar ou recusar esses “possíveis” de acordo com a sua posição no jogo.

Em seu estudo sobre a vida de Gandhi, Mandelbaum (1973) demonstrou como a transição por diferentes espaços influenciou as mudanças na trajetória do biografado. Ele remete à Becker (1966 *apud* MANDELBAUM, 1973) para afirmar que as experiências vividas nos espaços percorridos e o contexto no qual o biografado submete sua experiência social, oferecem evidências básicas sobre a sua interação e o processo social. Para Mandelbaum, os fatos vivenciados são fundamentais para a compreensão da história de vida de Gandhi e de sua imagem pública consagrada.

Este método de análise biográfica centrado na seleção de acontecimentos “significativos” e no estabelecimento de conexões entre eles que justificam a sua existência e lhes atribui coerência, foi criticado por Bourdieu (1996). Para ele, a narrativa biográfica nada mais é do que uma “criação artificial de sentido” (idem, p. 76).

Bourdieu afirma que tratar a vida como uma sequência coordenada e coerente, pode levar a uma ilusão retórica. O autor sugere, então, a noção de *trajetória*, em que a vida é analisada como uma “série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário” (idem, p.71). Para ele, os acontecimentos biográficos devem ser entendidos como alocações e deslocamentos no espaço social, a trajetória deve ser compreendida como uma construção de estados sucessivos inserida no campo pelo qual ela se desenrolou.

De forma aproximada à metodologia utilizada por Fernanda Peixoto (2000) em seu estudo sobre a obra de Roger Bastide, a investigação da biografia de Varjão pretende recuperar o reduto em que a obra foi gestada, compreender a sua aproximação e inclusão a certos grupos, resgatar as suas parcerias para compreender a sua rede de relações. E, com isso, compreender a formação das ideias e os sistemas de relações pessoais, intelectuais e políticos que direcionam a constituição da literatura.

A trajetória de Valdon Varjão é analisada neste capítulo, a partir de suas transições por dois campos singulares: o campo literário e o campo político. Ao longo do capítulo, o leitor poderá notar que esses campos se inter-relacionam.



FIGURA 1 –Valdon Varjão, 1987

No decorrer de sua trajetória, de órfão pobre, Valdon Varjão passa a fazer parte da elite fundadora da cidade de Barra do Garças. Além de escritor e político, Varjão foi dono do cartório da cidade. Tal cargo forneceu a ele outro *status* social que ocasionou em novas relações de poder. Esta mudança permitiu o trânsito entre as diferentes categorias de pessoas da comunidade e, também, influenciou o percurso da literatura. As obras de Varjão transitam por aspectos ligados ao folclore, às minorias e à cultura; ao mesmo tempo, privilegiam os pioneiros, pessoas que, para ele, foram importantes para a formação das cidades do Vale do Araguaia.

1.1. Os aspectos relacionais das experiências pessoais

Valdon Varjão viveu sua infância e adolescência inseridas no estilo de vida do seu grupo social. Migrante nordestino, ele nasceu em Cariús, Ceará, em 15 de dezembro de 1923, filho de Manuel Cardoso Varjão e Maria Olímpia Varjão. Seus pais, fugindo da seca do nordeste e entusiasmados pelas notícias sobre a fartura do garimpo na extração de diamantes, foram para a região do Vale do Araguaia, especificamente, para o município de Balisa, Goiás. A família chegou naquela cidade no navio chamado Lancha Gazita em 05 de fevereiro de 1928 (VARJÃO, 1981).

Nessa época Balisa vivia um período de efervescência econômica devido ao êxito nas minas diamantíferas, tal sucesso atraiu muitas pessoas para a região. Segundo Maurides Oliveira (1996), por volta de 1924 começaram a chegar à Balisa pessoas à procura dos diamantes difundidos por dois garimpeiros, Borges e Cosme. Junto com os garimpeiros chegaram capangueiros, prostitutas e os comerciantes os quais traziam suas famílias.

A família de Varjão era composta apenas por seu pai, que era ferreiro e sua mãe, lavadeira. Por ser parte de uma classe social mais baixa, Varjão teve uma infância carente economicamente. Tal padrão econômico caracterizou suas atividades infantis, as quais são narradas na obra “Balisa: Etéreas Reminiscências”, publicada em 1981.

MINHA VIDA MENINIL

Como eu era feliz
Naquela vida de paz,
Na idade adolescente,

Que os anos não trazem mais.
Meu mundo era a natureza,
Meu trabalho a vadiagem,
Estilingue, bodoque e bolitas,
Trazia como bagagem.

Não pensava no futuro,
Pobreza não deixa herança,
Hoje, mesmo abastado,
Preferia ser aquela criança.
Sem futuro e sem poupança,
Vivia uma vida feliz,
De alfaiate a sapateiro
Tentava ser aprendiz.

Pescar, nadar e correr,
Constituía meu mundo,
Amava os passarinhos,
Fui primeiro sem segundo.
Respeitava os animalzinhos,
Suas vidas indefesas,
Preservava os verdes matos,
Dessa linda natureza.

Com pés descalços e tronco nu,
Vivia só de calção,
Não invejava bem vestidos,
Desafiava a poluição.
Ar, espaço e folhas verdes,
Plantar, regar e colher,
Catar frutos silvestres,
Era todo o meu viver.

Apesar de meus pais pobres,
Vivia sem egoísmo,
Sem inveja e sem maldade,
Com a pele bronzeada,
Pelo sol causticante,
Esbelto, versátil e ágil,
Era um menino elegante.

Remar no Araguaia,
Era um dos meus brinquedos.
Cantar Bumba meu boi,
Jogar peladas em folguedos.
Tudo isso era meu mundo,
Um soldado sem quartel,
Nunca tive algum brinquedo,
Dado por Papai Noel.

O Pai era um pobre Ferreiro,
Lutava na profissão;
A mãe uma abnegada,
Na luta do ganhar pão.
Assim vivi na infância,

Sem cultura em pouca escola,
Andando de léu-em-léu,
Até virar rapazola.
Oh!... Que saudades que restam,
Daquela infância vulgar,
Menino sem eira nem beira,
Nascido para lutar.

(VARJÃO, 1981, p. 50-51).

O fato de viver momentos de penúria, aparentemente não abateu o seu modo de vida, pois Varjão apresenta a época de seus primeiros anos como momento terno e lúdico. Ele narra uma infância proveitosa e divertida na qual ele, também, demonstra o seu gosto por novos aprendizados: foi aprendiz de várias profissões, entre elas a de sapateiro e alfaiate. Segundo sua filha Malba Varjão em entrevista, ele se espelhava em pessoas que considerava pioneiras e importantes do lugar.

Manuel Cardoso Varjão faleceu quando Valdon tinha 11 anos de idade, sua mãe, Maria Olímpia Varjão faleceu quatro anos depois. Aos 12 anos, Varjão entrou na Banda Filarmônica Lira do Araguaia, da cidade de Balisa, Goiás (NASCIMENTO, 1988). Em 1938, sua banda foi convidada a tocar na festa de Santo Antônio em Barra Cuiabana². Neste evento Varjão conheceu Antônio Paulo da Costa Bilégo, o qual o ofereceu-lhe emprego no seu salão de bilhar. No entanto Varjão declinou a oferta e foi trabalhar em Monchão da Aroeira durante os anos de 1938 e 1939 (VARJÃO, 1982b).

A morte de seu pai levou Varjão a deixar, definitivamente, a cidade de Balisa - GO. Ele então decidiu transferir-se para Barra Cuiabana indo trabalhar com Bilégo e Zeca Costa. Em seguida, foi para Registro do Araguaia - GO, trabalhar na empresa de Emiliano Costa durante os anos de 1942 a 1944 (idem, 1982b). Emiliano Costa era padrinho de Maria do Rosário – futura esposa de Valdon Varjão – a qual pertencia a uma família de fazendeiros abastados, a família Peres.

Apesar de ter se tornado afilhado da matriarca da família Peres, Varjão narra que ainda era visto como pessoa de baixa classe social, e por isso não era bem-vindo nas festas promovidas pela elite local. Devido a esse obstáculo, o escritor passou a fazer parte de uma orquestra que tocava em tais eventos, assim, segundo Malba, ele tinha oportunidades de observar Maria do Rosário.

De acordo com Malba Varjão, o momento do anúncio do casamento foi um tanto conflituoso, a família de Maria do Rosário demonstrou desgosto devido à condição

² Atual cidade de Barra do Garças.

social de Valdon Varjão. Quando ele avisou a seu patrão sobre a sua intenção de casar-se com Maria do Rosário, Seu Emiliano revelou desacordo com o casamento, pois não via maneiras que levassem Valdon Varjão a sustentar uma moça de família bem provida.

Malba: E o padrinho Emiliano não perguntou com quem ele ia se casar, aí meu pai falou: “você não me pergunta com quem eu vou me casar? Vou casar com a Rosarinha”, que era o apelido da minha mãe, o nome é Maria do Rosário. Aí o padrinho da minha mãe ficou muito contrariado, falou assim: “mas como! Você casar com a Rosarinha! Você sabe o que você vai fazer? Rosarinha é uma moça de costume”. O pai da minha mãe morreu quando ela tinha 15 anos e entregou pra esse padrinho ajudar cuidar, então ele se sentia responsável e quando ele, meu pai disse que o padrinho da minha mãe, Emiliano, perguntou: “como que você vai sustentar a Rosarinha? Você sabe? Você já se olhou?”. Aí ele disse que veio aquela força dentro dele, aquela raiva, porque ele sempre foi muito audacioso, e ele disse que virou pro padrinho da minha mãe e mostrou os braços e falou: “está vendo esses braços? Eu vou sustentar a Rosarinha com esses braços! Vou trabalhar”. E assim foi o casamento. Ele achou que o padrinho da minha mãe ia oferecer um aumento porque ele ia casar com uma moça de bem. E como ele ficou admirado quando falou como ele ia sustentar ele não gostou e pediu demissão da loja.

A experiência do anúncio do casamento levou Valdon Varjão a se afastar do ambiente comercial da família de Maria do Rosário e buscar outros meios de subsistência. Nessa época, por volta de 1944, a Fundação Brasil Central estava requisitando pessoas para trabalharem na Expedição Roncador – Xingu, com a função de abrir caminho de Barra Cuiabana, atual Barra do Garças, para Nova Xavantina. Tal empreendimento permitiu que Valdon Varjão encontrasse um novo emprego. Como ele era um dos poucos alfabetizados, ficou encarregado pelo almoxarifado e pelo pagamento dos funcionários.

Malba: Meu pai era responsável pelos mantimentos e pelo almoxarifado, pelo pagamento, por tudo que dizia respeito à escrita da Fundação. Ele não ficava no barracão do acampamento, porque ele ficava com a minha mãe, então ele ficava no acampamento retirado no mato. Ele fez uma barraca de palha e de plástico e eles ficavam acampados e nesse acampamento, meu pai tem até uma poesia que fala “Lua-de-mel no Vale dos Sonhos” que ele fez pra minha mãe

quando eles completaram vinte e cinco anos de casados. E na expedição ela engravidou.

A poesia citada por Malba Varjão está presente na obra, “O Garimpeiro”, publicada em 1997 pelo Cartório do 1º Ofício de propriedade de Valdon Varjão, e relata o ambiente e as experiências vividas neste período.

LUA DE MEL

Após as núpcias de 15 de maio de 1944, fui contratado pela Fundação Brasil Central, para o almoxarifado de Vale dos Sonhos.
Foi ali nossa lua-de-mel.

NOSSO VALE DE SONHOS – NO VALE DOS SONHOS

Faz muito tempo contado
De um saudoso passado
Que não me sai da lembrança
Aqueles dias felizes
De duas vidas em matizes
Num embriagar de esperanças.

[...]

Naquele Vale dos Sonhos
Cercado de montes risonhos
Com paisagem a florir
Era o nosso mundo de encanto
Andávamos por todos os cantos
Só ansiando o porvir

[...]

Naquele distante recanto
Que nosso amor viveu tanto
Quando foi propiciado,
Geramos um belo rebento
Que foi nosso acalento
Ver nascer e ser criado.

[...]

Da partida eu lembro ainda
Foi numa tarde linda
Como linda era nossa vida:
Depois de enganosa mudança
Me ficou sempre a lembrança
Daquela vivenda florida

Tudo passou, hoje é morto
Agora com certo conforto
Até riqueza e estultice,
Para reviver aquelas horas
Da vida que tivemos outrora
Queria fugir da velhice.

(VARJÃO, 1997, p. 125-127).

A notícia da gravidez de Maria do Rosário, fez com que sua família oferecesse sociedade a Valdon Varjão na loja de Seu Bilégo e Seu Emiliano, cunhado e padrinho de Rosarinha³ respectivamente. Aqueles haviam se mudado para o povoado de Barra Cuiabana devido ao progresso gerado pelo garimpo e pelo estabelecimento da Fundação Brasil Central na cidade de Aragarças em 1944. Tal oportunidade levou Varjão mudar-se para Barra Cuiabana e estabelecer relações mais fortes com Antônio P. C. Bilégo e seus aliados.

1.2. O percurso de Valdon Varjão na política

Com o fim do Estado Novo em 1945 e a oficialização da nova Constituição Brasileira de 1946 que determinava a realização de eleições diretas para cargos executivos e legislativos estaduais, municipais e federais; Antônio Paulo da Costa Bilégo, cunhado de Maria do Rosário, candidatou-se a prefeito de Araguaiana e venceu as eleições. Em 1947 passou a ocupar o cargo de prefeito desta cidade, no entanto ele vivia em Barra Cuiabana⁴. Como a sede municipal estava em decadência e o povoado de Barra Cuiabana demonstrava certo desenvolvimento⁵, Bilégo transferiu a sede do município ao distrito e nomeou-o de Barra do Garças – MT (BILÉGO, 2009).

Tal acontecimento deu oportunidade para que Valdon Varjão, em 1948, ocupasse o seu primeiro cargo público como Secretário da Prefeitura de Barra do Garças. Este emprego gerou em Valdon vontade em seguir a carreira política, foi, então que, no mandato seguinte, em 1950, ele foi eleito vereador.

³ Apelido de Maria do Rosário.

⁴ Até esse período Barra Cuiabana era distrito da cidade de Araguaiana.

⁵ É possível que tal desenvolvimento seja resultado dos trabalhos da Fundação Brasil Central, sediada em Aragarças desde 1944. Enquanto Barra do Garças está sediada na margem esquerda do rio Araguaia, Aragarças está na margem direita.

Na eleição seguinte, ele se candidatou a vice-prefeito junto a Ladislau Cristino Côrtes. Em 1957, quando era vice-prefeito de Barra do Garças, teve de assumir o cargo de prefeito, pois Lalau (como o prefeito era conhecido) estava respondendo a processos e havia sido afastado (NASCIMENTO, 1988). Neste período, Varjão foi convocado para percorrer o rio Araguaia e fazer o “alistamento eleitoral do município [...]. Naquela eleição seriam trocados todos os títulos eleitorais, passando a ter fotografias e folhas de votação” (VARJÃO, 1980a, p. 145). Durante esta viagem, Varjão enriqueceu seu conhecimento a respeito das comunidades ribeirinhas, além disso, pôde divulgar sua futura candidatura para prefeito. Este episódio é narrado por ele no livro “Barra do Garças no Passado”:

Partimos para o primeiro morador e só encontramos duas velhas na casa e poucas crianças. Perguntados pelo proprietário essas nada souberam responder. Foi a surpresa que nos deparamos também nas demais residências, só encontrando mulheres e crianças. Pensamos que naquele povoado só existiam velhos e menores, uma vez que não havíamos encontrado um só homem. Voltamos ao porto onde estávamos abarrancados e de longe divisamos um senhor que se aproximava de onde nos encontrávamos. Iniciei a conversa me apresentando como candidato a Prefeito do município e que ali me encontrava para o alistamento eleitoral (idem, p. 146).

Devido a inúmeros fatores, entre eles o fato de ter-se feito conhecido através do “alistamento eleitoral”, em 1958, Valdon foi eleito prefeito de Barra do Garças. Em seguida, ocupou o cargo de Deputado Estadual na legislatura de 1963 a 1967, quando exerceu a 1ª Secretaria da Assembleia Legislativa de Mato Grosso. Nesse período criou o município de Nobres, Luciara, General Carneiro. Essa política ia de encontro aos interesses do Governador da época, Dr. Fernando Correa da Costa, o qual alegava que Mato Grosso não deveria criar municípios que trouxessem altos custos para o Estado (VARJÃO, 1982a).

Terminado este mandato, Varjão concorreu novamente às eleições municipais de Barra do Garças, porém não foi eleito. Ocupou, então, o cargo de Secretário da Educação até 1970 nesse município. Em 1973, tendo vencido as eleições, voltou a ocupar a prefeitura da cidade até 1976 (idem, 1982a).

Em 1978, Varjão foi convidado a ser suplente do Senador Gastão de Mattos Müller e o substituiu em dois momentos: de maio a setembro de 1980, e de outubro de

1981 a março de 1982⁶. Valdón foi considerado pela imprensa o primeiro Senador da República negro⁷.

Para a escritora Zélia Diniz⁸, este fato levou-o a se responsabilizar pelo combate ao racismo no país. Ele militou pela causa negra e pelas minorias em geral. Varjão foi ativista, também, em favor dos nordestinos denunciando o abandono por parte do Governo Federal à população que sofre com a seca. Desta preocupação surgiu uma pequena publicação intitulada “Seca no Nordeste”, na qual Valdón publicou seu discurso a respeito desse assunto:

[...] é desolador e causa tristeza dolorosa presenciar uma região tão grande do território brasileiro legado ao abandono de soluções emergentes, apesar de se estraçalharem verbas polpudas, vultosas e substanciosas, em dotações de fundo perdido, oferecendo migalhas a certos segmentos sociais [...].

Desconfiado e deixando transparecer a revolta que traz na alma, o nordestino até desafia a quem se diz componente de qualquer setor da administração pública, pois a simplicidade daquela gente sofrida até criou um tipo de distinção, para identificar a atuação governamental na área, afirmando que existem dois tipos de governo no Nordeste: O governo que presta serviço e nunca se faz presente na hora oportuna [...]; e o governo que vende serviços, sempre presente na cobrança de taxas exorbitantes de juros, de impostos [...].

Para solução a longo prazo, Sr. Presidente, o racional seriam estudos de desvios dos caudalosos rios que cercam o Nordeste, e com nível de atitude bem mais elevado que os vales dali, os rios São Francisco, Tocantins, que através de diques e aquedutos, banhassem a região afetada, através dos Vales do Jaguaribe e outros Vales do Nordeste (VARJÃO, 1980c, p. 3-5).

A experiência vivenciada na infância pode ser percebida como justificativa para o interesse do problema da seca no Nordeste. O fato de Valdón Varjão ter sido filho de retirantes nordestinos, que devido à seca tiveram de deixar sua terra natal para se aventurarem no Vale do Araguaia, pode ser entendido como aspecto definidor das suas escolhas tanto na escritura, quanto nas políticas sociais defendidas por ele.

⁶ Nesses períodos Varjão pertencia ao Partido Progressista, mesmo do presidente Juscelino Kubitschek. Porém já havia pertencido ao PSD (Partido Social Democrata) e ARENA (Aliança Renovadora Nacional) (VARJÃO, 1982a, p. 14).

⁷ No jornal a Gazeta do Vale do Araguaia n°729, ano XVII há a seguinte informação: “A presença de Valdón Varjão despertou na imprensa o sensacionalismo com reportagens de grandes repercussões devido a sua cor, anunciavam ser o 1º negro no Senado Federal”.

⁸ Zélia Diniz é escritora e foi responsável pela correção dos manuscritos de Valdón Varjão. É, atualmente, a presidente da Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro Oeste.

Enquanto Senador, Varjão criou alguns projetos de lei, nos quais se destacaram o Projeto que proíbe a discriminação de todas as formas e o Projeto de Lei que proíbe a venda ou anúncio de tecidos ou órgãos do corpo humano. A escolha pessoal por esses aspectos para militância surtiu impacto nas discussões em instituições sociais a respeito de tais problemas. Ambos foram divulgados na imprensa⁹.

Varjão assumiu o cargo de Deputado Federal de 1983 a 1989, no qual deu continuidade à defesa das minorias (TAVARES, 2004a). Em 1993 foi eleito, novamente, a vereador de Barra do Garças e ocupou o cargo por dois mandatos, até o ano 2000. No ano de 1996 Valdon Varjão apresentou um projeto de Lei que previa a destinação de cinco hectares para construção de um aeroporto de discos voadores no Parque da Serra Azul. Com a aprovação na Câmara, Valdon Varjão foi buscar apoio para a construção do discoporto nas companhias estrangeiras.

Zélia: O Discoporto aconteceu muitos anos depois, foi um projeto de Valdon Varjão, ele era vereador e vislumbrou a possibilidade de colocar a Barra do Garças em evidência. Ele trabalhou a vida inteira pela divulgação de Barra do Garças lá fora. Em contato com pessoa ligada a essa situação de misticismo, idealizou esse Discoporto, muita história de disco voador por aqui, ele fez o projeto ser aprovado na Câmara, isso foi um escândalo internacional, mas que tem sua razão de ser, porque dentro dessa divulgação internacional ele foi parar no programa do Jô Soares que é um programa classe A. Mas ele recebeu outras propostas. Um grupo de empresários alemães propôs construir o complexo do Discoporto com pistas de pouso, hotéis, tudo de direito de primeiro mundo pra trazer turistas da Europa. E o prefeito, na ocasião, não entendeu a mensagem. Os alemães propuseram um comodato de trinta anos, construir, explorar e em trinta anos entregar pro município, mas o prefeito não entendeu. Mais tarde veio uma rede de televisão do Japão, também com uma proposta de urbanizar e transformar num pólo turístico, também não foi aceito. Se na ocasião tivesse feito o comodato conforme os alemães propuseram, de trinta anos já se passaram 18, 19, já estava pertinho de devolver. Então ninguém tomou nenhuma providência, o assunto foi internacional, todo mundo que chega em Barra do Garças, quer ir ao Discoporto, e lá tem uma réplica de um disco voador que o próprio Varjão pagou pra fazer e está lá em decadência.

⁹ Ver reportagens no Anexo 5.

Devido à criação do Discoporto, Valdson Varjão foi coagido, criticado, difamado e ridicularizado. A entrevista realizada no programa do Jô Soares¹⁰ demonstra como muitos consideravam a sua criação uma bizarrice. No entanto, Varjão justificava-se afirmando que na região de Barra do Garças havia muitas lendas a respeito de extraterrestres e objetos voadores não-identificados que necessitavam de um espaço para pousar. Segundo ele, muitos grupos místicos foram para Barra do Garças devido a tais histórias. Contestações à parte, a história sobre o Discoporto foi repercutida nacionalmente. Alguns programas de TV se interessaram pelo assunto e passaram a propagar a notícia. Assim, o Discoporto tornou-se mais um ponto turístico na cidade de Barra do Garças, passando a atrair turistas de todo o país.

A inserção na política e, principalmente, a passagem pelo Senado Federal renderam a Valdson Varjão maior visibilidade a sua pessoa enquanto negro filho de retirantes nordestinos. Durante esse período, Varjão teve oportunidade para militar pela causa negra e divulgar suas angústias e propostas de abrandamento das discriminações sociais.

1.3. A inserção da causa negra na trajetória do escritor

Ao ocupar o cargo de Senador da República, Valdson Varjão foi reconhecido pela imprensa como primeiro Senador negro do país. Tal nomeação causou o interesse em militar por esta causa. Seus discursos foram publicados na obra “Negro Sim, Escravo Não”, nela o autor declara:

[...]

Mas, se a nossa raça africana se dispôs a perder as suas características específicas, para compor o quadro étnico da nova terra, esta não lhe tem sabido ser grata e vem respondendo à boa vontade com discriminação e o preconceito.

[...]

A Lei Afonso Arinos foi o instrumento de ordem legal colocado ao nosso alcance para o combate à agressão que alguns setores da sociedade branca praticavam com os descendentes afro-brasileiros (VARJÃO, 1980b, p. 11-12).

¹⁰ A entrevista está disponível no site do Youtube e pode ser acessada através do link: <http://www.youtube.com/watch?v=QsMvo-0uf0E>

A Lei Afonso Arinos, nº 1.390, proposta por Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990) e aprovada em 3 de julho de 1951 “inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de cor” (BRASIL, 1988). Durante o pronunciamento, Varjão foi interrompido pelo senador Passos Porto o qual considerava a discriminação inexistente no país. Este se dirigindo a Varjão afirmou:

V. Ex^a é bem-vindo a esta Casa não pela sua condição de negro, não pela sua origem modesta; V. Ex^a é recebido nesta Casa porque é um representante legítimo do povo de Mato Grosso. V. Ex^a em seu discurso traz ao debate do Senado o problema da discriminação racial no País, o que em absoluto não acreditamos existir, mesmo porque somos uma raça mestiça. Consideramos até a Lei Afonso Arinos um excesso legal [...] (Idem, p. 13).

A fala do senador Passos Porto está carregada por um discurso ideológico de negação à existência de discriminação racial no Brasil, o que a torna ainda maior. Segundo Bernardino-Costa, Dos Santos e Silvério (2009, p. 215) a existência das desigualdades sociais foi negada pelo Estado brasileiro no século XX, em prol da construção da identidade nacional. No entanto, essa política não diminuiu as diferenças, “mas foi um dos principais fatores para o aumento dessas desigualdades”.

O combate à discriminação racial marcou a carreira política de Valdon Varjão. Segundo Zélia Diniz em entrevista, Varjão era o político das minorias.

Zélia: Ele, no Senado, e depois na Câmara Federal, trabalhou muitas situações em favor da negritude. Ele colocou projetos, ele trabalhava em favor das minorias, não só do negro, mas na ocasião, ele considerava a mulher como minoria, o indígena como minoria. Ele trabalhou pelas minorias. Ele se dizia “o político das minorias”. A sua pergunta, “se ele militou pela causa?”, sim, ele percorreu vários estados defendendo a causa negra, eu acredito até que a força do movimento tenha surgido dele.

Além dos proferidos no Senado Federal, Valdon Varjão realizou vários discursos em favor da causa negra em outros estados da Federação, como por exemplo, o discurso

pronunciado na Assembleia Legislativa de São Paulo, em que o Senador rogou pelo banimento do preconceito e da discriminação racial.

Considerando o negro como coisa, como fez a sociedade branca, foi fácil confiná-lo aos pardieiros e infectos limites das senzalas e ali submetê-lo à imposição de normas de trabalho e exploração de toda a sua capacidade vital.

[...]

Mas alguns que não perderam de todo o vigor trazido do continente africano começaram uma luta de recondicionamento dos valores, das tradições e do orgulho da raça; empunhando a bandeira do humanismo, e levando o mandamento da igualdade como princípio e credo, partiram em busca do direito da convivência igualitária.

Encorajados pela ousadia desses utópicos pregadores das liberdades humanas, outros filhos da raça a encamparam e tomando nas mãos a linha ascensional desse movimento, desse ideal, passaram a conscientizar os irmãos do papel que têm na redenção e reposição da raça na trilha de suas origens, para dali, conscientes de seu acervo humano estradear uma trajetória de competição consciente que permita paralelizar suas aspirações, pois hoje aquela diferença cultural transmudou-se em diferença econômica, que se procura manter a todo custo, por uma questão de conveniência, tentando impedir o acesso do contingente negro aos vários setores das atividades hodiernas, a ponto de nos permitir afirmar que o conflito nos dias atuais é menos ideológico que econômico, é mais o confronto entre riqueza e a pobreza.

[...]

Pretendo continuar denunciando, como já fiz da tribuna do Senado, o preconceito e a discriminação, para que possamos ver ruírem, entre nós, as últimas cidadelas do racismo retrógrado e intolerante.

Propus ser na Câmara Alta um porta-voz das minorias – raciais e sociais – e não descansarei e envidarei todos os esforços na defesa dos seus direitos.

Para tanto conclamo todos os homens de boa vontade a participar da grande cruzada na defesa dessas minorias.

[...]

A discriminação seja branca ou negra é condenável e inadmissível na sociedade moderna, e aceitá-la, sob qualquer roupagem, seria negar ao que nos propusemos (VARJÃO, 1980b, p. 26-28).

De forma semelhante, em Fortaleza, Ceará, na ocasião da fundação do Partido Popular, Varjão fez um pronunciamento no qual também manifestou o seu repúdio à escravidão e ao racismo.

Mas Senhoras e Senhores, meus irmãos aqui presentes, daquele memorável 13 de maio de 1888, em que nem os agouros do Barão de Cotegipe conseguiram abalar a disposição firme da Princesa Regente, que lhe vaticinara que assinando a Lei Áurea ela libertaria uma raça, mas perderia um trono, fato que a Proclamação da República no ano seguinte de 1889 veio a confirmar, daquele dia da redenção da nossa raça ficaram os resquícios da intolerância, do inconformismo revelados no preconceito racial e na discriminação da cor que até hoje, aqui e ali, salpicam do negror da estupidez a claridade exuberante do sol da liberdade que redimiu uma raça da pecha infamante ‘escravidão’ (idem, 1980b, p. 37).

Em visita ao Rio de Janeiro, Valdon Varjão recebeu a denúncia de que “alguns edifícios da Zona Sul do Rio de Janeiro não permitem que negros utilizem o elevador social” (VARJÃO, 1982a, p. 167). Ao ouvir tal declaração, Varjão acentuou no Congresso a sua intolerância à discriminação:

Precisamos identificar esses criminosos, denunciá-los para que recebam a merecida punição pelo desrespeito à lei e mais do que isto, pela monstruosa desumanidade que tal atitude representa. É uma afronta e uma inominável humilhação a que se submete um cidadão brasileiro, que pelos dispositivos constitucionais merece respeito da igualdade que ali lhe é assegurado (idem, 1982a, p. 167).

As declarações e pronunciamentos levaram Valdon Varjão a criar um projeto de lei contra a discriminação de todas as formas anunciado em 3 de dezembro de 1981. O Projeto de Lei do Senado nº 371, de 1981

Proíbe qualquer critério discriminatório envolvendo sexo, raça, credo religioso, trabalho, estatura, idade ou qualquer outra circunstância decorrente do nascimento e independente do direito de escolha pessoal do indivíduo, e dá outras providências (VARJÃO, 1982a, p. 129)

A sua militância em favor da causa negra gerou, na população local, um reconhecimento de Valdon Varjão como personagem do lugar defensor da causa negra. Em fevereiro de 2010, a escola Jardim Araguaia da cidade de Barra do Garças ficou em quarto lugar na seleção de projetos sobre Cultura Afro-descendente em Mato Grosso.

Aquela cita Valdon Varjão como referência local sobre a história da raça negra. Os projetos selecionados farão parte de um livro intitulado “Mama África” (CONSELHO ESTADUAL DE PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE NEGRA – SÃO PAULO, 2010).

O fato de Valdon Varjão ser negro, nascer em família pobre de retirantes nordestinos e tornar-se órfão na adolescência, o levou a lutar pela sobrevivência por sua própria conta. Além disso, ele vivia numa terra onde as famílias abastadas comandavam o poder local. Varjão sofreu discriminações de várias espécies, por ser pobre, negro e também por não ter cursado o ensino superior. Apesar do escritor não relatá-las em seus livros, sua filha, Malba Varjão, comentou a oposição inicial por parte da família de Maria do Rosário ao casamento com Valdon Varjão. Além disso, o escritor José Mendonça Teles¹¹ conta um episódio em que Varjão foi discriminado, em Brasília, por um dono de restaurante ao qual Varjão havia pedido por comida, pois ele tinha esquecido sua maleta com documentos e dinheiro em Barra do Garças.

A discriminação sentida na pele pode ser um dos motivos que o levaram a lutar pela causa negra e das minorias em geral. Outra razão foi o fato dele ser o primeiro Senador negro no Brasil. A intensa divulgação na mídia provocou em Varjão a responsabilidade de lutar pela causa e defender os direitos dos negros no Congresso Nacional, como afirma Zélia Diniz:

Zélia: Ele estava como senador e Barra do Garças apareceu, assim, no cenário nacional como um senador, um senador negro. Isso despertou a atenção da imprensa nacional. Ele precisou fazer valer a sua condição de senador e negro – que ele não omitia esse detalhe – pra que sua cidade fosse conhecida, então ele passou a escrever o que era Barra do Garças. Porém, ele já tinha ensaios em apostilas, informações para estudantes desde muito tempo, mas então ele começou a escrever. Quando ele estava no Senado, ele escreveu seu primeiro livro e não parou. Cada um abriu o espaço para outro, foi trabalhando as memórias, as situações e vislumbrou as cidades por onde ele teve convivência aqui na região.

Além da visibilidade conquistada através da estada no Senado, nesse período Varjão teve oportunidade de divulgar suas obras. Muitos de seus livros foram

¹¹ Em entrevista. José Mendonça Teles é escritor goiano e foi muito amigo de Valdon Varjão.

publicados pela editora do Senado Federal a qual tinha interesse em publicar obras de valor histórico e cultural.

É importante ressaltar que Varjão teve a preocupação de que seus livros não fossem comercializados, ele procurou sempre doá-los para as escolas, bibliotecas, Academias de Letras, amigos, estudantes e curiosos.

Conforme em entrevista, sua filha relata:

Malba: Ele nunca se intitulou escritor, ele se dizia curioso, estudioso, autodidata, contista. Ele nunca vendeu um livro. [...] Ele nunca teve a ambição de ser considerado um escritor ou de vender algum livro, de ganhar dinheiro através da literatura. Todos os livros dele foram doados.

Varjão não se reconhecia como escritor propriamente dito, ele se autoafirmava autodidata e curioso. Segundo Andréa Jacinto (2004), os autodidas buscam construir o caminho para o conhecimento por sua própria conta. Eles “são apresentados como aqueles que plantam a árvore do saber e da memória para as gerações seguintes” (idem, p. 10).

1.4. A trajetória de Valdon Varjão no campo literário

Andréa Jacinto (idem) afirma que os escritores locais sentem-se responsáveis por registrar a história de um lugar a partir da própria comunidade. Eles narram grandes acontecimentos e eventos cotidianos da cidade entrelaçados a suas próprias experiências de vida.

De acordo com a autobiografia de Varjão, o interesse de registro da memória aconteceu depois de uma visita à cidade de Balisa com seu filho mais novo que se formara em Engenharia Civil. Naquela visita, Valdon pretendia que seu filho construísse um túmulo digno a seus pais que haviam sido enterrados em cova rasa, porém, ao chegar ao cemitério, Valdon não conseguiu identificar a sepultura.

Quando meu filho caçula cursava Engenharia Civil, no ano de sua formatura pedi a ele que seu primeiro trabalho profissional fosse o

projeto de arquitetura do túmulo de seu avô paterno, enterrado em cova rasa, na necrópole primitiva de Balisa. Para ali nos dirigimos com o intuito de estudo topográfico, entretanto não pude localizar com precisão onde estavam enterrados os restos mortais de meu velho pai.

Dali me surgiu o ideal de escrever livros que falassem daquela cidade, berço de minha infância, já que no torrão do nascimento não tivera a felicidade de viver a meninice.

Daquela época para cá, fui catalogando fotografias do antanho, para reviver o passado, pois só as fotografias têm o poder de deter o tempo e fazer reviver lances já esquecidos, trazendo-nos recordações e saudades, fazendo o reencontro com a vida de menino, daquele menino pobre, alegre, feliz, cheio de sonhos mirabolantes, que, saindo do casulo infantil, se metamorfoseou com as asas da vida (VARJÃO, 1993, p. 23).

Outro motivo que o levou a se preocupar com o patrimônio cultural foi a percepção de que a cidade entrara em decadência devido ao esgotamento das minas diamantíferas.

De acordo com Maurides Filha (1990), a partir da década de 1960 as minas diamantíferas começam a se esgotar, o garimpo entrou em decadência e a cidade de Balisa enfraqueceu economicamente. Tais descontentamentos sensibilizaram Valdon a valorizar a história do lugar e as pessoas que nele viveram, como é possível perceber neste relato:

O rastro ofuscado de lembranças indeléveis e de recordações inarráveis, reticuladas na mente naqueles instantes, levou-me a procurar descrever neste opúsculo, com crônicas, lembranças dos dias apoteóticos daquela terra, dos seus traços e das pessoas marcantes já olvidadas pela névoa do tempo (VARJÃO, 1981, p. 29).

Valdon Varjão começou a escrever em 1971. Quando ocupava o cargo de Secretário da Educação de Barra do Garças, ele percebeu a ausência de material didático a respeito dos aspectos geográficos, sociais e históricos do Vale do Araguaia. Devido a essa carência, ele redigiu uma apostila para estudantes com informações sobre aspectos gerais e geográficos de Barra do Garças. Nessa apostila, ele já destacava a cidade como um pólo turístico regional.

Em seguida, ele criou e editou a revista *Gazita Magazine* com o tema: “Nascemos com um ideal: promover Barra do Garças” (TAVARES, 2004a, p. 7).

Plagiando o nome da lancha a vapor “Gazita” que circulava pelo rio Araguaia, transportando produtos e pessoas entre os anos de 1927 e 1933, Varjão narrava, em forma de ensaios, acontecimentos, causos que eram contados pela população local e realçava personagens consideradas por ele, importantes na região. Segundo Malba, Varjão escrevia, editava e doava a revista para a comunidade.

Com a entrada no Senado, Valdon Varjão teve oportunidade de publicar esses ensaios em livros através da editora do Senado Federal. Sua primeira publicação foi um livro intitulado *Barra do Garças no Passado*, no qual ele reuniu informações sobre história da cidade. A narrativa inicia-se com o povoamento da vila, em 1924, em seguida, o autor aborda o garimpo, a Marcha para o Oeste, a Revolta Morbeck *versus* Carvalhinho e a Revolução de Aragarças. Na segunda parte, ele relata questões sobre os povos indígenas e o folclore regional. Por fim, há narrativas de causos locais.

Grande parte de suas obras abordam aspectos da realidade das cidades do Vale do Araguaia. Tal tendência pode estar vinculada, também, ao seu contato com Antônio Paulo da Costa Bilégo, o qual havia escrito manuscritos a respeito da formação da cidade de Barra do Garças. Bilégo conhecia as histórias da região e costumava narrar para seus próximos. É possível que Valdon tenha sido influenciado por aquele quando passou a registrar tais histórias em livros. Para atingir tal propósito, Varjão mergulhou, então, na pesquisa sobre a história dessas comunidades.

Após a publicação do livro *Barra do Garças no Passado*, ele lançou um livro sobre a cidade de Balisa, onde viveu a infância e a adolescência. A obra *Balisa, Etéreas Reminiscências* surgiu após a visita de Varjão, acompanhado de seu filho, àquela cidade, em viagem já mencionada anteriormente. Neste livro, o autor narra a história de Balisa com afeto e nostalgia. Esta cidade passou por tempos áureos no período de descoberta de minas de diamantes; e devido à escassez dessas minas, entrou em decadência (MACEDO FILHA, 1990).

O escritor publicou outras obras sobre a história de Barra do Garças, como por exemplo, *Barra do Garças (migalhas de sua história)*, *Barra do Garças: Um pouco de sua história*, *Janela do Tempo: homenagem ao passado* e *Epopéia dos Sertões*. Tais obras são repletas de imagens de espaços de memória e de personagens locais. A intenção do autor era dar um caráter de permanência e durabilidade a essa memória e fazer com que os leitores se identificassem com a história narrada.

Em suas narrativas Valdon Varjão exalta os trabalhadores do garimpo, demonstra afeto e admiração a esses sujeitos. O escritor chegou a se aventurar nessa

ocupação, porém, não obteve êxito nas suas tentativas. A ênfase a esse grupo pode estar vinculada às suas vivências e relações de quando vivia em Balisa. Segundo Maurides Oliveira, na primeira metade do século XX esta cidade se movimentava em função do garimpo.

A Balisa das décadas de 30 e 40 apresentou-se para nós com seus espaços sociais bem delimitados [...]. As imagens de Balisa, a partir desse período, mostravam uma cidade ordeira, festiva, onde todos, com uma mentalidade visionária, chegam aos garimpos, e obtém êxito. Esta é a imagem de Balisa para os comerciantes e principalmente exportadores de diamantes, que viviam uma vida confortável (OLIVEIRA, 1996, p. 71-72).

De acordo com Malba Varjão, o insucesso nesse trabalho não impossibilitou o surgimento de uma admiração à suposta coragem do garimpeiro e a sua constante esperança. A partir dessa admiração, Varjão construiu vínculos de amizade com garimpeiros e passou a ter interesse por essa ocupação. Tal curiosidade resultou em dois livros especificamente sobre o assunto, nos quais o autor considera os garimpeiros heróis anônimos.

O primeiro livro, também publicado pela editora do Senado Federal no ano de 1987 intitula-se *Garimpeiros: Visionários da Esperança*. Nesta obra Varjão apresenta lendas e superstições do garimpo, os nomes peculiares dados pelos garimpeiros às pedras preciosas, as regras para manter a coesão no interior da comunidade garimpeira e, também, gírias próprias deste grupo. O segundo livro, editado e publicado pelo Cartório do 1º Ofício de Barra do Garças¹² em 1997, o qual tem por título *O Garimpeiro*, reúne vários poemas, a maioria deles trata do garimpeiro como personagem robusto e batalhador, como por exemplo:

O ANDARILHO DAS SELVAS

Cansado, exausto pela rudez da fadiga
De procurar o diamante desejado
Suas chagas o impedem que prossiga
E o ordenam que descanse sossegado!

¹² Valdon Varjão era tabelião deste cartório.

Depois de seu vigor ter alcançado
Vai mergulhar nas profundezas do regato
Que corre sussurrante sobre o prado
E segue refrescando orlas e mato!

Conheci o Garimpeiro bem de perto
Apertava sua mão pobre e grosseira
Calejada pela aspereza do deserto!

O Andarilho das selvas tem afeto
À Bateia tosca, sua companheira
É arrogante, resignado e discreto!

(VARJÃO, 1997, p.27).

Outro interesse de Valdon Varjão foi a maçonaria, iniciado na Loja de São João de Guiratinga, Valdon foi um dos fundadores da Loja Maçônica Acácia do Araguaia. A convivência neste grupo e a necessidade de um guia para os próprios obreiros levaram Varjão a publicar um livro a respeito da maçonaria, intitulado *Como e Por que Trabalham os Pedreiros Livres*. Nele, Varjão relata a história de fundação da Loja Maçônica Acácia do Araguaia, e, a partir de fontes como Nicola Aslan, Manuel Gomes, Jorge Buarque Lira, Rizzardo da Camino e Joaquim Gervázio, o escritor descreve alguns símbolos maçônicos, narra o rito de iniciação, o ambiente, apresenta um glossário, e por fim, faz uma descrição geral do ritual maçônico.

A grande quantidade de publicações¹³ e o seu valor cultural resultaram no convite de ingresso ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; à Academia Mato-Grossense de Letras; à Academia Paulistana de História; à Academia Anapolina de Filosofia, Cultura e Letras e Academia Maçônica de Letras. Tais títulos conferiram a Varjão o reconhecimento e a identificação como parte do grupo de escritores regionalistas.

1.5. O reconhecimento local

Embora não se auto-definisse como escritor, Valdon Varjão foi reconhecido como tal e passou a fazer parte desse grupo. Conforme o relato de Zélia Diniz, o envolvimento de Varjão com escritores de outras localidades o conduziu para a criação

¹³ O quadro do Anexo 1 possibilita uma visão geral das obras mais destacadas de Valdon Varjão.

da Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro Oeste situada no Centro de Barra do Garças.

Zélia: Ele tinha amizades com pessoas como José Mendonça Teles, como Bariani Ortencio, como alguns escritores de Cuiabá, com o presidente da Academia de Letras Piracicabana. E dessa amizade, eu imagino que tenha surgido o interesse dele em criar uma academia para Barra. E ele foi muito além, ele não limitou Barra do Garças, ele colocou como Centro-Oeste e congregou aqui na Academia escritores de Goiás, de Mato Grosso, as pessoas da região, Aragarças, Barra do Garças, pessoas de São Paulo, havia até um acadêmico do Rio Grande do Norte. Mas eu desconheço o critério dele em selecionar essas pessoas para colocar na Academia.

Zélia Diniz afirma, em entrevista, que Valdon Varjão era considerado um *mecenas*, protetor e estimulador dos escritores da região. Com a criação da Academia de Letras a finalidade era proporcionar aos artistas e escritores a divulgação dos seus trabalhos. Bariani Ortêncio, em matéria publicada no O Popular, também classifica Varjão como Mecenas:

Eu quero falar aqui é do Mecenas Valdon Varjão, que é mecenas e escritor. Tem bons livros publicados, livros de raízes, de estórias e histórias, literariamente bem cuidados. [...] Valdon Varjão se tornou escritor e mecenas, mas depois de muitas conquistas, muitas glórias, riqueza adquirida por ele próprio. De garimpeiro aventureiro passou a prefeito, deputado, senador e secretário de Estado. Fui lá na Barra do Garças onde impera este homem forte, negrão apumado, bonachão e dono de cartório. Fundou a Academia de Letras, Artes e Cultura do Centro Oeste, ocupada por mato-grossenses e goianos (ORTÊNCIO, 1987, s/p).

A classificação de Mecenas foi dada a Varjão por escritores que o consideram uma pessoa protetora e estimuladora dos literatos e artistas. Tal julgamento resultou na nomeação de duas instituições culturais de Barra do Garças, a Biblioteca Municipal Valdon Varjão e a Casa de Cultura Valdon Varjão.

Seguindo essa tendência, o escritor José Mario Miguez, morador de Barra do Garças e membro da Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro Oeste, em

entrevista, caracterizou Valdon Varjão como precursor da literatura em e sobre Barra do Garças.

Aline: Como era a relação de Valdon Varjão com os escritores aqui do Vale do Araguaia?

José Mario: Era muito boa, Valdon era boníssimo. Ele sempre deu apoio. Ele era receptivo com todo mundo.

Aline: Como Valdon Varjão era reconhecido no meio literário em Barra do Garças?

José Mario: Ele era muito bem visto, muito bem quisto, inclusive pelos Vilas Boas que foram contemporâneos dele. Eles falam muito bem do Valdon Varjão.

Aline: Como você enquanto escritor e também membro da Academia, vê a presença de Valdon Varjão para a formação desse ambiente literário na região?

José Mario: O Valdon é um cara voltado pra região, então tudo o que ele, fez literariamente falando, ele fez voltado pra região. Tanto é verdade que várias publicações dele são história de Barra do Garças. O Valdon Varjão foi um precursor da historiografia de Barra do Garças, isso foi dito pelos Vilas Boas. Ele contava muitas experiências.

No jornal de maior circulação da cidade, *A Gazeta do Vale do Araguaia*, é possível encontrar matérias a respeito de Valdon Varjão as quais consideram a sua obra literária “de um valor inestimável por cultivar a nossa história e nossos costumes [...]. Varjão sempre divulgou e propalou a história de Barra do Garças” (TAVARES, 2004b, p.07). Este escritor recebeu, em abril de 1982, o título de cidadão barra-garcense. Considerá-lo como escritor local não envolve a questão do nascimento, mas sim o compromisso político e a rede de relações com a comunidade que o adota, o que resulta num reconhecimento social local (RODRIGUES, 2006a).

Entretanto, para o historiador e membro da Academia de Letras, Cultura e Arte do Centro Oeste, Herculano da Silva Melo, Valdon Varjão apoiava os artistas que estavam vinculados aos seus ideais. Em entrevista pergunto a Herculano:

Aline: Como era a relação de Valdon Varjão com os escritores do Vale do Araguaia?

Herculano: Como eu falei, Valdon Varjão era político. Quem falasse a língua dele estava com ele. Ou às vezes quem não o contrariasse também estava com ele. Ele era muito de tentar se autopromover, ele gostava muito dessa questão. Tanto é que uma vez nós fizemos um

trabalho pela Academia, foi uma coletânea, entre os acadêmicos, ele que encabeçou o projeto, então cada um deu a sua contribuição, duas poesias, três poesias, ou outra matéria qualquer e ele ficou tão emocionado com aquilo que queria ver logo produzido, publicado, e fez aquela coisa lá, na pressa, saiu tudo errado, tudo mal feito, sem correção, e depois aquilo doeu muito na cabeça dele porque os próprios acadêmicos se voltaram contra ele, porque ele não tinha assim aquela humildade de correr atrás e, de alguém que pudesse estar acima dele pra ajudá-lo naquela organização metodológica, então ele queria era ver o nome dele estampado em tudo. Aí nesse momento ele acabava se perdendo, descaracterizando o trabalho que ele mesmo fazia, ficava tudo errado.

Aline: Sobre a Academia de Letras, você participou dessa elaboração, você falar um pouco desse processo, de onde veio a ideia?

Herculano: Isso foi um sonho do Valdon Varjão mesmo. Porque ele já participava da Academia Matogrossense, Instituto Geográfico. Ele tinha conseguido mais destaque porque ele tinha sido Senador da República. Ele fez um dos livros dele lá na Editora do Senado. Então ele conseguiu se tornar conhecido. Aí ele fez parte da Academia e quis trazer pra cá essa experiência pra deixar marca. Mas aquilo foi gerado mais de uma vontade bem política dele, tanto é que na presidência dele ingressaram muitos elementos que não tinham nada a ver com a escritura, com esse mundo acadêmico, nunca tinha escrito uma carta foram levados pra Academia por razões políticas, por exemplo o Dr. Carolino que era prefeito na época só porque cedeu o terreno; Humberto Bosaipo só porque era deputado, teve outras figuras que ele levou. Se você fosse olhar o critério mesmo, ninguém entraria, poucos entrariam, né. Mas teve essas questões políticas. Tanto é que esses membros, a ajuda que eles deram na Academia foi somente essa mesmo. Eles fazem parte só pra preencher o cadastro, eles não são ativos.

É possível perceber que a trajetória enquanto homem político gerou conflitos no seu percurso dentro do espaço literário. Valdon Varjão estava vinculado a uma personalidade política, de homem de ação, a qual o levou a tomar decisões impulsionadas por interesses políticos que entraram em choque com interesses alheios.

No entanto, Herculano também reconhece Valdon Varjão como autor primeiro a registrar a memória histórica da cidade de Barra do Garças.

Aline: Ele foi um dos primeiros a escrever sobre Barra do Garças?

Herculano: Eu acredito que ele tenha sido o primeiro a organizar esse contexto da história de Barra do Garças, foi ele mesmo que se preocupou com isso. Por isso que ele é muito respeitado, todo mundo recorre ao trabalho dele, é a fonte que se tem. O município apesar de ser novo, o pessoal não teve o cuidado de preservar a documentação. Por exemplo, aquela documentação que transfere o município de

Araguaiana pra Barra, ninguém sabe mais onde está, se é que existe, outros falam que isso já foi jogado fora. Resgatar essa história não é fácil, então tem que recorrer a Valdon Varjão mesmo.

A literatura de Valdon Varjão aproxima-se dos “textos primeiros” definidos por Foucault (2008) “como narrativas maiores” as quais se conservam devido à imagem que carregam de conterem riquezas ou segredos, “são também esses textos curiosos, quando se considera seu estatuto, e que chamamos de literários” (idem, 2008, p. 22). Tais textos são fundadores de ideias, possuem uma característica de permanência e estão sujeitos a reatualizações e críticas pelos textos segundos.

Para Rodrigues (2006a), os escritores locais percebem certa “ausência” de história escrita sobre seu lugar de origem e passam a realizar pesquisa sobre a região. “Esses escritores acabam sendo os autores dos ‘textos primeiros’ [...] como agentes da instituição de uma historicidade, de um registro primeiro” (idem, 2006a, p. 80).

O sentido de escrever sobre Barra do Garças e o Vale do Araguaia sintoniza-se ao de *relato de espaço* definido por Michel de Certeau (2007), segundo o qual, tais narrativas são práticas de espaço que selecionam e organizam os lugares num só conjunto. Nesse sentido, podemos considerar que a literatura local institui o lugar “próprio” em que os “elementos considerados se acham uns *ao lado* dos outros”; e, ao mesmo tempo cria espaços ao temporalizar e organizar os lugares nas narrações. Trata-se de relatos construídos numa “página em branco” em que o autor determina e organiza o lugar próprio (idem, 2007, p. 201).

Estudos antropológicos sobre literatura investigaram textos cujo lugar de enunciação se faz a partir do município ou da região e não da capital ou da nação. Nessa perspectiva, as narrativas enfocam personagens sociais e cenários de interação, apresentam representações morais, simbólicas e práticas (JACINTO, 2004). Além disso, “identificam a formação de espaços culturais circunscritos” (RODRIGUES, 2006a, p. 19).

Esses textos são considerados escrituras locais, nas quais o escritor busca nos testemunhos, nas suas memórias e experiências fundamentos para constituir e instituir a narrativa sobre a sua comunidade. Tais relatos podem ser pensados como textos artísticos que transmitem representações culturais, pois são produções simbólicas que trazem referências de lugares, pessoas, grupos, acontecimentos e costumes, e possuem cunho quase autobiográfico.

CAPÍTULO 2

As Narrativas de Valdon Varjão como campo etnográfico

Segundo Antonio Candido (2000), nos anos de 1930, a literatura foi marcada por “uma inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado [...] preponderância do problema sobre o personagem” (idem, 2000, p. 123). Essas obras se caracterizavam como ensaios histórico-sociológicos que realizavam pesquisa sobre uma identidade nacional e apresentavam um enredo composto por: meio social, paisagem e problema político. Segundo o crítico literário, ensaios sobre o papel do negro, do índio e do colonizador, assim como textos sobre o Nordeste canavieiro se multiplicavam na década de 1930. Este decênio é um período de intensa pesquisa e interpretação do país.

No Centro-Oeste brasileiro, a ideia de utilizar a literatura como produtora de identidade chegou durante os anos de 1950. Borges (1986) pressupõe que esse atraso se deva ao isolamento geográfico da região, assim as mudanças de perspectiva, os acontecimentos culturais e históricos chegavam com acentuado retardamento cronológico. Para Rodrigues (2006a), as primeiras experiências mais sistematizadas de constituição de uma história literária goiana se deram no período de 1960 e consagraram nomes como Gilberto Mendonça Teles, Modesto Gomes, Antônio Geraldo Ramos Jubé e Victor de Carvalho Ramos.

Em Mato Grosso, os primeiros representantes da literatura resistiram às tendências instauradas pelo modernismo e sintonizaram-se com a tendência regionalista. Segundo Hilda Magalhães (2002), a partir da década de 1950, com a implementação de programas do governo de Getúlio Vargas, o estado de Mato Grosso passou a receber migrantes de todas as partes do país. A maior interação entre o estado e o governo federal – devido à Marcha para Oeste instrumentalizada pela Fundação Brasil Central e depois aos investimentos realizados pela Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e pela Superintendência para o Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO) – resultou num maior dinamismo no estado. Os escritores da segunda

metade do século XX se direcionaram para as questões relacionadas às mudanças sociais e culturais ocorridas a partir da implantação desses programas.

As narrativas de Valdon Varjão podem ser localizadas neste contexto. Seus escritos enfocam as transformações sociais que se deram no Vale do Araguaia devido à extração de pedras preciosas, à instalação da Fundação Brasil Central (FBC) e em seguida, à implementação dos programas para o desenvolvimento econômico da região: SUDAM e SUDECO.

As obras deste escritor trazem ao leitor uma versão da configuração social presente em determinados períodos na cidade de Barra do Garças. Trata-se de histórias moldadas pela trajetória de Varjão. O autor constrói os textos selecionando acontecimentos e rememorando experiências pessoais e testemunhos, tais aspectos acabam por dar sentido, direcionar e distinguir a história contada por ele.

2.1. A narrativa histórica como produto simbólico

A partir da discussão sobre temporalidade, Paul Ricoeur (1994) analisa os meios para a constituição da narrativa através da tessitura da intriga. Segundo ele, a intriga “compreende, numa totalidade inteligível, circunstâncias, fins, interações, resultados não desejados” (idem, 1994, p. 204). A intriga organiza uma sucessão de eventos numa história. Tais eventos encerram uma estrutura temporal datada e pública, entretanto não se limita a um tempo linear e cronológico.

Para Ricoeur (1994), ao construir uma história, o autor julga casos particulares reagrupando fatores dispersos e avaliando a sua importância no resultado final. O historiador que pretende narrar um acontecimento através da diferenciação deste em relação a outros fatos, está vinculado mais ao *juízo*¹⁴ do que à dedução científica. Dessa forma, o escritor defende suas conclusões e as justifica através dos novos detalhes inseridos na sua narrativa.

Esta reflexão me parece ser fundamental para entender a constituição da história de Barra do Garças narrada por Valdon Varjão dentro de uma matriz narrativa e experiencial. Ao escrever sobre Barra do Garças, Varjão rememora fatos históricos apreendidos e vivenciados, e se apóia em seu *juízo* para definir o Garimpo, a Fundação

¹⁴ Ricoeur entende por *juízo* a ação pela qual um juiz toma uma decisão a partir da avaliação de argumentos contrários. Cf. Ricoeur, 1994. Tempo e Narrativa. Tomo I.

Brasil Central e os Incentivos Fiscais como acontecimentos que devem se sobressair na narrativa sobre a história de Barra do Garças.

De acordo com Ricoeur (idem), a inserção do *juízo* do escritor na narrativa histórica dá a ela a atribuição da categoria do discurso simbólico, no qual seu vigor depende da sua função imagística. Dessa forma, a narrativa é um símbolo que intervém em diferentes universos de sentido configurando a dialética de sua relação em imagem. A narrativa é essa imagem que configura eventos históricos através do enredo.

Para Hayden White (1991), a narrativa pensada como estória vivida, é uma “mimesis” das experiências vivenciadas em alguma região da realidade histórica “e na medida em que é uma imitação acurada deve ser considerada como um relato verídico a respeito” (idem, 1991, p. 49). As narrativas podem ser consideradas como um modo de transmitir representações, assim a história é entendida como uma mensagem sobre um referente cujo conteúdo é tanto informação quanto uma explanação. Para White, as culturas dispõem de inúmeros gêneros de narrativas com o intuito de transmitir mensagens. Esses discursos são constituídos de vários códigos que são entrelaçados por quem narra, caracterizam o seu talento artístico e de mestre do saber.

Sendo a função da narrativa, constituir um espetáculo, podemos pensá-la como modelo de discurso simbólico. Segundo White, a narrativa é útil porque transforma uma lista de acontecimentos em eventos espetaculares possuidores de um significado. Uma vez que eventos históricos são inseridos num enredo e num tipo de estória escolhidos pelo escritor, este concede aos acontecimentos uma simbologia. Dessa maneira, White afirma que a produção de sentido é performática, pois ela abre espaço para a subjetividade do escritor tomar acento. A narrativa histórica dramatiza e romanceia os processos históricos indicando que cada cultura possui um sistema de produção de sentido próprio.

Valdon Varjão constrói a história de Barra do Garças selecionando e entrelaçando acontecimentos, personagens, aspectos culturais, vivências e grupos. Tal tessitura envolve as suas experiências de vida e isso faz com que a produção dos textos seja performática. Nesse sentido a narrativa de Varjão pode ser ligada ao conceito de Walter Benjamin (1983), segundo o qual a narrativa não transmite uma história como um relatório. Quem narra inclui na história as suas experiências vividas, logo, a narrativa é transmitida com as marcas do narrador. Este inicia a história, geralmente, contando como ele próprio teve conhecimento do fato a ser relatado. Pode-se dizer, então, que a narrativa é um trabalho de artesão, na qual este incorpora os

acontecimentos vivenciados por ele próprio garantindo a sua autoridade sobre a história contada. O narrador é percebido por Benjamin, como um sábio que adquiriu conhecimento através da sua própria vida e de relatos que apreendeu durante a sua trajetória.

Tais narradores podem ser relacionados aos considerados por Andréa Jacinto (2003) e Cintya Rodrigues (2006a) como “escritores locais”, ou seja, pessoas que vivenciaram experiências locais e buscam na oralidade da comunidade fundamentos para suas escrituras, constituindo-se, assim, em artesãos ou mestres da escrita da vida e da história dos lugares. São memorialistas, autodidatas que registram nos livros, testemunhos, histórias de famílias, festas da comunidade, lendas de fundação, além de problemas políticos e sociais.

2.2. A opção do autodidata por sua “aldeia”

Uma peculiaridade presente na autobiografia de Valdon Varjão é o modo como ele constantemente afirma o seu autodidatismo no ofício literário. Em entrevistas e nas próprias obras, Varjão afirmou ser apenas um curioso que pretendia registrar as histórias dos lugares.

Para o leitor não sofrer decepções ao julgar que irá ler trabalho de algum literato, fazemos ressalvas.

Não. Não é, e nunca tivemos a pretensão. Faltam-nos os conhecimentos fundamentais. Usaremos uma linguagem rústica e vulgar, produto de um amator apaixonado em descrever a região em que viveu e vive sem nenhuma preocupação de enfeitar as frases com periergia; portanto, passível de críticas dos leitores. Nosso intuito é divulgar o passado de uma região, [...] que teve seus dias áureos e faustosos na opulência de grandes riquezas, quando das descobertas de suas minas diamantíferas (VARJÃO, 1981, p. 23).

Para Sergio Miceli (2001), o intelectual autodidata brasileiro do início do século XX se encontrava impossibilitado de ocupar uma posição de mercado para iniciar “uma carreira intelectual segundo os padrões dominantes na época” (idem, 2001, p. 190-191). Nesse sentido, podemos pensar que os autodidatas encontraram na literatura regional

um espaço de notoriedade, uma nova condição para si mesmos, um caminho para se ganhar um novo *status* social (JACINTO, 2003).

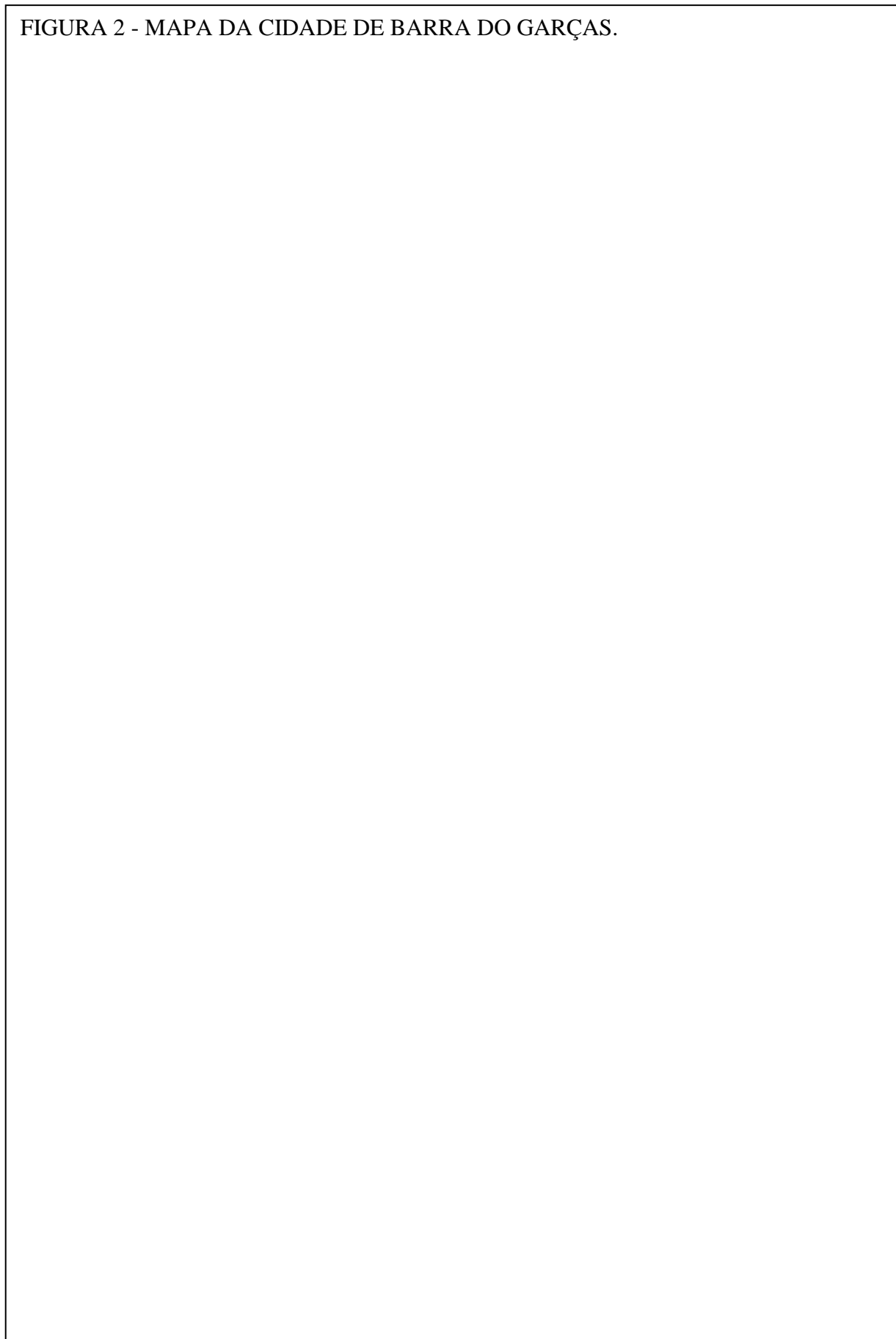
Tais escritores e intelectuais locais valorizam a construção do caminho para o conhecimento por conta própria. Enfrentaram distâncias sociais e espaciais, obstáculos para a aquisição formal do saber (JACINTO, 2004, p. 10). A opção por narrar o folclore regional vislumbrou aos autodidatas uma nova condição social no ambiente literário.

No estudo sobre a literatura no sudoeste goiano, Cintya Rodrigues (2006b) transmite a noção de *região da aldeia* para identificar a influência da ideia de área cultural na constituição da literatura em Goiás. Segundo ela, os escritores do sudoeste goiano adotam certa comunidade, que pode ser seu local de origem ou de morada, para realizar sua atuação política e literária. O escritor que adota um *lócus* para sua escritura literária fortalece a sua autoridade a respeito do saber cultural deste local, e faz convergir para si a imagem de sábio do lugar. Para a antropóloga, a intenção dos escritores em registrar o seu local de origem ou de vivência partiu de um conselho de Leon Tolstoi mencionado constantemente nas narrativas sobre o sudoeste de Goiás: “Pinte sua aldeia”. Para França (1975 *apud* RODRIGUES, 2006b), a fidelidade às suas terras e a sua gente tem garantido aos literatos a popularidade e o renome; a atitude de narrar a sua própria região, ou a sua *aldeia*, permite que o escritor parta do regional para o nacional.

Valdon Varjão não nasceu em Barra do Garças, porém escolheu a cidade como seu local de morada e de atuação política e literária. O escritor optou por construir simbolicamente, em suas narrativas, a cidade que ele adotou como lugar de vivências.

Em seus textos Varjão deu ênfase aos acontecimentos mais divulgados em outros meios, como o Garimpo, a Fundação Brasil Central e os Incentivos Fiscais. Segundo Maurice Halbwachs (2006), as primeiras lembranças que se destacam na memória são aquelas ligadas à maioria dos membros do grupo, são eventos e experiências que tiveram contato mais freqüente com o sujeito. O garimpo, a Fundação Brasil Central e os Incentivos Fiscais, foram acontecimentos vivenciados por Varjão e pela maioria da população de Barra do Garças, tal característica enseja a reflexão sobre a recriação da história dessa cidade por Varjão.

FIGURA 2 - MAPA DA CIDADE DE BARRA DO GARÇAS.



2.3. *A História de Barra do Garças reinventada por Valdon Varjão*

Segundo Michel de Certeau (2007), o ato de narrar um espaço demarca o lugar de produção de um sujeito. Para ele, os relatos de espaço descrevem percursos de lugares e se apresentam como forma diversa de uma ordem imposta. Nessa percepção, o sujeito que narra um lugar delimita um espaço, e passa a ter domínio sobre ele.

Valdon Varjão publicou várias obras que enfocam a história dos municípios do Vale do Araguaia. Entre elas, tiveram maior destaque e propagação “Barra do Garças no Passado”, “Barra do Garças (migalhas de sua história)”, “Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste” e “Balisa: Etéreas Reminiscências”.

Essas obras podem ser caracterizadas como ensaios histórico-antropológicos por tratar-se de textos literários que transitam entre o poético e o didático, recontam histórias daquelas cidades e fazem uma descrição da cultura dessas comunidades. Além disso, seus escritos são discursos regionalistas, pois produzem o Vale do Araguaia como uma comunidade imaginada e neles a região é encenada (SENA e LIMA, 2005). Com forte influência de Affonso E. de Taunay, Zoroastro Artiaga e Couto de Magalhães, Valdon Varjão inicia a narrativa sobre o Vale do Araguaia referindo-se às bandeiras de Campos Bicudo e de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera. Estas bandeiras encontraram as primeiras pepitas de ouro e diamante na região, e divulgaram a sua existência ao país.

Valdon Varjão localiza o princípio do povoamento de Barra do Garças estreitamente vinculado à atividade nessas minas. Em seguida, ele enfoca os programas desenvolvimentistas para o Brasil Central. Primeiramente a Marcha para o Oeste e mais tarde os incentivos fiscais.

2.3.1. *Início da povoação – Garimpo*

Podemos considerar que as histórias fundacionais de uma comunidade reelaboram mitos que muitas vezes são atualizações do mito de fundação. Para o filósofo alemão Schelling, o mito fundador é uma narrativa simbólica sobre fatos que efetivamente se sucederam; acontecimentos tão essenciais e significativos que acabam por transferir parte do seu padrão de significado para tudo o que venha a acontecer em seguida numa determinada área civilizacional (SCHELLING, 1973, *apud*

CARVALHO, 2001). Nesse sentido, a narrativa de Valdon Varjão pode ser considerada uma (re) encenação da fundação de Barra do Garças, pois trata-se de uma construção simbólica a qual narra eventos que se seguiram historicamente.

O escritor local, incorporado por suas vivências, pelos costumes de seu povo, reconstitui os eventos e configura uma história peculiar. Essas escrituras se apresentam como contos e romances que tornam a saga de desbravadores um espetáculo. Para Turchi (2003, p. 157), o escritor, “robustecido pelos mitos culturais de sua gente, reconstitui fatos de modo a configurar uma estória de tipo particular”. O mito é construído através de um esquema de arquétipos e símbolos que formam a sua moldura. E quem define o caminho para se chegar a esse esquema, seleciona fatos, arquétipos e símbolos é o escritor.

De acordo com Sena (2003), as narrativas que enfocam a integração nacional, geralmente, contam a nação a partir de imagens, paisagens, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais. Além disso, os mitos fundacionais são componentes sempre presentes que ou contam a origem a partir de um passado distante, ou a localizam num povo *folk* original puro.

Valdon Varjão localiza a fundação da cidade de Barra do Garças relacionada ao mito do garimpo. A história de Barra do Garças contada por ele inicia-se com a narrativa sobre a bandeira de Manuel de Campos Bicudo que partiu de Piratininga em 1662 em direção ao oeste brasileiro. Em suas andanças, encontrou a *Serra dos Martírios* e lá, algumas pepitas de ouro (VARJÃO, 1985). A notícia da existência de pedras preciosas se espalhou por diversas regiões e incentivou a migração para o Vale do Araguaia.

É sabido que a ocupação desse espaço, onde se encontram hoje os estados de Goiás e de Mato Grosso, se iniciou no século XVIII devido, entre outros fatores, ao interesse dos paulistas em escravizar os povos indígenas. Contudo, o fator principal foi a descoberta e exploração do ouro e diamante, que incentivou um movimento de bandeiras e picadas em busca das riquezas nas Minas dos Goyazes (MACÊDO FILHA, 1990).

Na obra “Barra do Garças no Passado”, Varjão apresenta dois mitos que relatam a origem de Barra do Garças vinculados ao garimpo. Um deles conta que um pai a beira da morte diz aos seus filhos que havia enterrado um frasco cheio de diamantes em suas lavouras e que eles deveriam procurá-lo. No entanto, os filhos lavraram a terra por vários anos e nada encontraram, “mas o fruto do trabalho amanhando a terra que seu pai

deixara é que representava, figuramente, o tesouro por ele almejado aos filhos” (VARJÃO, 1980a, p. 59).

Outro mito, presente na mesma obra, se refere à pedra S. S. Arraya. Segundo aquele, Simeão da Silva Arraya, junto com seus colegas garimpeiros, enterrou uma garrafa cheia de pedras preciosas em 1871 nas margens do rio Garças perto da foz do córrego Voadeira. Certa vez, quando foram atacados por índios bororo, tiveram de fugir “e enterraram a garrafa num monte de cascalho situado nas proximidades de uma grande pedra na beira do rio” (idem, 1980a, p. 60). Mas com o início do período chuvoso, o cascalho foi emerso, e quando os garimpeiros voltaram, resolveram marcar a pedra para servi-lhes de orientação com os dizeres “S.S. Arraya – 1871”. Acredita-se que a pedra seja a que se encontra na chamada Praça Domingos Mariano¹⁵, considerada a Pedra de Fundação da cidade.

Assim, Varjão delimita como primeiro período histórico (de 1924 a 1942) do Vale do Araguaia a Fase Garimpeira. Segundo ele, esta fase tem início quando um grupo de garimpeiros liderados por Antônio Cristino Côrtes e Francisco Bispo Dourado, estabeleceu-se na região à procura de pedras preciosas e deu início a povoação (VARJÃO, 1980a).

A 1ª Fase Garimpeira [foi] vivida nos anos de 1924 a 1942, quando um grupo de garimpeiros, liderados por Antônio Cristino Côrtes e Francisco Bispo Dourado, instalou-se na região à procura das gemas preciosas, edificaram as primeiras casas, alinharam as primeiras ruas e através da propaganda e da afluência de nordestinos, deram início à povoação (1980a, p. 61).

Durante esta fase ocorreu a Revolução Morbeck *versus* Carvalhinho. Esse fato foi narrado por Valdon e também por outros escritores como Basileu Toledo França, Luís Ribeiro Sabóia e Durval Rosa Borges. Segundo Varjão, no final do ano de 1925 iniciou-se um período de desavenças entre migrantes maranhenses e baianos. Conta o autor que Morbeck, ao lado de seu companheiro Manuel Balbino de Carvalho, resolveu tomar providências. As desavenças entre Morbeck e Carvalhinho, começaram quando Morbeck depositou a culpa no Subchefe Reginaldo e resolveu prendê-lo. Carvalhinho

¹⁵ A Pedra S.S. Arraya é analisada como espaço de memória no capítulo 4 desta dissertação.

era contra e resolveu retirar-se “montou sua mula e regressou a Santa Rita do Araguaia” (VARJÃO, 1980a, p. 89).

Tempos depois, o então governador, Padre Celestino, que tinha antipatia por Morbeck, por este não respeitar as suas ordens, nomeou Carvalhinho a Delegado de Polícia e Agente Arrecadador de tributos dos garimpeiros. Morbeck interpretou essa nomeação como um golpe contra a sua autoridade na região e rompeu relações com seu companheiro. Foi a partir desse momento que se iniciou um clima hostil entre o grupo de Carvalhinho e o grupo de Morbeck. De acordo com Varjão, o segundo grupo foi apelidado como Morcegos, devido a sua atitude de viajar sempre à noite evitando as estradas. Enquanto que o grupo de Carvalhinho ficou conhecido como os Cai-n’Águas por fugirem a nado no rio Araguaia (VARJÃO, 1980a).

Essa luta durou um longo período e foi contada por diversos escritores locais que a narraram de acordo com o seu contexto e suas relações de amizade ou até mesmo familiares. Basileu Toledo França, escritor do sudoeste de Goiás e sobrinho de Manuel Balbino de Carvalho, narra uma versão que pode ser confrontada com a interpretação de Valdon Varjão a respeito de José Morbeck. Para França (1994), esta personagem era um tipo de coronel que detinha o poder naquela região e guiava os garimpeiros à rebeldia. “Eles consideravam o território uma espécie de república livre, onde o governo de Cuiabá só podia aparecer com a aquiescência de José Morbeck e seus seguidores” (idem, 1994, p. 85).

Verifica-se que a narrativa de Valdon Varjão é permeada por impressões que caracterizam histórias de fundação, pois, a valorização dos mitos fundacionais e de heróis são marcas recorrentes em tais narrativas.

O narrador conta que o processo de ocupação populacional no Vale do Araguaia foi desencadeado pelas atividades de mineração de pedras preciosas, principalmente o diamante. Segundo Maciel (2005), essas minas foram, em sua maioria, distribuídas de forma esparsa pelo território. No final do século XVIII as minas de exploração foram se esgotando e a população entrou em retração. Em 1937, com o fim do regime democrático iniciado em 1934, e início do Estado Novo, lançou-se a campanha da “Marcha para o Oeste”. Seguiu-se a isso uma série de iniciativas do governo federal para promover a ocupação populacional, o desenvolvimento econômico e a modernização sócio-cultural da região Centro-Oeste; entre essas iniciativas estava a Expedição Roncador-Xingu e, conseqüentemente, a Fundação Brasil Central.

2.3.2. A Fundação Brasil Central narrada por Valdon Varjão

Durante a fase do garimpo, pelo Decreto nº. 32 de 21 de dezembro de 1935 (IBGE, 1966), foi criado o distrito de paz do município de Araguaiana: Barra Cuiabana. Na fase da Fundação Brasil Central, classificada por Varjão como a segunda fase da história de Barra do Garças, a sede do município foi transferida para o distrito de Barra Cuiabana – atual Barra do Garças¹⁶. Segundo Varjão (2000), o distrito estava mais próspero que a sede municipal devido à presença da Base da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central no povoado Barra Goiana – hoje Aragarças. Além disso, “a eleição do comerciante Antônio Paulo da Costa Bilégo e de quatro dos cinco vereadores residentes em Barra Cuiabana provocou a necessidade da mudança da sede da municipalidade” (idem, p. 9)¹⁷. Com a transferência da sede do município, Barra Cuiabana passa a ser denominada Barra do Garças.

Oficializada pela Portaria n. 77, de 3 de junho de 1943, a Expedição Roncador-Xingu tinha como objetivo estabelecer uma rota terrestre, aérea e de rádio-telégrafo entre as cidades do Rio de Janeiro e Manaus. Como o Brasil se encontrava em guerra (Segunda Grande Guerra), os governantes viam esta medida como urgente devido à vulnerabilidade de suas fronteiras. Além disso, procuravam alternativas para se chegar à região Norte e Centro-Oeste do país que não por meio marítimo litorâneo. A intenção era partir de uma base de apoio instalada em Uberlândia – ponto final da estrada de ferro de Mogiana – e construir uma via terrestre constituída por um trecho de rodovia e outro de estrada carroçável, entre Uberlândia e a margem direita do rio Tapajós, pelo qual se teria acesso por via fluvial a Manaus (MACIEL, 2006).

Por uma estrada aberta por particulares¹⁸, os expedicionários chegaram à margem esquerda do rio Araguaia com o propósito de construir uma base avançada para a Expedição. Lá encontraram uma pequena vila de garimpeiros denominada Barra Goiana. Na outra margem do rio estava outro povoamento, relativamente consolidado, chamado Barra Cuiabana, atual Barra do Garças. Após a construção do aeroporto em Barra Goiana, o Ministro da Coordenação da Mobilização Econômica João Alberto Lins de Barros (antigo integrante do movimento tenentista e ex-membro da Coluna Prestes)

¹⁶ Ribeiro (2005) afirma que Barra do Garças era chamada de Barra Cuiabana desde a década de 1920 até o final da década de 1940.

¹⁷ É nesse mandato (1947/1950), considerado o primeiro do município de Barra do Garças, que Valdon Varjão inicia sua carreira política como secretário da prefeitura.

¹⁸ Essa estrada não passava de uma trilha aberta por moradores da região para o tráfego de carros de bois e tropas de muares, principal meio de transportar cargas entre os estados (MACIEL, 2006).

pousou na localidade, denominada por ele de Aragarças, e inaugurou o “marco zero” da Expedição. Em seguida, em 4 de outubro de 1943, sob orientações desse ministro, o presidente Vargas criou, sob o decreto n°. 5.878, a Fundação Brasil Central. A este órgão foi delegada a missão daquela expedição e, também, desbravar e colonizar as regiões do Brasil Central e Ocidental, ou seja, as dos altos rios Araguaia e Xingu (idem).



FIGURA 3 – Vista Aérea de Barra do Garças – MT (VARJAO, 199-?, p. IV).

Valdon Varjão demarca a permanência da Fundação Brasil Central na confluência dos rios Garças e Araguaia, durante o período de 1943 a 1968, e narra essa etapa com saudosismo (VARJÃO, 1980a). Esse programa foi consequência da política de ocupação e progresso do governo de Getúlio Vargas, a Marcha para Oeste. Tinha como objetivo, em primeiro lugar, desbravar os territórios desconhecidos, e em decorrência iniciar o processo de povoamento da região (JORNAL DO BRASIL, 1945 *apud* MACÊDO FILHA, 1990). Segundo Varjão,

No segundo período vemos a região oeste goiano e leste mato-grossense viverem das expensas da Fundação Brasil Central, que, criada pelo Ministro João Alberto, instalada em Aragarças em agosto de 1943, dominou econômica e politicamente o Brasil Central, trazendo um afluxo de progresso e melhoramento à região, importando novos costumes, e até mesmo uma civilização aprimorada, inspirada nos grandes centros, através de gestos, vestimentas e da vida sócio-recreativa (VARJÃO, 1980a, p. 62).

Instalada em 1943, na então Barra Goiana¹⁹, o programa desenvolvimentista é lembrado com nostalgia pelo autor, pois foi a partir daí que a cidade de Barra do Garças superou econômica e politicamente grandes municípios vizinhos como Balisa, Lageado, Rio Bonito e Iporá (VARJÃO, s/d, p. 36). Foi durante esse período que as pontes sobre os rios Garças e Araguaia que ligaram as cidades de Barra do Garças, Pontal do Araguaia²⁰ e Aragarças foram construídas. Tais construções foram inauguradas em 1958 pelo então presidente Juscelino Kubitschek.

Segundo Dulce Maciel (2005, 2006), a cidade de Aragarças foi planejada e recebeu grandes obras civis da Fundação Brasil Central como criação de: abastecimento de água e energia elétrica, aeroporto, escolas, hospital, hotel, igreja etc. De acordo com ela, Barra do Garças surgiu espontaneamente, e também recebeu apoio material e técnico da FBC.

Contudo, de acordo com Lima Filho, os expedicionários propagavam o discurso ideológico do bandeirantismo do século XX, segundo o qual acreditava levar a

¹⁹ A criação do município de Aragarças ocorreu pela lei nº 788, de 02 de outubro de 1953 (VARJÃO, 1989). Antes disso, era considerada apenas a base da FBC, também chamada de Aragarças.

²⁰ Nesta época, Pontal do Araguaia era distrito de Torixoréu. Através da lei nº 5.907 de 20 de dezembro de 1991 foi criado o município de Pontal do Araguaia, desmembrado de Torixoréu (VARJÃO, s/d, p. 88).

civilização para o sertão²¹. O primeiro relatório do ministro João Alberto demonstra um menosprezo por parte daqueles em relação ao contexto social da região naquela época (LIMA FILHO, 2001).

Barra do Garças que contava apenas com uma centena de casas de palha, com uma população paupérrima, distribuída nas duas margens do Araguaia, era mais um ponto de reunião de fracassados e de enfermos que verdadeiramente uma povoação. Seus habitantes, em condições de existência extremamente precárias, viviam tão-somente de trocas eventuais com uma população flutuante de garimpeiros, a eterna pasmaceira dos moradores beira-rio do alto sertão, abandonados a própria sorte (BARROS, 1944, p. 7).

Em relação a esse ideal civilizatório, como o leitor poderá perceber no capítulo 3 desta dissertação, é possível encontrar denúncias à Marcha Para Oeste nas narrativas de Valdon Varjão.

Hoje não existe mais as tradicionais alvoradas e os festejos do Padroeiro Santo Antônio passam quase despercebidos, apesar do grande esforço do vigário da Paróquia e da ação dos cursilhistas, em abrilhantá-los.

A falta de originalidade foi devastada pela chamada “marcha do progresso” que se tornou responsável pela morte do folclore regional e das vivências e costumes (VARJÃO, 1980a, p. 131).

A presença destes dois pontos de vista demonstra que Varjão apoiava o ideal de Getúlio Vargas iniciado pela Marcha, no entanto, seus escritos apresentam certo sentimento de subalternidade em relação aos migrantes que chegaram para trabalhar na Fundação. O autor apresenta os funcionários da Fundação Brasil Central como um grupo que se autopercebia civilizadores do sertão, e sentiam-se na obrigação de introduzir os costumes modernos nas sociedades sertanejas.

Varjão considera um dos episódios mais marcantes e repercutidos do período da Fundação Brasil Central, a “Revolução de Aragarças”, também conhecida como “Revolta de Aragarças” ou “Revolta Veloso”. Nos anos 1950, as Forças Armadas viviam um período de desarmonia entre seus membros. Segundo Valdon Varjão

²¹ O discurso bandeirante considerava a categoria sertão como lugar paupérrimo, reacionário, perigoso, porém fonte de riqueza (VIDAL E SOUZA, 1997).

(1980a), havia um grupo na FAB contra o governo de Juscelino Kubitscheck. Além disso, havia também um descontentamento a respeito da renúncia de Jânio Quadros à candidatura à presidência; e uma preocupação com respeito ao movimento de Leonel Brizola ligado a ideais comunistas. A intenção era decretar estado de sítio e reprimir esse movimento.

No dia 2 de dezembro de 1959 um voo da Panair do Brasil Lockheed Constellation que fazia a rota Rio - Belém foi sequestrado por militares chefiados pelo major Haroldo Veloso e redirecionado para Aragarças. Segundo Miguez (2008), o aeroporto foi escolhido por estar em um lugar afastado onde “não havia comunicação com ele a não ser por via éter” (idem, p.51).

Varjão narra a revolta como um acontecimento que gerou a estupefação e atraiu a atenção da população local, porém foi praticamente impedida de acompanhar o ocorrido, muitos jornalistas tiveram suas máquinas fotográficas confiscadas pelos oficiais. Por ser prefeito de Barra do Garças, e, logo, uma autoridade local, Valdon Varjão pode acompanhar o acontecimento de perto, ele narra os diálogos entre o os revolucionários e os locais, além de suas próprias impressões a respeito desse episódio.

A revolta durou apenas até o dia seguinte, segundo Varjão, no dia 03 de dezembro de 1959, às três horas da manhã, os revoltosos concluíram o fracasso do golpe e fugiram. Depois de quinze dias Varjão foi chamado para testemunhar, ele relata:

O que atendendo, percebi que tudo iria ficar sem maiores punições, isso porque já conhecia [...] o espírito bondoso e perdoador do Presidente Juscelino.

Assim procurei a reservar-me nas respostas, mesmo porque desconhecia muitas coisas das perguntas feitas (VARJÃO, 1980a, p.111).

Após o suicídio de Vargas em 24 de agosto de 1954, Dr. Café Filho assumiu a Presidência da República. Este cancelou as verbas destinadas a programas de colonização do Brasil Central, assim a entidade ficou estagnada. Por fim, no Regime Militar, a FBC foi substituída pela Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (SUDECO), com isso os funcionários da FBC foram obrigados a fixarem-se em outros órgãos ou a aposentarem-se como ociosos, “pois tais funções passam a ser

desnecessárias” (VARJÃO, 1980a, p. 55) ²². Todavia, ao ler o período denominado por Varjão por “Incentivos Fiscais”, podemos perceber que a SUDECO e a SUDAM, durante o Regime Militar, investiram no desenvolvimento econômico na região, através de incentivos fiscais, principalmente nas cidades do estado do Mato Grosso.

2.3.3. *Os Incentivos Fiscais: pecuária e agricultura*

Valdon Varjão (1980a) delimita a terceira fase no período dos anos 1964 a 1973. Nesta época, segundo ele, muitos paulistas foram para região comprar extensas faixas de terras para exploração pecuária. Barra do Garças era município com grande extensão territorial e possuía terras com preço super reduzidos, além disso, foi privilegiada por programas desenvolvimentistas e de ocupação da Amazônia Legal quem atingiram o paralelo 16°, abrangendo Barra do Garças e excluindo Aragarças. Para Zélia Diniz²³ esse fato levou a um desequilíbrio econômico entre as duas cidades. Em entrevista sobre esse assunto ela relata:

Aline: Como posso entender a distinção de desenvolvimento econômico entre as cidades de Aragarças e Barra do Garças? Posso pensar que a primeira teve os incentivos da FBC e a segunda da Sudeco?

Zélia: A Fundação foi extinta em função da instalação da SUDECO, esta não fez nada de nada e deixou o patrimônio da FBC acabar. A SUDECO não era órgão de administração, era de planejamento e se voltou mais para o Mato Grosso. Então, ficou tudo abandonado, fecharam-se as escolas. Os paulistas chegaram na região no início da década de 1970 a partir de uma lei de incentivos fiscais do governo federal que incentivou, o povoamento, a abertura de fazendas no Mato Grosso. Isso foi delimitado por um paralelo, de tal forma que Barra do Garças estava dentro da área protegida e Aragarças ficou fora.

Dona Zélia Diniz refere-se aos benefícios fiscais estipulados pelo artigo 199 da Constituição de 1946: “Na execução do plano de valorização econômica da Amazônia, a União aplicará, durante, pelo menos, vinte anos consecutivos, quantia não inferior a

²² É possível notar neste trecho que os acontecimentos narrados sobre a história de Barra do Garças são reflexos dos fatos históricos nacionais. As medidas tomadas pelos dirigentes nacionais repercutiram na formação das pequenas cidades.

²³ Dona Zélia Diniz mudou-se para Aragarças para trabalhar na Fundação Brasil Central e escreveu livros sobre a história da região do Vale do Araguaia.

três por cento da sua renda tributária”. Em 1953 o Congresso Federal criou o Território da Amazônia Legal fundado em critério misto - político, fisiográfico e geográfico; envolvendo os territórios dos Estados do Pará e Amazonas, e os Territórios do Acre (Estado desde 1962), Amapá, Guaporé (Rondônia) e Rio Branco (Roraima) e ainda as partes do Estado de Mato Grosso, ao norte do paralelo 16°, a do Estado de Goiás, ao norte do paralelo 13°, e a do Estado do Maranhão, a oeste do meridiano 44°. Com a delimitação desse território, os municípios que estavam lá inseridos passaram a ser beneficiados, como Barra do Garças; Aragarças, porém não foi abrangida. Com isso, o patrimônio deixado pela Fundação Brasil Central foi esquecido e perdido.

Segundo Valdon, com a chegada à Barra do Garças dos sulistas na década de 1970, foi implantada a agricultura de alto nível na região. O município de Barra do Garças, que já possuía o maior rebanho bovino passou a ser, também, o maior produtor de arroz do Estado do Mato Grosso. Valdon Varjão cita algumas importantes fazendas que surgiram, assim como destaca personagens gaúchos que ele considera “pioneiros do progresso” (VARJÃO, 1980a, p. 63-64).

Varjão trouxe para si a responsabilidade de registrar a história de Barra do Garças e de seus habitantes. Ele conduz a narrativa transitando por temas que vão desde acontecimentos políticos até lembranças de experiências pessoais ligadas ao afeto e à nostalgia, de forma que essas temáticas se apresentam de maneira entrelaçadas. Porém, é possível perceber uma preocupação em construir uma história mais objetiva, vinculada à historiografia. Suas narrativas revelam certa tentativa de comprovar o seu conteúdo. O escritor apresenta cópias de cartas, telegramas, decretos, fotografias, possivelmente, buscando dar tom de veracidade científica a seus textos.

2.4. A questão da cientificidade

É recorrente nas narrativas de memorialistas locais o entrelaçamento entre as intenções de retratar os saberes, o folclore, as memórias, e, ao mesmo tempo, construir uma história com “H” – ligada à História enquanto ciência – do povo focalizado (JACINTO, 2004). Nos seus livros sobre a história de Barra do Garças, Varjão conta a origem da cidade ligada a tempos longínquos. Em seguida, na construção da narrativa sobre outros fatos históricos, ele expõe documentos com a intenção de corroborar os seus escritos.

Tal propósito pode estar relacionado à chegada da Universidade Federal do Mato Grosso à Barra do Garças e às críticas recebidas por parte de intelectuais acadêmicos, como o professor Herculano da Silva:

Aline: Como Valdon Varjão era reconhecido no meio literário em Barra do Garças?

Herculano: Isso aí quando Barra pode contar com a vinda da Universidade, e tem assim, um olhar mais crítico, o Valdon Varjão já fica assim em segundo plano. Por causa dessa relação dele junto com a política e a falta do conhecimento acadêmico. Ele era às vezes requisitado pra dar uma palestra ou outra, mas não saía disso, não tinha aquele respeito, aquela ligação. Então ele ficava assim, meio no mundo dele né. Eles respeitavam ele, mas não com aquela consideração.

Aline: Mais como pessoa ligada ao folclore?

Herculano: Isso. Uma relação mais folclórica, regional. Não tem o peso acadêmico. Os livros dele são todos assim muito eivados dessas informações. Ele trabalha muito essas histórias das comadres, dos compadres, daquelas pessoas antigas que aqui estiveram. Ilustra muito os livros com fotografias. E tenta preservar essa memória mais ou menos assim.

A chegada da Universidade²⁴ trouxe consigo a discussão a respeito da norma científica que defendia a organização da escrita em termos de causas e leis, vinculada à forma explicativa a partir de argumentos. Os professores de História de Barra do Garças passaram a criticar as obras de Valdon Varjão por estas não se adequarem aos padrões científicos formais. E, como podemos verificar no relato de Herculano, consideraram-nas “eivadas” de informações folclóricas.

A inserção de tantos documentos nas suas obras pode ser entendida como uma tentativa de vinculá-las àqueles padrões. Segundo Sena (2003), os escritores que focalizavam a região descreviam uma relação de pertencimento e subordinavam a função estética da literatura à função documental. Através de pesquisa, os escritores apresentavam documentos sobre os usos e costumes regionais. Segundo Vicentini (2007), a falta de comprovação documental dos fatos narrados poderia resultar no não-reconhecimento identitário da região focalizada.

²⁴ A UFMT foi instalada no ano de 1970 e funcionava em prédios das escolas estaduais de Barra do Garças. Em 1988 a instituição obteve sua própria sede em Pontal do Araguaia, comunidade vizinha a Barra do Garças.

Tal tendência pode estar sintonizada com a consolidação das Ciências Sociais no Brasil e com a repercussão do *movimento folclórico* analisado por Luís Rodolfo Vilhena (1996, 1997). Segundo este autor, um grupo de pesquisadores dedicados aos estudos sobre o folclore começou a se mobilizar na tentativa de “construir um conhecimento verdadeiramente científico em sua área de estudos” (1996, p. 126). Para esse grupo, os estudos sobre o folclore deveriam ter uma disciplina específica e autônoma no interior do campo das Ciências Sociais, o que deveria assegurar a superação do amadorismo dominante na pesquisa sobre o folclore. Isto é, desvincular a figura do literato à identidade de folclorista.

Por mais que Valdon, em seus relatos autobiográficos e nos prefácios dos livros, se autoafirmasse apenas “amador apaixonado” desvinculado de uma imagem científica, seus textos são permeados por cópias de documentos oficiais. Nesse sentido, a literatura de Varjão, ao mesmo tempo em que se apresenta como autobiográfica ao relatar os testemunhos e experiências simbólicas do lugar em que vive, demonstra uma provável pretensão “científica” unilateral.

2.5. A obra cultural como visão de um sujeito num momento

Na análise biográfica do autor, percebemos que ele se desloca no âmbito social e se eleva na escala de classes sociais. De jovem pobre ele passa a fazer parte da elite local. Tal transformação interfere substancialmente na construção simbólica de suas narrativas.

Nelas, Valdon Varjão identifica personagens significativas para a formação e o povoamento das cidades do Vale do Araguaia. Como, por exemplo, Antônio Cristino Côrtes, garimpeiro que, no início do século XX fundou Barra Cuiabana; como também José Morbeck, considerado por ele protetor dos garimpeiros. Tais personagens foram representantes de uma parcela da população considerada prestigiosa e que detinha poder e influência. Valdon descreve esses atores como heróis fundadores e defensores da comunidade do Vale do Araguaia.

A intriga é elaborada a partir de uma seleção de acontecimentos que constitui uma história de Barra do Garças fundamentada pelo juízo de Valdon Varjão. A história inicia-se por relatos de fatos ligados ao garimpo, episódio que levou os pais do autor a migrarem para a região. Há também a evidência da instrumentalização da Marcha para o

Oeste através da Fundação Brasil Central, instituição onde ele trabalhou; além dos feitos de desenvolvimento econômico propiciados pela SUDECO realizados no momento em que ele foi deputado e senador representando a população da região.

O fato de Valdón selecionar atores da vida real que fazem parte da elite local e retratá-los como heróis, além de, narrar os acontecimentos históricos numa tendência positivista ligada ao ideal do poder local, permite a vinculação de sua literatura às narrativas oficiais. Esse modelo foi analisado por Edward Said (2005), ao realizar um estudo sobre os romances ingleses e franceses – narrativas oficiais – do século XIX e início do XX, Said percebeu que eles estavam fortemente ligados à ideologia imperialista da burguesia dos países ocidentais daquela época. Assim, ele concluiu que as narrativas escritas são moldadas pelos acontecimentos e situações vivenciadas na época. O contexto social / histórico exerce um forte poder ao escritor na construção da narrativa. Penso, então, que Valdón transmite, nos textos, toda a sua geração e as suas experiências, assim seus escritos são influenciados por todos os fatos vivenciados no passado.

Milton Hatoum (2004) afirma que, no seu sentido mais amplo, os romancistas são similares aos antropólogos, pois ambos falam do Outro e elaboram um discurso sobre a alteridade, porém, aqueles estão livres das amarras teóricas e dos estudos de campo. De forma próxima, Clifford (1998) considera que, em termos gerais, a antropologia não é muito distinta de outras escritas, pois os textos antropológicos são interpretações, e não realidades circunscritas, que o pesquisador faz de determinada cultura.

Seguindo tal pensamento, entendo que a história de Barra do Garças contada por Valdón é uma reprodução interpretativa dos acontecimentos que ocorreram nessa comunidade. Ele interpreta os episódios dentro de uma teia de significados. De forma semelhante como analisa o etnógrafo para Clifford (1998), Valdón não alcança, plenamente, o provável objetivo de “dar voz” à população barra-garcense em suas escrituras.

Assim como as descrições antropológicas, as narrativas de Varjão são carregadas por suas subjetividades, suas intenções, desejos, interesses, enfim, a sua cultura está presente na construção do texto; trata-se de escritos quase autobiográficos. No entanto, tal característica, segundo White (1991) é o aspecto condicionante para pensar essas narrativas como produtoras de significados. Michael Fischer (1991) considera que os textos autobiográficos são os lugares onde se é possível perceber a cultura, pois eles

revelam tradições, coleções de aspectos ocultos e identificatórios, bem como inspirações divinas. Tais textos podem também ser percebidos como versões modernas das artes próprias da memória.

Outra característica que possibilita a vinculação da narrativa de Valdon à escrita etnográfica diz respeito à classificação da população de Barra do Garças em grupos sociais. Nos textos de Varjão, nota-se a distinção da comunidade em quatro grupos definidos e classificados: os sertanejos, os garimpeiros, os indígenas e os funcionários da Fundação Brasil Central. Esses sujeitos podem ser entendidos como formadores da configuração social presente no município e nos arredores de Barra do Garças.

CAPÍTULO 3

Sertanejos, Garimpeiros, Indígenas e Funcionários: sujeitos narrados por Valdon Varjão.

A cidade de Barra do Garças teve seu desenvolvimento populacional proveniente de dois movimentos migratórios: o primeiro relacionado ao movimento de nortistas que fugiam da queda da borracha e foram em barcos até chegarem ao Vale do Araguaia; e nordestinos que fugiam da seca e foram a pé em caravanas para esta mesma região. O segundo movimento foi impulsionado pela efetivação da Fundação Brasil Central em 1943, em seguida, pelos incentivos proporcionados pela Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (RIBEIRO, 2005, p. 50).

O primeiro momento migratório citado por Ribeiro (idem) foi desencadeado pela divulgação da existência de pedras preciosas nos rios Garças e Araguaia. O encanto proporcionado por narrativas sobre o mito do Eldorado em conjunto com a informação das minas diamantíferas incentivaram aquelas populações a migrarem para a região da foz do rio Garças. Barra Cuiabana passou, então, a ser uma comunidade formada por pessoas vinculadas à atividade garimpeira. Conforme Maurides Oliveira (1996), a notícia das minas diamantíferas no Araguaia levou muitas pessoas a migrarem para a região; a maioria proveniente de Lençóis/BA já com experiência no garimpo de diamantes.

Tempos depois, após a implementação da FBC na vila de Barra Goiana e com a chegada de migrantes principalmente das regiões Sul e Sudeste, a comunidade passou a se apresentar com uma nova configuração social. A população desse lugar recebeu novos habitantes, com visões de mundo e costumes diferentes dos seus. A aproximação dos novos residentes causou conflitos de ideias, os quais estão presentes na narrativa de Varjão. Este escritor fazia parte do grupo dos estabelecidos²⁵, devido a isso, a obra é orquestrada na perspectiva desse grupo.

²⁵ Faz-se aqui referência ao termo “estabelecidos” utilizado por Norbert Elias (2000) em “Estabelecidos e Outsiders”.

Além disso, pouco antes da instalação da FBC a população da região do Araguaia vinha sofrendo devido ao esgotamento das minas diamantíferas. Tal empreendimento trouxe, então, uma nova demanda à qual os habitantes direcionaram seus esforços ocupacionais: a exploração da Marcha para Oeste (OLIVEIRA,1996).

Neste capítulo trato, sobretudo da classificação da população realizada por Valdon Varjão em suas obras²⁶. O escritor proporciona duas categorias bem definidas – os sertanejos e garimpeiros –, outros dois grupos são apresentados de maneira mais fluida no desenvolvimento da narrativa – os indígenas e os funcionários da FBC. É visível que enquanto os dois primeiros grupos são apresentados por Varjão com certo afeto e proximidade, o escritor trata indígenas como obstáculo e funcionários como *outsiders*²⁷.

3.1. Os garimpeiros retratados por Valdon Varjão

Valdon Varjão discorre sobre o garimpeiro na maioria de suas obras, porém ele dedicou maior enfoque a esse grupo em duas delas: “Garimpeiros: visionários da esperança” e “O Garimpeiro”. Segundo ele, os garimpeiros do Araguaia e Garças são em grande parte nordestinos, principalmente baianos que migraram para essa região e colaboraram com o desenvolvimento do estado de Mato Grosso.

O Nordeste influenciou, acentuadamente, os usos e costumes do nosso garimpeiro, com predominância dos baianos, pela migração provir, justamente, das lavras daquele Estado.

[...]

Nossa intenção é deixar marcada a luta e a labuta de uma classe que caminha para a extinção, e que, a nosso ver, foi a responsável pelo desenvolvimento e progresso de Mato Grosso, colaborando decisivamente no povoamento e formações de muitos núcleos ou cidades, na ocupação da Amazônia, durante a chamada *Marcha para o Oeste* (VARJÃO, 1987, p. 28).

²⁶ Esta classificação foi encontrada, também, na pesquisa desempenhada por Lima Filho (2001) na região do Médio Araguaia.

²⁷. Elias (2000) denomina “outsiders” a parcela da população que vem de fora e é estigmatizada pelo extrato social dominante. Os outsiders são tratados pelos estabelecidos como pessoas de valor humano inferior e menos educadas.

Ainda que Valdon, no prefácio do livro “Garimpeiros: visionários da esperança”, afirme a sua não-ambição em realizar um estudo sobre o folclore, sua escritura se apresenta de forma descritiva; ele traça os costumes, as crenças, as comidas, a linguagem e as normas mantenedoras da ordem da estrutura social garimpeira.

A obra se inicia com um glossário “Palavreado usado por garimpeiros (regionalismos)” (VARJÃO, 1987, p. 31), no qual o escritor traduz palavras – algumas já existentes, porém com novo significado, outras inventadas – utilizadas por esse grupo, tal como *fiel* (re) significada como “cabo de aço ou corda guia que é amarrada ao barranco, vai à catra²⁸ no fundo do rio” (idem, p. 36); e *grupiara*: “garimpos nos barrancos dos rios ou córregos” (idem, p. 37). Há, também, uma relação de “ditados e frases muito usados” (idem, p.41).

O escritor elenca crenças relacionadas a sonhos interpretados pelos garimpeiros. Como o exemplo de quando o garimpeiro sonha com ovos, segundo a descrição de Varjão, “sonhar com ovos é desilusão de alcançar bamburro, não vai dar nada na sua garimpagem, alguns até abandonam a catra após um sonho destes” (idem, p. 47). Por outro lado, sonhar com sol é aviso de que encontrará diamante grande e sonhar com lua, achará diamante médio. De acordo com o escritor, essas crenças tornam o garimpeiro ainda mais visionário.

Para Varjão, o garimpo é lugar, geralmente, tranquilo, sem banditismo. Seus membros são em sua maioria confiáveis, fiéis, hospitaleiros e fazem o bem sem vaidade. O escritor considera que há episódios violentos, porém não são cotidianos. Ele lista as normas que buscam estabelecer certa harmonia entre os membros do ambiente garimpeiro:

1º - Estar no garimpo é garimpeiro. Não existe distinção de escolaridade, de credo religioso, de cor epidérmica, nem linha de família. Diz o garimpeiro: “aqui é onde os filhos choram e as mães não dão jeito”. Não tem rico, nem pobre, não tem branco nem preto, não tem feio nem bonito, “escreveu não leu, o pau comeu”, querendo dizer que o garimpo iguala a todos como a morte.

2º - Mulher séria não entra em barracão; se o garimpeiro quiser levar a família, pode, desde que construa sua barraca isolada. Nestes casos o respeito é extraordinário. A família que às vezes visita as barracas não sofre nenhum tipo de problema.

3º - Sejam quais forem os motivos, dificilmente alguém separa as brigas, não há “turma do deixa disso”.

²⁸ Buraco de 20 a 25 palmos perfurados no solo para procura de diamantes.

4º - Valentão ou ladrão não convive com o garimpo, sai ou morre logo.

5º - Brigões também são marcados; quando ocorrem desavenças no barracão são convidados a sair.

6º - Ladrão vivo é ficção. Embora negue ou admita, o ladrão é sumariamente justificado. Se fugir, os garimpeiros se mobilizam para localizá-los e o fulano aparece morto (idem, p. 49).

Inserida na categoria dos garimpeiros, Valdon Varjão apresenta uma subclassificação do grupo em outras três categorias: os *meias-praças*, os *patrões* e os *capangueiros*. Segundo ele (1987), os *meias-praças* eram os garimpeiros subordinados a um patrão e responsáveis pelos mantimentos dentro da área de garimpo de seu chefe. Os *patrões* eram os donos de uma determinada região garimpeira. Já os *capangueiros* eram pessoas que revendiam os diamantes, Varjão os qualifica como “intermediários”. Os capangueiros eram tidos como pessoas da mais alta posição social no garimpo. Eram os mais ricos, tinham as melhores casas e viajavam sempre para o Rio de Janeiro para vender os diamantes (OLIVEIRA, 1996).

Varjão cria uma imagem sobre os garimpeiros vinculada à ideia de herói. Dessa forma, o garimpeiro para Varjão é bravo lutador que insiste em alcançar riqueza com o garimpo. No entanto, a mingueta do diamante nos rios Garças e Araguaia, o sacrifica. Varjão descreve essa transição principalmente nos poemas do livro “O Garimpeiro”:

O DIAMANTE

O diamante é o fantasma da ambição
Nos pélagos profundos ou vasios
Seduz com ambição a Multidão
Procurando em “grupiara” ou nos Rios

E o Garimpeiro lépido e audaz,
Guiado pela luz de uma esperança
Trazendo as ilusões da mocidade,
Caminha, caminha e não descansa!

No dorso das serras peregrinas
Na aridez dos ínvios caminhos,
Exposto ao Sol, ao furor da ventania,
Também aos arranhões de certos espinhos!

Dentro da choça rústica e humilde
Passa as noites sonhando sobre a areia,
É sua luz a lua fulgorosa,
É seu travesseiro as bordas da “Bateia”!

Passa o dia pensativo escutando,
Música da torrente do ribeiro
E o paladar do verde papagaio
Seu fiel e gaiato companheiro!

Enquanto o bruto diamante dorme
Sobre os leitos das catas ou desvios
sob a música divina da esperança
contenta a procurar nos fundos dos rios

Depois de alguns anos em luta vaga
Tendo a face em estigma de Agonia
Vê o “Rio Garças” zombar de sua saga
Quando sonha “Bamburrar” em certo dia!

E o fantasma austero lhe aparece
Brilhando, brilhando qual o Sol,
No orvalho, de linda madrugada
Ao findar de uma noite ou arrebol!

Já escravo da fome e do tormento,
Vendo o tesouro fugir da mão crispada,
O Garimpeiro morre enlanguescido
Amortalhado nas cores da Alvorada!

(VARJÃO, 1997, p. 25-26).

Nei Clara de Lima (1999), ao realizar um estudo sobre narrativas goianas orais e escritas a respeito da mineração, percebeu a existência de um misto de beleza e maldição em que se cria uma imagem alegórica que cobre de moralidade o intento econômico do garimpo. As narrativas sobre essa atividade são construídas em torno de objetos de alegorização de moralidade que perpassam sonhos com almas penadas e por visagens. Nessas narrativas, assim como no poema supracitado, o minério se apresenta como objeto de cobiça que pode punir com a morte os mais sedentos de sua posse.

Segundo a antropóloga, por mais que as narrativas façam referência às dificuldades no trabalho do garimpo, existem outras asperezas que tomam conta do imaginário dos trabalhadores da mineração, como: “o sofrimento do escravo recrutado para esse trabalho, a mortandade exacerbada da época e o comércio realizado com o além, o mundo infernal, por aqueles que ocupam tal empreendimento” (idem, p. 193).

O trabalho na mineração toma forma, também, a partir de sentimentos de cobiça e de avareza. De acordo com Lima, muitos garimpeiros costumavam enterrar seus diamantes em forma de tesouros, resultado de uma extraordinária cobiça e de um apego sórdido ao minério.

A lenda da Pedra S. S. Arraya narrada por Valdon Varjão e apresentada no capítulo 2 deste trabalho exemplifica este fenômeno. Segundo o escritor, o garimpeiro que se vê num momento de angústia enterra sua riqueza – garrafa cheia de pedras preciosas – simbolizando tesouro escondido. Nesse sentido, as narrativas sobre mineração (re) encenam o garimpo além das relações entre as pessoas envolvidas nessa atividade, recriam um imaginário de beleza e maldição que perpassa por sentimentos de cobiça e avareza.

A escritura de Varjão cria uma imagem do garimpeiro ligada a de herói lutador/sofredor. Esta construção está vinculada a sua relação pessoal e profissional com tal categoria. A sua autobiografia demonstra que sua família migrou do Ceará para Baliza devido às notícias sobre a riqueza proporcionada pela extração de diamante nessa região. Em entrevista à Maurides Oliveira (1996), o escritor relata:

Chegando em Baliza, ainda tinha recursos, e meu pai entrou nos garimpos, começou a... logo depois acabou os recursos... Aí ele começou a lutar como ferreiro, que ele era mecânico, era maquinista e tal... Lá não tinha maquinista, não tinha torno para trabalhar, não tinha mecânico, não tinha nada, era garimpo, a única coisa que tinha lá era garimpo... a única coisa que tinha pra consertar era revólver, amolador de enxada, de picareta, de alavanca para garimpeiro trabalhar, aí ele vivia assim. Aí meu pai foi ficando... foi acabando os recursos que tinha (VARJÃO, 1996 *apud* OLIVEIRA, 1996, p. 43).

Varjão, em razão a um trabalho de recolhimento de títulos eleitorais se relacionou com pessoas ligadas à atividade garimpeira. O vínculo constituído nesse trabalho gerou no escritor um sentimento de afeição à configuração social existente no garimpo. Sua filha, Malba Varjão relatou em entrevista:

[...]
Nisso vem o deputado Heronides Araújo e ele perguntou como faria pra ter emancipação, Barra do Garças ser elevada a categoria de município. Falou que precisaria de mil e um títulos para elevar a categoria de município e ele tinha montes de títulos de garimpeiros que ele tinha feito muito. Então ele ficava o tempo todo no garimpo, escutava todas as histórias dos garimpeiros, ele garimpou, mas não é que ele fosse um daqueles garimpeiros, porque ele garimpava pessoas, fazia títulos, convivia no garimpo, conhecia todas as histórias dos garimpeiros. Ele referencia o garimpeiro, dá todo esse valor, como

fundador dessa região, e aquele garimpeiro anônimo porque você só fala garimpeiro, não sabe o nome de nenhum garimpeiro porque eles eram heróis anônimos. E a preocupação do meu pai era com esse herói anônimo. Esse que luta que faz a cidade e que depois é esquecido pela história. Então a preocupação dele sempre foi com a história, com as raízes.

Aline: Qual é a relação de Varjão com o garimpo?

Malba: Quando ele tinha 10, 11 anos ele perdeu o pai, ele era um moleque. Quando ele tinha 15 anos, a mãe dele morreu. Na infância na Balisa ele conta que de tudo ele era aprendiz, então de sapateiro, tudo ele fazia. Ele era tipo ajudante. Ele se espelhava nas pessoas pioneiras, que ele considerava pioneiro, que eram as pessoas importantes e poderosas assim, do lugar. E na época quem era importante e poderoso era garimpeiro, eram aqueles que bamburravam, que pegavam as pedras, que detinham o dinheiro na época. Ele admirava muito o garimpeiro porque o garimpeiro era, como ele diz, um visionário. Ele vivia de sonho e de encontrar uma pedra, e na hora que ele encontrava ele gastava o dinheiro em pouco tempo. Ele conta que a vida no garimpo era tão dura e tão causticante que se ele não estivesse na pior sem nenhum tostão, ele não ia garimpar. Ele ficava na cidade até gastar o último tostão. Quando ele não tinha mais nada, é que ele ia enfrentar o garimpo. Era uma admiração que ele tinha. Eu vejo essa identificação do meu pai com o garimpeiro, não por ele ter sido um garimpeiro. Ele tinha o espírito do garimpeiro, porque ele vivia de esperança, a esperança de uma pedra preciosa que seria a fama, o nome que ele conquistou através da luta da vida dele. E as pedras que ele buscava, seriam as pessoas que ele amava, a região, a cultura que ele vivia, o que ele procurava preservar, então, assim, o povo.

Este trecho da entrevista vislumbra a lente pela qual Varjão forja a categoria dos garimpeiros. A arquitetura da imagem desse grupo é alicerçada por experiências e interesses ligados aos ideais das autoridades nessa atividade, visto que escritor está vinculado ao contexto histórico em que os donos do garimpo eram as pessoas que pertenciam a uma posição de liderança e soberania nas vilas garimpeiras.

Assim como o *justiceiro* José Morbeck e o *fundador* Antônio Cristino Cortes²⁹, os donos dos garimpos detinham poder de comando, sentiam-se responsáveis por manter a ordem na comunidade garimpeira. Varjão constrói a imagem destes personagens como heróis, visionários e que lutaram com esperança de um dia enriquecer com a extração de pedras preciosas.

Como disse Said,

²⁹ Categorizações utilizadas por Valdon Varjão em sua obra “Barra do Garças no Passado”.

o herói e a heroína de romance mostram a energia e o vigor infatigável característicos da burguesia empreendedora, e lhes são permitidas aventuras em que suas experiências lhes revelam os limites daquilo a que podem aspirar, aonde podem ir, o que podem vir a ser (SAID, 2005, p. 109).

A narrativa de Varjão qualifica essa reflexão, atribuindo ao garimpeiro uma condição de natureza antropológica, pois, a ele não é apenas imputado a característica de explorador de minérios, mas sim a representação simbólica do herói que vivencia experiências arriscadas com força incansável em prol do enriquecimento material. É como dizer que características próprias de narrativas da burguesia conquistadora, como a valentia, aquisição e o sobrenatural, estão intrínsecas nesse personagem. O fundador e minerador, Antonio Cristino Cortes, é criador de um novo mundo, governado por seus companheiros ligados à mineração. É mediante a tal fato que Varjão seleciona o garimpeiro como protagonista da formação da cidade de Barra do Garças.

Outro grupo presente nas obras de Valdon Varjão, que poderíamos qualificar como coadjuvante, é o grupo denominado pelo autor de *sertanejo centro-oestino*³⁰. Este personagem é retratado por Valdon Varjão de forma similar ao sertanejo narrado em “Os Sertões” (1902) por Euclides da Cunha e analisado por Mireya Suárez (1998). Segundo esta antropóloga, o sertanejo de tal narrativa ficcional é marcado por ausências e presenças: falta-lhe a civilização, porém esbanjam coragem e força.

3.2. *O sertanejo centro-oestino narrado por Valdon Varjão*

Ao (re) criar o sertanejo centro-oestino, Varjão se refere ao mestiço de negros, brancos e índios que vivem no leste do estado de Mato Grosso e Sudoeste de Goiás. Segundo ele, este personagem é parecido com o tipo narrado por Mazaroppi em “Jeca Paulista”: deselegante, magro e desajeitado. Ele é semelhante ao vaqueiro narrado por Euclides da Cunha que aparenta cansaço e preguiça, porém é ágil, corajoso e vibrátil (VARJÃO, 1981a).

O sertanejo vive nos campos à margem dos rios, lugar onde constroem seus “ranchos toscos com madeiras roliças, revestidos com barro amassado e pedras,

³⁰ Categoria forjada por Valdon Varjão em referência ao sertanejo que vive na região Centro-Oeste do Brasil.

denominadas paredes de ‘taipa’, cobertos com palhas de piaçava, babaçu ou folhas de buriti” (idem, p. 53). Ao contrário dos garimpeiros, os sertanejos constroem residência fixa, onde vivem com suas famílias extensas; além disso, cultivam a terra em que vivem.

O sertanejo centro-oestino se dedica à vida rural, cultiva a terra e cria gado. Porém, ressalta o escritor, o sertanejo produz em escala reduzida, geralmente utiliza pastagens naturais. Ele trabalha em sua roça com o objetivo de alimentar sua família, sem auxílios técnicos, adubos ou financiamentos³¹. Quando lhe sobra produção, ele vende as sobras nos vilarejos mais próximos (idem).

Varjão afirma que o sertanejo alimenta-se da caça, coleta e pesca. Os alimentos são listados pelo escritor: veado, porco queixada, anta, paca, tatu, preá, jacu, macuco, perdiz, pequi, buriti e buritirana.

De acordo com autor, o sertanejo centro-oestino possui outras denominações devassas que variam entre: jeca, caipira, arigó, cafumango, beroso, cafuçu, capiau, matuto, mocrongo, queijeiro, tabaréu, brejeiro, tucura e pula-pau.

Tratando-se de religião, para o escritor, a maioria dos sertanejos centro-oestinos são católicos e festejam os santos como: Santos Reis, São Sebastião, Santo Antônio, Divino Pai Eterno e os padroeiros das comunidades onde vivem. Tais folias são representações culturais que mantêm as tradições vivas no pensamento dos membros desses povoados.

Valdon relata a existência de outra manifestação cultural deste grupo, os chamados *mutirões*, organizados entre os vizinhos com fins de auxílio no serviço rural, como derrubas de matas para plantação ou colheitas de sua produção. Tais encontros foram considerados pelo escritor como *folgedos* que terminavam com rezos de terços e festas dançantes. Segundo Varjão, as músicas escutadas eram de acordeão, catiras ou forrós. Nestes bailes eram servidas bebidas alcoólicas, geralmente a pinga, quinado elefante, cinzano, cerveja, licores, quentões ou rabo-de-galo (coquetel) (VARJÃO, 1981a). As festas realizadas após os mutirões eram animadas por disputas entre repentistas, denominados por Varjão de *marteleiros*. Estes confrontos só terminavam quando um dos trovadores se atrapalhava numa rima ou numa difícil resposta.

³¹ Neste ponto, entendo que o autor compara a produção do sertanejo à produção agrícola dos migrantes sulistas e sudestinos que foram para esta região e construíram grandes fazendas.

Varjão narra o sertanejo centro-oestino de forma análoga ao sertanejo do Nordeste construído em narrativas como a de Euclides da Cunha. Ele considera essa semelhança de forma explícita:

Acreditamos que alguns escritores já tenham retratado o sertanejo como fez Euclides da Cunha em sua obra imortal “Os Sertões”. Entretanto, ainda estamos por ver a descrição do caboclo “Sertanejo Centro-oestino” dos sertões inconfundíveis do Leste do Mato Grosso e Sudoeste de Goiás, região onde vivi minha infância, adolescência, maturidade e agora vivendo a velhice (VARJÃO, 1981a, p. 53).

O Sertanejo Centro-oestino, no entanto, por descender ou ter a mesma origem do protótipo nordestino, tem muito de sua aparência nos costumes, linguajar, comidas, credices ou vivências. É uma figura estóica, que sustenta uma imensa e perene luta contra as intempéries da natureza, ou contra o abandono e a marginalização (idem, p. 56).

O sertanejo analisado por Mireya Suárez (1998) nas escrituras de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa aponta para um personagem de narrativa mítica sobre a conquista da civilização pela nação brasileira. Trata-se de um brasileiro de características fortes com maneiras primitivas de agir e pensar.

A vinculação realizada por Varjão dos habitantes da região Centro-Oeste às narrativas sobre a população da região Nordeste, está relacionada à sua biografia, pois ele participou do movimento migratório desse povo à região do Garças e Araguaia influenciado pelas notícias de riquezas provindas das descobertas de pedras preciosas. Varjão migrou com sua família de Cariús, no Ceará, para Baliza, Goiás. Nesse sentido, é provável que Varjão pensasse seu pai inserido no grupo dos sertanejos narrados por Euclides da Cunha e Guimarães Rosa.

No interior dessa configuração social construída por Varjão que reúne sertanejos e garimpeiros, estão incluídos, também, grupos indígenas. Diferentemente de como foram narrados aqueles, este grupo foi descrito por Varjão como obstáculo³² para sertanejos e garimpeiros, e, depois para a FBC. Como poderemos ver, nas narrativas de Varjão, os povos indígenas são orquestrados como grupos resistentes à expansão dos bandeirantes. Tal singularidade está relacionada às experiências vividas pelo autor, às suas relações sociais, interesses e ao contexto histórico em que ele viveu.

³² Com exceção do povo Karajá.

3.3. Indígenas

Confrontado às narrativas referentes a garimpeiros e sertanejos, as obras de Valdon Varjão apresentam de forma esparsa os grupos indígenas que viveram e ainda permanecem na região do Vale do Araguaia. Especificamente próximo ao rio Araguaia, viviam povos Caiapó e Bororo, já na região do rio das Mortes estavam os Xavante.

Esses povos são narrados pelo escritor como grupos hostis e violentos. Varjão seleciona e publica em suas obras documentos e correspondências nos quais é constante a presença de palavras como hostilidades, assassinatos e ataques nos trechos em que ele se refere a este grupo.

Através de um criterioso levantamento da história (pesquisa do historiador Eurico Souza), mostramos aqui, como as faremos em mais oportunidades, transcrições de documentos e notícias do século passado, inerentes a nossa longa história, hoje levantadas sobre a *incivilização*³³ dos indígenas Caiapós (Jornal de Caiapônia *apud* VARJÃO, 1985, p. 66).

[...] os índios Caiapós acabaram de cometer diversas hostilidades, e pedindo atual autorização para formar, com os vizinhos, uma força a fim de afugentar os ditos índios (GAZETA OFFICIAL DE GOIÁS, 1858 *apud* VARJÃO, 1985, p. 67).

Os selvagens, fazendo buracos nas paredes, flecharam a todos que acharam dentro, donde proveio-lhes a morte à exceção de uma crioulinha que ainda assim ficou muito ferida. Além dessas crueldades, picaram os cadáveres a dentadas (GAZETA DE UBERABA, 1870 *apud* VARJÃO, 1985, p. 69).

Adotando procedimento análogo, Varjão conta relatos de que os Bororo eram agressivos aos habitantes locais. O escritor relata um evento específico que foi contado a ele, sobre um desses ataques. Trata-se do ataque à família de Clarismundo Peres. Segundo Varjão (1985), Clarismundo era bem visto pelos indígenas, pois oferecia a eles alimentação regularmente. Numa dessas ocasiões, devido à negação de uma rapadura, os índios atacaram “ferozmente” a sua família.

³³ Grifo meu.

Alterados com esse pretexto, porque tentaram disfarçar o malévolos fim da ida à casa do Sr. Clarismundo Peres, proferiram baixinho algumas palavras e repentinamente, dois a dois, como haviam de antemão combinado caíram sobre as quatorze pessoas que compunham a família, agarrando três dos meios fortes o chefe da casa, que recebeu um talho na perna, uma forte cacetada acima das orelhas, quebrando-lhe o crânio, e por fim uma horrível facada que passando-lhe entre o pulmão direito e as costelas, varou-lhe às costas (VARJÃO, 1985, p. 70).

Passado algum tempo, Clarismundo reuniu dezesseis companheiros e vingou-se dos indígenas de forma também violenta.

Consta que, no grupo de Clarismundo Peres, um capataz para mostrar ao povo da região que haviam feito vingança, cortara 499 orelhas de índios adultos e conduziu até a fazenda Funil dentro de um caldeirão de salmora: a prova macabra foi muitos dias exposta aos curiosos (idem, p. 72).

Sobre os índios Xavante, Varjão reconta um evento³⁴ em que missionários jesuíticos foram para a região do rio das Mortes (150 Km de Barra do Garças), com o objetivo de evangelizar e “pacificar” o povo Xavante. No entanto, os Xavante se recusaram a receber os religiosos em suas aldeias, e a insistência dos padres em evangelizá-los resultou na morte dos religiosos. O escritor narra o fato com muito pesar e repúdio aos Xavante, ele os descreve como “rebeldes”, “renitentes” e “brutais”.

[...] Os salesianos lutavam contra a obstinação dos gês, *rebeldes*³⁵ a qualquer aproximação.

[...]

O malogro de uma dessas tentativas, adiante relatado, não pôs fim ao capítulo da cristianização, ficou como um traço de união vincado com o sangue de dois padres.

O martirologio é o maior incentivo às missões evangelizadoras que procuram apaziguar a rudeza nativa dos silvícolas *renitentes*³⁶ (VARJÃO, 1980, p. 137)

³⁴ Sobre este episódio Valdon Varjão referencia *Caçadores de Diamantes* de Luís Sabóia Ribeiro.

³⁵ Grifo meu.

³⁶ Grifo meu.

A representação dos grupos indígenas como belicosos que careciam pacificação foi localizada por Luciene Rosa (2008) em literaturas dos séculos XVIII e XIX que enfocavam o Brasil Central. Segundo Rosa, à medida que o ouro ia escasseando, as bandeiras se deslocavam para o interior, e quando não encontravam ouro, elas aprisionavam os índios. Quando os bandeirantes encontravam ouro, estes se confrontavam com os índios pela disputa de passagem e exploração do território. O avanço das bandeiras para o interior do Brasil ocasionou o deslocamento dos povos indígenas, tal articulação gerou conflitos e mortes a índios e não-índios. No entanto, a belicosidade e a ferocidade dos indígenas foram narradas pelos escritores dos séculos XVIII e XIX como impedimento para o progresso (RAVAGNANI, 1978, p. 11 *apud* ROSA, 2008).

Para Ravagnani (*idem*), os fazendeiros vizinhos aos Xavante cobiçavam suas terras, pois acreditavam que os indígenas possuíam terras melhores que poderiam fornecer grande quantidade de riqueza. Para os fazendeiros se apossarem de tais terras, deviam exterminar os indígenas com o auxílio do rei.

Segundo Rosa (2008) a imagem do índio como belicoso surgiu quando os indígenas organizaram meios de defesa contra os fazendeiros da província de Goiás. Palavras pejorativas em referência aos índios, como: bichos ferozes e perigosos foram encontradas nas correspondências oficiais³⁷. Isso acentuou ainda mais a barreira entre índios e não-índios.

Nesse sentido, a imagem dos indígenas recriada por Varjão os indica como hostis a outros grupos que habitavam o Vale do Araguaia. Tal reconstrução está vinculada ao processo de narração exposto por Walter Benjamin (1983), segundo o qual considera que o narrador direciona as histórias de acordo com suas próprias experiências e relatos que apreendeu ao longo de sua vida.

3.4. *Funcionários da FBC*

No segundo capítulo desta dissertação vimos que Valdon Varjão apresenta, na obra *Barra do Garças no Passado*, a instalação da Fundação Brasil Central como evento importante para o desenvolvimento sócio-econômico dos municípios de Barra do

³⁷ Valdon Varjão divulga tais correspondências em na sua obra “Barra do Garças: migalhas de sua história” (1985).

Garças e Aragarças. A FBC impulsionou pessoas das regiões sul e sudeste a migrarem para o Vale do Araguaia a fim de trabalharem na instituição. Devido a isso, novos costumes, novos gestos e vestimentas chegaram à Barra do Garças e Aragarças (VARJÃO, 1980a).

No entanto, no primeiro capítulo da terceira parte da obra citada acima, intitulado *Falência dos Costumes*, o autor narra em tom acusatório:

A degeneração de costumes foi alcançada com a tal chamada evolução. Foram os “pilantras” recrutados pela Fundação Brasil Central que em aqui chegando e por terem residido nos grandes centros, apesar de muitos serem moleques de morros e favelas, que avacalharam as festas, entrando sem serem convidados, usando “bombachas” ou calças faroestes como trajes de passeio, intitulando-se “doutores”, deles até que nunca possuíram ternos ou paletós.

[...]

Acontece que os intrujões da FBC, como eram conhecidos os funcionários subalternos da Fundação, que sem costumes achavam que deviam esculhambar as tradições da terra, organizaram uma leva de uns 10 e entraram na festa da casa do “Sinhozinho”

[...]

Por isso é que se diz que a “Marcha do Progresso” acaba com as tradições (VARJÃO, 1980a, p. 207-208).

Este trecho torna evidente o sentimento, por parte do autor, de desvirtuamento das tradições da comunidade na qual ele pertence. A chegada de pessoas desconhecidas, com maneiras diferentes de pensar, provocou no escritor um sentimento de aborrecimento ao grupo imigrante e um temor de que este estabelecesse alterações tanto nas atividades culturais quanto na configuração social e política da região.

Em “O Desencanto do Oeste”, Lima Filho (2001) apresenta três grupos sociais encontrados na pesquisa que se relacionam com o grupo dos expedicionários da Marcha para Oeste: garimpeiros, sertanejos e indígenas, “cujas presenças nas narrativas apontam para uma interação de alteridades” (idem, p. 150). Especificamente sobre a relação entre os garimpeiros e expedicionários, Lima Filho demonstrou que, por um lado, estes eram ignorados pela trama do poder político que era alternado entre fazendeiros e médicos, de origem garimpeira ou do sertão. Por outro lado, os garimpeiros eram invisibilizados pelo discurso dos expedicionários. Segundo Lima Filho, havia, na região, uma divisão estabelecida entre funcionários da FBC e expedicionários de um lado, contra os

garimpeiros e sertanejos de outro. O primeiro grupo estava situado na parte “alta” da cidade de Aragarças e o segundo grupo na parte “baixa”.

De acordo com o antropólogo, na parte “baixa” estavam os garimpeiros, os sertanejos, o comércio e a diversão; já na parte “alta” estava situada Fundação Brasil Central e suas edificações. Do ponto de vista dos funcionários da FBC, a parte “alta” representava o todo, enquanto a parte “baixa” era lugar dos “Outros” “e tudo relacionado a eles, deveria ser englobado pela Fundação Brasil Central, que era metonímia do Estado, do poder, do civilizado e da modernidade” (idem, p. 127).

Para Lima Filho (2001), existia uma disputa entre garimpeiros e funcionários.

Esta oposição indica que o garimpo é uma informação cultural, refreada na memória e representação do mundo dos pioneiros da Expedição Roncador –Xingu, FBC e Sudeco. É como se a história começasse com a Expedição Roncador-Xingu congelando um tempo anterior.

[...]

Mas a fronteira atravessou o mundo relacional, holista do sertão, abalando as relações de poder, acenando com um mundo novo de igualdades dos indivíduos (LIMA FILHO, 2001, p. 153 – 154).

A citação de Lima Filho (2001) e a de Valdon Varjão (1980a) ensejam duas reflexões a respeito da relação entre o grupo dos que já viviam na região – no qual está incluído Valdon Varjão –, e o grupo que chegou com a Expedição Roncador-Xingu. Por um lado, os dados mostram a presença da noção de subalternidade e do modelo de contar história imposto pela modernidade que nega a dinâmica interna dos povos colonizados.

Nesta perspectiva, podemos entender que os funcionários da FBC entendiam-se como civilizadores do sertão e sentiam-se na obrigação de desempenhar o seu papel de autoridade sobre o tradicional, englobando as sociedades sertanejas e garimpeiras a partir do discurso da emancipação em que o homem poderia se libertar das amarras tradicionais e se inserir na igualdade individual proposta pela modernidade (DUSSEL, 2005).

Por outro lado, as informações demonstram que o grupo pelo qual Varjão fazia parte era constituído pelos detentores do poder político em Barra do Garças, pessoas estabelecidas na região. Dentro de tal contexto, o autor transmitiu os ideais e receios

dessa parcela. Tal descoberta permite uma aproximação à reflexão de Norbert Elias (2000), em “Os Estabelecidos e os *Outsiders*” no qual ele faz uma análise da estigmatização entre dois grupos de uma pequena cidade inglesa. Segundo o autor, existia em Winston Parva³⁸ um grupo de pessoas que já vivia há muito tempo no povoado e outro de recém-chegados. Ambos foram classificados por Elias como trabalhadores, porém o primeiro grupo via a si mesmo como superior, pessoas “melhores” do que o segundo grupo. E através de meios de controle social, como a fofoca elogiosa, os estabelecidos conseguiam fazer com que os recém-chegados os percebessem como superiores e se auto-notassem como inferiores. Além disso, o grupo dos estabelecidos tende a atribuir ao conjunto do grupo *outsider* características como “ruins, pior, desordeiros”.

Nesse sentido, os funcionários da FBC foram retratados por Valdon Varjão de acordo com a visão de um grupo da população que já vivia há muito tempo na região do Vale do Araguaia, estabelecido, composto por pessoas que ocupavam cargos públicos privilegiados. A narrativa de Varjão pode ser interpretada como receosa ao discurso englobador e civilizador da FBC.

A inserção de uma grande quantidade de migrantes que foram trabalhar na FBC transformou a configuração social do povoado. Novos costumes, novas crenças, novas maneiras de agir e novos pontos de vista se sucederam nas cidades de Barra do Garças e Aragarças. Essas dissonâncias de visões de mundo foram mal vistas pelo autor o qual, neste trecho, retratou os funcionários como desordeiros, maculadores que cercavam e ameaçavam os valores e as tradições de sua comunidade.

Percebemos, então, que o narrado e o vivido se entrecruzam constantemente nas obras de Valdon Varjão o que as torna possível de serem pensadas como fontes para a compreensão da formação simbólica das comunidades do Vale do Araguaia. Visto que, segundo Cintya Rodrigues (2006a), os escritores locais se comprometem nos processos de formação das referências culturais das comunidades que deram sentido a seus espaços de vida e história. Eles narram as tradições dos lugares, pessoas e grupos os quais constituem um conjunto de relações de sujeitos envolvidos (RODRIGUES, 2006a). Essa literatura, que é construída por sujeitos do local e não por pessoas de fora, recria os sentidos locais e tem o papel de divulgar esses saberes (JACINTO, 2003). Por

³⁸ Nome fictício adotado por Elias.

esse motivo, no próximo capítulo a literatura de Varjão é analisada como uma manifestação de memória de Barra do Garças.

CAPÍTULO 4

A literatura de Valdon Varjão como expressão de memória coletiva.

A literatura local pode ser utilizada como entrada para se compreender a formação de um lugar. Para Cintya Rodrigues (2006a), as literaturas locais são campos privilegiados da construção desses lugares.

Varjão escreve com a pretensão de preservar a memória do Vale do Araguaia, através de uma especificidade cultural, valorizando acontecimentos e a cultura do lugar. Em suas obras, o autor destaca o processo de povoamento, as famílias pioneiras, os costumes, as festas, a geografia física; e, também, o rio Araguaia. Ao fundar a Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro Oeste, o escritor assume o ofício de movimentar e preservar os saberes locais. Dessa forma, a atuação desse escritor e a sua trajetória possibilitam aproximá-lo de outros escritores locais já retratados noutros estudos³⁹, cuja característica fundamental reside no relacionamento construído com a comunidade e na participação na cultura local (RODRIGUES, 2006a).

Neste trecho é possível perceber a sua preocupação em registrar e circular a história de Barra do Garças:

Nosso maior desejo seria realizar uma obra significativa e abrangente, com a participação de todos que produziram ou reproduziram nossas vivências, dando oportunidade a muitos valores anônimos perdidos nesta região desprovida de incentivadores da cultura.

(...)

Ao expressar nossas conclusões, esperamos que a temática exposta, além de jocosa e pitoresca, retrate também o traço de união de um povo na preservação de um folclore uno e singular, resguardando a natureza e a origem de suas vivências (VARJÃO, 1993, p. 17-18).

³⁹ Cintya Rodrigues trata sobre literaturas locais referentes ao sudoeste de Goiás como espaço simbólico, e tem o objetivo de compreender a construção desse espaço. A autora privilegia os escritores locais porque eles se envolveram “em processos de construção de referências culturais definidoras de seus espaços de vida e história” (RODRIGUES, 2006, p. 10).

Esta passagem demonstra a inquietação de Varjão a respeito da ausência de pessoas que se preocupassem com o registro da memória local; mostra, também, que o escritor traz para si o encargo de preservá-la. Na sua literatura, os propósitos de Varjão podem ser relacionados às responsabilidades associadas ao seu próprio papel de *narrador* – à maneira de Benjamin (1983) – para com a comunidade de Barra do Garças.

Para Walter Benjamin (1983) narrar é uma arte fundamental na constituição do homem na sociedade. Na narrativa o artista conta uma história permeada por suas próprias experiências vividas e testemunhos recolhidos ao longo da vida. O narrador inclui, assim, as suas marcas na história contada, permitindo que ao narrar, a história seja assimilada e mantida na memória tanto de quem narra quanto de quem ouve. Há, nesse sentido, um vínculo entre narrador e ouvinte que permite a interpretação da história, por este, de acordo com suas relações sociais, suas tradições e sua coletividade. Esse vínculo faz com que a narrativa se mantenha na memória do ouvinte.

Na perspectiva desse pensador, o narrador é a pessoa que dá conselhos relacionados às suas próprias experiências e a relatos que ele próprio ouviu durante a sua vida. Ele é um sábio que colhe a experiência e transmite na forma de conselhos, transformando-os em experiências para os que ouvem a sua história. Desse modo, o narrador é o sujeito que deixa seus próprios sinais na narrativa, ele inicia a história, geralmente, contando como ele próprio teve conhecimento do fato a ser relatado.

Ao se referir à modernidade e à constituição do romance, Benjamin (1983) afirma que o ato pelo qual o escritor se afasta da realidade e se mantém na solidão para construir a escritura rompe com a ação de contar histórias. Ao se isolar, o autor escreve uma história individual, onde apenas os seus valores e suas experiências singulares se manifestam. Assim, o romance deixa a desejar no que tange a outras experiências que não a do próprio escritor. Nessas histórias o escritor adorna e descreve criteriosamente o cenário e os acontecimentos. Isso, para Benjamin, dificulta que o ouvinte estabeleça aproximações com sua própria vida, com suas tradições e com a coletividade; conseqüentemente, diminui-se a possibilidade dele manter a história em sua memória e de retransmiti-la. Logo, esse rompimento dá possibilidades ao esquecimento, pois as pessoas perdem os vínculos centrais que as faziam lembrar.

Contudo, como afirma Verena Alberti (1991), o lugar da escrita autobiográfica pode ser relativizado no âmbito da modernidade, pois apesar de se referir ao sujeito em

sua dimensão íntima e “informar” como faz o romance (BENJAMIN, 1969 *apud* ALBERTI, 1991),

ela também difunde e exemplifica a experiência do autor, a partir de seu ponto de vista singular, e, nesse sentido, tal qual a "narração", (in)forma, aconselha e ensina o "ouvinte". Paradoxalmente, portanto, a autobiografia, "nascida" e legitimada no contexto da modernidade, atualiza uma modalidade discursiva, que, segundo Benjamin, estaria retrocedendo para o "arcaico". E se, antes, a "narração" explicava a "tradição" e os acontecimentos do ponto de vista da comunidade (função que lhe foi tomada pela "imprensa"), agora lhe cabe difundir o novo "valor" paulatinamente construído na modernidade: não mais a *universitas* e sim o "indivíduo" em sua dimensão única e autônoma (ALBERTI, 1991, p. 8).

Embora a narrativa de Valdon Varjão tenha nascido no contexto da modernidade, ela elabora uma sequência de eventos que configura um corpo narrativo, o qual é estruturado pelas experiências biográficas do autor e pelos relatos que ele recolheu da coletividade ao longo da vida. Desse modo, a literatura de Varjão dissemina suas próprias vivências e, também, os acontecimentos vividos pelo grupo, aconselhando o leitor.

Segundo Benjamin (1983), ao incorporar na história narrada suas experiências de vida, o narrador está utilizando um mecanismo para manter a narrativa em sua memória. E quem a ouve também usa deste mecanismo para o mesmo fim. Há, uma relação entre narrador e ouvinte “dominada pelo interesse em reter a memória” (idem, p.66). Se, como já exposto, as obras de Varjão entrelaçam histórias e vivências, podemos pensá-las como ponto de vista da memória coletiva de Barra do Garças.

Para Maurice Halbwachs (2006), a consciência individual “jamais está encerrada em si mesma, não é vazia nem solitária”. A memória individual é construída sobre a baliza das experiências e dos contextos coletivos. Segundo ele, a rememoração pessoal está localizada no ponto de encontro das múltiplas redes de solidariedade e das correntes do pensamento coletivo a que os indivíduos estão envolvidos. Nesse sentido, a construção da lembrança é orquestrada na encruzilhada dos depoimentos múltiplos. A construção da memória está relacionada à fronteira e limite, pois ela se constitui na interseção, no encontro dos pensamentos coletivos.

A descrição dos quadros e espaços sociais de memória auxilia a se chegar ao ponto de encontro entre a existência pessoal atual e os fatos vivenciados no passado, pois, segundo Halbwachs (2006), a memória se fixa em certos espaços, e, assim, dá a sensação de durabilidade para o grupo. A percepção da lógica material do ambiente permite a compreensão do mundo exterior. O espaço, sendo lugar onde a sociedade imprime e fixa a sua marca, pode ser pensando como referencial fortificado do pensamento coletivo.

Para a construção das obras, Varjão fez pesquisa em documentos, firmou-se em tradições orais sobre folclore, resgatou fotografias e narrou suas próprias experiências na região do Vale do Araguaia; recriou a história de fundação, os festejos, os acontecimentos políticos e pessoas significativas para a cultura local.

Este capítulo se debruça sobre as obras de Varjão para compreender uma versão de memória da comunidade barra-garcense; a partir da ideia de que a rememoração das tradições cria uma relação de identidade. Enfoca-se os lugares e as pessoas que se tornam *espaços de memória* de Barra do Garças na narrativa de Valdon Varjão, pois, como afirma Halbwachs (2006, p. 69) “a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”.

4.1. Os lugares de memória nos relatos de espaço

Para Michel de Certeau (2007), os relatos de espaço elege e organizam lugares num arranjo, desses lugares os relatos criam itinerários, percursos de espaços. As narrativas, nesse sentido, têm valores espaciais, pois seus códigos e ordenações regulam as mudanças dos espaços. A representação dos espaços no relato de um sujeito cria uma ligação entre esses espaços que conduz à passagem de um espaço a outro.

Certeau estabelece uma distinção entre “lugar” e “espaço”. Para ele, o lugar “é a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTEAU, 2007, p. 201). O lugar é onde os elementos se encontram no seu lugar *próprio* e distinto que o define. Sugere estabilidade e duração. O espaço é o efeito produzido pela prática que se desenrola no lugar, que o temporaliza e o circunstancia. Segundo Certeau “o espaço é um lugar praticado”. A partir dessa perspectiva podemos inferir que os lugares da cidade de Barra do Garças são espacializados quando Varjão os narra em sua literatura.

Para Maurice Halbwachs (2006), imagens espaciais que recebem a marca do grupo, exercem um papel de permanência e estabilidade na constituição da memória. Segundo ele,

... não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço (...) que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça (HALBWACHS, 2006, p. 170).

O lugar ocupado por um grupo recebeu dele suas marcas e vice-versa. Assim, cada aspecto do lugar tem sentido inteligível apenas para os membros desse grupo. As experiências vivenciadas ligam as pessoas aos lugares, criam uma relação de pertencimento o que permite à memória coletiva, a cada momento que percebe o espaço, nele encontrar alguma lembrança. Halbwachs enfatiza que não são os espaços ocupados pelas coisas, mas sim, os lugares em que se formam as opiniões, os valores e onde se transmitem as lembranças que servem de suporte para a memória coletiva (HALBWACHS, 2006).

Nas obras “Barra do Garças: um pouco de sua história, Barra do Garças no Passado” e “Janela do Tempo: homenagem ao passado”, Varjão recria lugares praticados por membros da comunidade barra-garcense. A inserção e a descrição desses lugares na narrativa produzem, neles, sentido simbólico e auxiliam no processo de rememoração, enfim, faz com que os leitores enquanto membros dessa coletividade se reconheçam pertencentes à história contada.

Em “Barra do Garças no Passado”, Varjão introduziu a história de um tesouro que foi escondido próximo a uma pedra, a Pedra S. S. Arraya, marco inicial de Barra do Garças⁴⁰. Esta pedra foi tombada pelo patrimônio público municipal e está situada na praça Domingos Mariano. Sendo o lugar que auxilia as pessoas a lembrarem da história de fundação da cidade, o monumento traz à memória dos habitantes lembranças do passado sobre o garimpo e sobre os garimpeiros.

⁴⁰ Ver capítulo 2 desta dissertação.



FIGURA 4: Pedra S. S. Arraya – Marco inicial de Barra do Garças (VARJÃO, 199-?, p. V)

Outro espaço evidenciado pelo escritor foi o Parque Estadual da Serra Azul. Em “Barra do Garças: um pouco de sua história”, Varjão o descreve como situado a quatro quilômetros do centro da cidade, acolhe o marco do centro geodésico do Brasil e outros espaços de memória coletiva, como o discoporto e o mirante do Cristo. O narrador conta um pouco das características deste espaço que é um dos cartões postais da cidade:

Os índios Bororo utilizavam este local para sua subsistência e o denominavam *Kieguereiral* que significa “morro lugar dos pássaros”, devido à grande diversidade de aves que ali habitam até os dias de hoje. A fauna e a flora exuberantes convivem harmoniosamente com cachoeiras, fendas e cavernas, sítios paleontológicos e arqueológicos, formações rochosas curiosas, trilhas belíssimas e bosques nativos (VARJÃO, 199-, p. XI).

O Parque Estadual da Serra Azul é narrado por Varjão como lembrança de um lugar utilizado pelos indígenas, e, ao mesmo tempo, como atrativo turístico da cidade. Trata-se de um espaço muito frequentado pela população local e por turistas – devido às cachoeiras, mirante e discoporto – que Varjão rememora em sua literatura e faz reaparecer na memória do leitor a lembrança de experiências que este vivenciou nesse lugar.



FIGURA 5: Cachoeira do Parque Serra Azul (VARJÃO, 199-?, p. XV).

Varjão recorda-se do bar Zeca Costa situado na década de 1950, na esquina das ruas Rafael Cardoso e Coronel Cristino Cortes. Segundo o autor, um novo Delegado de Polícia, Capitão Figueiredo, resolveu que neste bar seria sediado um clube de conversa, o “Clube da Mangueira” (VARJÃO, 1980, p. 235).

Ao luar das noites, e à sombra da mangueira, era realizada a Tertúlia Social, onde se reunia toda a elite da família barra-garcense. Ali, eram tratados todos os assuntos da comunidade, piadas, fuxicos, críticas, reclamações e até soluções políticas, após saborear-se as galinhas cheias, perus, bodes ou churrascos que sempre eram levados pelas senhoras componentes do Clube, onde procuravam mostrar suas especialidades culinárias (idem).

As narrativas que rememoram as experiências do escritor no bar Zeca Costa e até mesmo sua localização exata auxiliam o leitor a lembrar de suas próprias experiências nesse lugar. Mesmo que o leitor não tenha, de fato, convivido no bar, a descrição da esquina onde era situado faz com que ele se sinta inserido nesse grupo e traga à sua memória lembranças de vivências e de outros relatos sobre esse espaço.

O escritor rememora, também, a construção da primeira praça de esportes de Barra do Garças:

Em 1941, uma turma de rapazes, liderados por Zeca Costa e acompanhados pelo narrador, por Ladislau Cristino, Altamiro Muniz, irmãos Joca e Lídio Pereira da Silva, Edmo Pereira, Manuel Santa (Manuel do Perna de Pau), José Costa Cardoso (José do Chato), Nilo Costa, Antônio Paiva, irmãos João, José e Chico Miranda, afeitos do esporte, resolveram fundar um clube de futebol e construir o primeiro campo que foi localizado dentro do macambiral que orlava Barra do Garças. Ficava no local onde hoje se encontra construída a casa do Sr. Daniel Rodrigues, Rua Rafael Cardoso, próximo à rodoviária; naquela época, tudo ali era cerrado, a casa mais próxima era a do Aniceto.

Roçado o local e derrubado o mato pela equipe, em forma de mutirão, foi angariada entre os mais endinheirados uma importância que alcançou a soma de 400 mil réis, sendo empreitado por Antônio (Patrás) o arremate da Praça de Esportes (idem, p. 235).

A narração que localiza o lugar onde se encontrava o clube de futebol cria, como definiu Certeau (2007), um arranjo do valor espacial. O relato da ordenação do lugar onde o clube estava situado e a caracterização do ambiente gera uma vinculação entre os espaços do percurso, o que também aflora na memória do leitor a lembrança.

Mais um lugar de memória lembrado pelo escritor trata-se de onde eram realizadas as festas da vila garimpeira na década de 1930.

O Sr. Talismã ergueu a primeira capela destinada a Nossa Senhora das Graças e ao lado da mesma barraca destinou uma sala que serviria de “cabaré” que foi denominada “K-TE-ESPERO”. Sua localização ficava onde hoje é a casa do Sr. Cícero Morbeck, no encontro das ruas José Valeriano Costa e Cel. Cristino Côrtes. Ali era o ponto de encontro da garimpera e das “mariposas” que afluíam para tirar o dinheiro dos “bamburristas”.

Após as rezas noturnas, com leilões e outras explorações em nome da santa, começava o “Fecha Nunca” até altas horas da madrugada com tiros e outros incidentes. Eram respeitados os mais valentes que muitas das vezes tomavam as dores dos mais covardes. As rodadas de cerveja com guaraná que eram as bebidas mais preferidas eram denominadas “rabo-de-galo” (VARJÃO, 1980, p. 211).

A narrativa, a apresentação de imagens e a construção do relato de espaço com os nomes das ruas e pontos de referência, fazem com que a memória individual do autor seja associada à memória do leitor. Esses lugares narrados por Varjão estão incrustados por marcas relacionadas às vivências da comunidade de Barra do Garças, assim, eles têm sentido aos membros desse grupo. Tais espaços, onde os habitantes dessa cidade praticam suas experiências e formam as suas ideias, são difusores de lembranças e servem de suporte, na narrativa, para a rememoração.

Para Michael Pollak (1989), os pontos de referência fazem um trabalho de enquadramento da memória, neles ela é guardada e solidificada.

Quando vemos esses pontos de referência de uma época longínqua, frequentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem, de modo que certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda a humanidade (POLLAK, 1989, p. 10-11).

Ao descrever os acontecimentos, ou movimentos que se deram nesses lugares, Varjão forja códigos simbólicos próprios daquele espaço. O relato do escritor sobre as experiências no lugar praticado dá a ele sentido de enunciação e cria uma moldura temporal. Esse processo outorga ao espaço característica de monumento. A partir do momento em que a memória se fixa a ele, produz-se a sensação de estabilidade e transmissão da memória coletiva.

4.2. *As pessoas como lugares de memória*

Marcel Mauss (2007), ao analisar as formas que a noção de “pessoa” e de “eu” adquiriu em diversas culturas, mostrou que a caracterização da *personagem* é construída socialmente e varia de sociedade para sociedade. De modo mais amplo, Mauss constatou a existência de aspectos que definiam o papel exato que cada membro desempenhava na figuração da comunidade. Essas pessoas representavam, cada uma por sua parte, um papel que configurava a totalidade. Nessa perspectiva, a noção de personagem social proporciona ao indivíduo uma posição social, uma máscara, ao mesmo tempo em que o confunde à totalidade da sociedade. Diferentemente da mera percepção de si, a noção de pessoa é construída dentro de um espaço social através da maneira como os outros a vêem, logo ela é dinâmica historicamente.

Assim como os espaços materiais, as personagens sociais, cuja importância leva à lembrança, podem ser consideradas lugares onde a memória se ancora (POLLAK, 1989). Valdon Varjão seleciona pessoas de valor simbólico na construção de uma materialização da memória, (re)cria posições sociais a esses indivíduos fazendo com que eles se entrelacem à totalidade do grupo. Em *Barra do Garças no Passado* o autor traz para a narrativa o primeiro alfaiate de Barra do Garças, naquela época ainda conhecida como Barra Cuiabana.

David Monteiro – era o seu nome – achou que com sua cultura sobreviveria sem precisar ir às “catras” ou “grupiaras”, mas enganou-se redondamente e, assim, depois de seu casamento com Dona Ezilda Maranhão Monteiro começava a passar as maiores necessidades [...]. Certo dia David combinou com sua esposa de que deviam enfrentar a realidade [...]. Com as noções de costura que dona Ezilda possuía

resolveram ir ao comerciante Astolfo Barbosa pedir alguns tecidos baratos para fazerem algumas confecções [...].

Depois de certo treino, pois nas primeiras calças que fizeram tiveram que enfrentar sérios problemas pela falta de experiência na arte, David resolveu se intitular “alfaiate”, e certo dia um garimpeiro dos mais exigentes em trajes perguntou ao comerciante Astolfo Barbosa se havia na região alguém que tivesse condição de confeccionar um terno dos seus cortes de linho “HJ” (VARJÃO, 1980, p. 212-213).

Varjão rememora também de seu compadre Fleury Belém, personagem que trouxe à Barra do Garças o primeiro cinema e “o primeiro serviço de alto-falante com amplificador” (VARJÃO, 1980, p. 217).

Fleuri, que todos ainda conhecem, homem simples, de instrução mediana, usava uma linguagem e um palavreado invulgar como locutor que provocava risos e até hoje chacotas, aos habitantes freqüentadores da casa de espetáculos.

Seu cinema mudo, com um aparelho de projeção para filmes de 8 milímetros, filmes de Carlitos, “O Gordo e o Magro” e os insubstituíveis e incomparáveis “cowboys” americanos ao som de uma radiola tocando valsas para filmes amorosos [...].

Antes do início da película, na tela, Fleuri fazia propaganda ou promoção para a platéia, anunciando os aniversariantes do dia ou da semana, fatos dignos de destaque e propagandas comerciais (idem).

Outra personagem é lembrada pelo escritor, trata-se do palhaço Canelinha.

[...] tipo de indivíduo cômico que, como palhaço, fazia todas as representações do seu circo, o tal “Circo do Canelinha”.

Iniciava a propaganda para a noitada, andando pelas ruas numas pernas de pau de 3 metros de altura, com calça comprida até o chão, uma jaqueta de palhaço, cara pintada e colarinhos mais folgados “que porta de garagem”.

Atrás de si uma leva de garotos que, para ganharem a entrada do circo, aplaudiram-no em suas gozações populares.

Percorria as ruas gritando:

- Hoje tem... Hoje tem...

E a garotada:

- Tem sim senhor...

- Tem marmelada?

- Tem sim senhor...

- Tem goiabada?

- Tem sim senhor.

À noite, enfrentava a platéia com suas exibições exóticas de mágica ou truques, além de piadas exageradas para serem contadas em rodas familiares (VARJÃO, 1980, p. 232).

Personagens ligados à fundação de Barra do Garças também ganharam destaque nas narrativas de Valdon Varjão, é o caso do garimpeiro Antônio Cristino Côrtes. Na maioria das narrativas dos mitos fundacionais há um herói. Na narrativa de fundação de Barra do Garças, Valdon Varjão deposita em Antônio Cristino Côrtes a máscara de herói fundador. Um dos capítulos do livro *Barra do Garças: Um pouco de sua História* é dedicado a esse personagem e se intitula: “Antônio Cristino Côrtes: fundador da cidade”. Neste trecho da obra Varjão narra uma breve biografia de Côrtes, segundo a qual a personagem nasceu em Boa Vista do Padre João (atualmente Tocantinópolis), mas foi na cidade de Pedro Afonso que se constituiu homem público através da política e da educação. Na busca pela borracha, Côrtes foi para Registro do Araguaia. Após algum tempo, iniciou a busca por pedras preciosas no rio Garças. (VARJÃO, s/d, p. VII – X).

Cristino com mais tempo disponível, convida Francisco Bispo Dourado para uma nova aventura: garimpagem no Garças, onde o diamante era abundante (de 1917 a 1924). Foi bem sucedido no garimpo, aplicando suas economias em gado, já pensando em formar uma fazendinha.

[...] Tudo corria às mil maravilhas. No entanto, as relações de amizade entre Morbeck e o Governo do Estado estremeceram-se, motivadas pelas cobranças de impostos na região garimpeira. Antônio Cristino, como um amigo, solidariza-se com Morbeck porque este sempre esteve ao lado dos nortistas e dos humildes (idem, p. VIII).

Outra pessoa marcante nesta fase definida por Varjão é a figura do engenheiro agrônomo José Morbeck. Esta personagem pode ser pensada como outro herói manifestado na narrativa deste escritor local. José Morbeck é revelado no trecho da história em que o autor narra a Revolução Morbeck *versus* Carvalhinho como o leitor pôde ver no capítulo 2 dessa dissertação. Ao ler a narrativa, nota-se que Valdon Varjão retrata o senhor Morbeck como homem ilustre por feitos de grande coragem e defensor do povo do rio Garças.

Através de apresentações, Antônio Cristino fica conhecendo o chefe supremo dos garimpos do Leste, o engenheiro José Morbeck, com quem fez grande amizade (VARJÃO, 199-, p.VIII).

Dr. José Morbeck, baiano de Jequié, Engenheiro Agrônomo, casado com Dona Arlinda Pessoa Morbeck, senhora de raras virtudes e grandes conhecimentos intelectuais, boa escritora, poetisa, que muitos benefícios prestou à região, com seus conhecimentos e seu espírito expansivo. Ele era justiceiro, criterioso, de gênio impulsivo, possuidor de dotes de liderança. Não gostava de bajulações, incapaz de matar pessoalmente qualquer animal (VARJÃO, 1980, p. 85).

É possível perceber no trecho exposto acima um tom enaltecimento da pessoa de José Morbeck na narrativa. Esta característica pode estar relacionada ao fato de que Varjão se espelhava em pessoas poderosas. Sua filha, Malba Varjão, menciona em entrevista: “ele se espelhava nas pessoas pioneiras, que ele considerava pioneiro, que eram as pessoas importantes e poderosas assim, do lugar”. Além disso, apesar de Varjão não ter se relacionado com o engenheiro José Morbeck devido à época, sua família possuía laços de amizade com os descendentes de Morbeck, como afirma Malba em entrevista:

Muito amiga minha e de meu pai também, nossa. Muito amigo da família. Eles tem muita admiração pelo papai porque papai divulgou as poesias da mãe dele (João Bosco) que era escritora. Todas as homenagens que tem ao meu pai, a família Morbeck vai.

O ato de tornar visíveis pessoas conhecidas pela comunidade e marcantes na história local gera no leitor que é membro da coletividade, um sentimento de pertencimento à narrativa contada. Mesmo que o leitor não tenha encontrado as personagens no decorrer da vida, estas passam a ser sentidas como contemporâneas. Trata-se das “personagens frequentadas por tabela” (POLLAK, 1992, p. 202).

Segundo Pollak (1992) essas pessoas, constitutivas da memória individual ou coletiva, tomaram relevo e por meio da socialização histórica foram projetadas à memória dos membros da coletividade. É um fenômeno intenso de identificação com o passado que Pollak confia a denominar de *memória quase herdada*.

A relação entre a memória de Varjão com a memória coletiva se dá através do entendimento de que o “eu” faz parte de uma comunidade afetiva. Há, nesse processo, como afirma Halbwachs (2006), um encontro da memória do “eu” no ponto comum dos aspectos materiais ou vivos da lembrança que estão no passado. Esse entrelaçamento permite a rememoração pessoal, ou seja, a lembrança.

Segundo esse pensador, a memória individual – vinculada ao grupo – é uma versão da memória coletiva que varia de acordo com o lugar ocupado pelo indivíduo e suas relações sociais. Seguindo esses pressupostos, podemos inferir que as lembranças de Varjão são fundamentadas por suas próprias escolhas no enaltecimento de determinadas personagens e espaços, dessa maneira, elas representam um ponto de vista da memória coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa aborda a construção simbólica da cidade de Barra do Garças na literatura de Valdon Varjão fazendo um contraponto com a sua biografia. Assim, um dos principais objetivos desta pesquisa foi confrontar a história de Barra do Garças narrada por Valdon Varjão com sua trajetória. A análise de suas obras, de entrevistas e recortes de jornais revelou que sua narrativa assume forma de autobiografia. Ao invés de considerar estas obras como escritas historiográficas, elas foram entendidas, nesta dissertação, afinadas com a noção de *narrativa* de Benjamin (1983), nas quais o narrador transmite os relatos que apreendeu e as experiências que vivenciou ao longo da vida.

Conforme foi referido nesta dissertação, a literatura local oferece oportunidade para compreender a construção simbólica dos lugares da perspectiva do sujeito que vivenciou e se envolveu nos acontecimentos da comunidade. Trata-se de uma versão privilegiada para análise antropológica.

O estudo da biografia de Valdon Varjão mostrou que este escritor, de origem pobre, foi para a região do Vale do Araguaia ainda criança e quando adulto, passou a fazer parte da elite local. Essas transformações influenciaram no processo de produção da narrativa. As suas experiências no âmbito social, cultural e político serviram de superfície para a configuração da literatura na qual se edifica uma versão da construção simbólica de Barra do Garças. Nesse sentido, a compreensão dos fatos vivenciados por Varjão e o contexto no qual ele submete as suas experiências são fundamentais para a compreensão da constituição de sua literatura.

Como considera David Mandelbaum (1973), a compreensão das biografias engendra o entendimento de como o biografado se relaciona com a sociedade e como as mudanças sociais direcionam as suas decisões e escolhas. Como, também, elucidam as ponderações subjetivas das experiências do sujeito e o contexto em que ele pratica essas vivências.

Nessa perspectiva, a análise da biografia de Valdon Varjão revelou que as transformações sofridas pelo escritor ensejaram a circulação pelos diversos grupos sociais e com isso, influenciou o andamento na constituição da literatura. As narrativas

de Varjão transitam por assuntos ligados a minorias e folclore, como também privilegiam personagens políticas selecionadas pelo escritor de acordo com seus interesses. Apesar disso, a pesquisa mostrou que Varjão é reconhecido pela população local como precursor na arquitetura da história da cidade de Barra do Garças.

Feito o estudo da trajetória desse escritor, a pesquisa foi direcionada para análise da literatura sobre a construção simbólica do *lócus* adotado por ele: a cidade de Barra do Garças. Segundo Michel de Certeau (2007), os relatos de espaço trazem as operações que permitem ao sujeito que o narra “triturá-lo”, transformá-lo de acordo com as suas próprias intenções.

A investigação expôs que Varjão, ao tomar a região do Vale do Araguaia como lugar de enunciação, selecionou acontecimentos embasado em seu juízo e demarcou as fases históricas desses eventos. O escritor elegeu eventos vivenciados por ele durante a sua trajetória, vinculados ao garimpo, à Fundação Brasil Central, aos Incentivos Fiscais e às atividades agro-pecuárias como fundamentais para a constituição dessa região.

A adoção de um espaço pelos escritores, segundo Rodrigues (2006b), proporciona um lugar para a satisfação de sua atuação política e literária, e concentra para si a imagem de sábio do lugar. A escolha por esses espaços gera no escritor um sentimento de fidelidade ao seu lugar e a sua gente, o que garante a ele popularidade e renome.

Valdon Varjão escolheu a cidade de Barra do Garças para atuar enquanto literato e político. Ele forjou uma versão da história de Barra do Garças tecendo suas experiências de vida, logo ele transmitiu a narrativa, não como um relatório, mas sim com suas marcas, transformando, assim, a escritura num trabalho artesanal com cunho quase autobiográfico. A percepção dessas características na literatura do escritor ofereceu oportunidade para pensá-la como discurso simbólico que converte uma lista de fatos em episódios retentores de referências culturais.

Contudo, a pesquisa percebeu que Valdon Varjão inseriu em suas obras, cópias de documentos oficiais como atas, telegramas e discursos, além de fotografias e cartas. A opção por tal metodologia foi entendida, nesta dissertação, como tentativa de construir uma história oficial, característica recorrente em memorialistas locais, segundo Jacinto (2004). No caso particular de Valdon Varjão, compreendi que tal escolha pode, também, estar relacionada à chegada da UFMT e às críticas recebidas por intelectuais da academia.

A história de Barra do Garças narrada por Varjão foi entendida nesta pesquisa como reprodução dos eventos ocorridos nessa comunidade interpretados por um sujeito inserido numa teia de significados. Nessa perspectiva, sua literatura carrega uma autoridade aproximada à autoridade do antropólogo quando descreve uma cultura, segundo a qual envolve toda a subjetividade do autor. A partir disso, considero que Varjão não transmite plenamente a voz da população barra-garcense, mas sim, reproduz uma memória – relacionada à memória da coletividade, porém – vinculada às suas próprias experiências. Nesse ponto, reafirmo que esta característica, segundo White (1991), é basilar para pensá-la enquanto discurso simbólico.

A análise das narrativas de Varjão revelou a presença de uma classificação da população local. Ao fazer alusão aos habitantes de Barra do Garças, o autor se refere a garimpeiros, sertanejos, funcionários e indígenas. A partir da investigação compreendi que estes sujeitos fizeram parte da configuração social da cidade de Barra do Garças assim como dos seus municípios vizinhos.

A percepção da escolha do escritor pelo enaltecimento de garimpeiros e funcionários da FBC, proporcionou à pesquisa a compreensão de que Varjão, enquanto membro de um grupo estabelecido, considerou a Expedição Roncador-Xingu importante para o desenvolvimento da região, porém repreendeu o ideal dominador e interventor dos funcionários da FBC.

A pesquisa mostrou, então, que, na narrativa de Varjão, suas experiências de vida se confundem com a história construída por ele sobre a cidade de Barra do Garças. Tal constatação revelou que suas obras podem ser consideradas como narrativas que transmitem uma versão da memória dessa comunidade, pois, a análise de sua biografia verificou que ele se comprometeu nos processos das referências culturais. Ele registrou em suas obras, os espaços de memória, as tradições, as pessoas, os grupos que se constituem num arranjo de inter-relações. Sua literatura (re)configura os símbolos locais e os faz circular através da divulgação.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, v. 4 n° 7, p. 66-81, 1991.

BARROS, João Alberto Lins de. Relatório da Fundação Brasil Central. In: *Arquivo da Fundação Brasil Central*. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 1944.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Textos Escolhidos*. 2ª ed. São Paulo: Victor Civita, 1983.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; DOS SANTOS, Sales Augusto; SILVÉRIO, Valter Roberto. Relações Raciais em Perspectiva. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 215-222, jul./dez., 2009.

BILÉGO, Antônio Paulo da Costa. *Memória de um Pau de Arara: um batelão de história*. Barra do Garças: Edição do autor, 2009.

BORGES, Heloisa Helena de Campos. *O Romance em Goiás: Construção e Singularidades do seu processo narrativo*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Letras/UFG, 1986.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 62/63 – juin 1986.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas - SP: Papyrus, 1996.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARVALHO, Olavo de. Do mito à ideologia. In: *Jornal da Tarde*. mar. 2001. Disponível em <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/mitoideo.htm>>. Acesso em 30 de nov. de 2009.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. 13ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CONSELHO ESTADUAL DE PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE NEGRA. *Sintep premia escola por projeto de cultura afro*. São Paulo. Disponível em <<http://www.comunidadenegra.sp.gov.br/sis/lenoticia.php?id=177>>. Acesso em 15 de out. de 2010.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, jul./dez. 1998, p. 129-149.

CRAPANSANO, Vincent. Life-Histories. *American Anthropologist*, 88, 1984.

CUNHA, Olívia Maria Gomes. Tempo imperfeito: uma etnografia no arquivo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n.02, p. 287-322, out. 2004.

DAMATTA, Roberto. A obra literária como etnografia: notas sobre as relações entre literatura e antropologia. In: *Conta de Mentiroso – Sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 35-58.

DINIZ, Zélia dos Santos. *Conhecendo Barra do Garças*. 2ª Ed. Barra do Garças, MT: Gráfica Multicor, 2005.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais / compilado por Edgardo Lander*. 1ª ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLASCO, 2005.

EX-SENADOR Varjão envolvido em disputa por cartório em Barra. *Diário de Cuiabá*. Cuiabá, MT, n. 10057, 04 set. 2001. Disponível em <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=66864>>. Acesso em 20 maio 2010.

FARDON, Richard. *Mary Douglas: uma biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

FISCHER, Michael M. J.. El etnicismo y las artes postmodernas de la memoria. In: CLIFFORD, J e MARCUS, Geoge E. *Retóricas de la Antropología*. Madrid: Ediciones Júcar, 1991, p. 269-319.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 17ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FRANÇA, Basileu Toledo. *O Triângulo dos Diamantes*. Goiânia: Editora da UFG, 1994.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

_____. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2002.

_____. *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1997.

- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HATOUM, Milton. Laços de Parentesco: ficção e antropologia. In: PEIXOTO, Fernanda Áreas; PONTES, Heloisa; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). *Antropologias, Histórias, Experiências*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- IBGE. *Barra do Garças – Mato Grosso*. Monografia. Série B, n. 77, 1966. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrosso/barradastarcas.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2010.
- JACINTO, Andréa B.M. J. *Margens escritas: versões da Capital antes de Brasília*. Tese (Doutorado) – PPGAS, Brasília: Editora da UnB, 2003.
- _____. Do município à capital: seguindo percursos de literaturas locais. *24ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Recife: ABA, 2004.
- KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- LEVI, Giovani. Usos da biografia. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Edt. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *O Desencanto do Oeste: memória e identidade social no Médio Araguaia*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2001.
- MACÊDO FILHA, Maurides Batista de. *A Trajetória do Diamante em Goiás*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Humanas e Letras/UFG. Goiânia, 1990.
- MACIEL, Dulce Portilho. Aragarças (1943-1968): a moderna urbe na rota para o Oeste. In: *Revista Plurais*. v. 4, 1/2, 2006. p. 47-67.
- _____. Fundação Brasil Central : sua conturbada trajetória e o desenvolvimento do Centro-Oeste brasileiro. In: *Revista Plurais*. v. 1, n. 2, 2005. p. 145-161.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *Literatura e Poder em Mato Grosso*. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Mato Grosso, 2002.
- MANDELBAUM, David G. The study of life history: Gandhi. *Current Anthropology*, vol.14, June, 1973.
- MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais a Brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- _____. Jorge Luis Borges, historie sociale d’un <écrivain-ne>. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 168. Jun. 2007. p. 82-101.

NASCIMENTO, Maria das Graças Silva. *Valdon Varjão: O escritor e sua obra*. Barra do Garças: [s.n.], 1998. 58 p.

OLIVEIRA, Maurides B. de M. Filha. *Mito e sobrevivência no garimpo: a cidade de Baliza – Goiás (1922-1960)*. 1996. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos Brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, pg. 200 – 212.

RIBEIRO, Marilene Marzari. *Memória de Migrantes: onde viver o fazer faz o saber*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

RICOEUR, Paul. Da memória e da reminiscência. In: *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 22-142.

_____. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RODRIGUES, Cintya Maria Costa. Prenúncio da Saída, Prenúncio da Perda. In: *Águas aos olhos de Santa Luzia – Um estudo de memória sobre o deslocamento compulsório de sitiante em Nazaré Paulista (SP)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999. p. 61-107.

_____. *Histórias Sobre Lugares, Histórias Fora de Lugar?: os escritores e a literatura do sudoeste de Goiás*. Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, 2006a.

_____. A Região da Aldeia: os pressupostos geográfico-espaciais da literatura goiana e a construção do sudoeste de Goiás. *O Público e o Privado*, n. 7. Jan/Jun 2006b, p. 57-82.

_____ et. al. *As (in)fortunas literárias: Textos e Trajetórias de escritores de histórias locais*. Projeto de Pesquisa Científica – Faculdade de Ciências Sociais/UFG, 2007.

ROMANUCCI-ROSS, Lola. Celebrants and the Celebrity: Biography as Trope. In: *American Anthropologist*, Arlington/USA, v. 103, n. 4, december/2001.

ROSA, Luciene de Moraes. *Encontros e Desencontros entre os A'uwê Uptabi e os Waradzu no Espaço Urbano de Barra do Garças – MT*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia/UFG, 2008.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 2ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

SENA, Custódia Selma. *Interpretações Dualistas do Brasil*. Goiânia: Editora UFG, 2003.

_____ e LIMA, Nei Clara de. Regiões e Regionalismos. In: MOURA, Ana Maria S. e FILHO, Nelson Sena (orgs.). Goiânia: Ed. Vieira, 2005, p. 35-48.

TAVARES, Catarina. Varjão: Um líder político que procura dar nome a Barra do Garças. *A Gazeta do Vale do Araguaia*, ano XVII, n. 729, p. 07, 11 a 17 de Jun., 2004a.

_____. Homenagem ao personagem literário Valdon Varjão. *A Gazeta do Vale do Araguaia*, ano XVII, n. 730, p. 07, 18 a 24 de Jun., 2004b.

TURCHI, Maria Zaira. *Literatura e Antropologia do Imaginário*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. *Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 2, jul./dez. 2007, p. 187-196.

VIDAL E SOUZA, Candice. *A Pátria Geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

VILHENA, Luís Rodolfo. Fronteiras e identidades: intelectuais, disciplinas e formação nacional. In: *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro (1947 – 1964)*. Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 125-172.

_____. Os Intelectuais Regionais. Os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais nos anos 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 11, n. 32. Out., 1996.

WHITE, Hayden. A Questão da Narrativa na Teoria Contemporânea da História. *RH – Revista da História*, n. 2/3. Primavera, 1991. IFCH/Unicamp. p. 47-89.

ANEXOS

Anexo 1: Quadro das obras de Valdton Varjão

Título	Ano	Gênero	Assunto	Resumo	Local disponível
Barra do Garças no Passado	1980	Narrativo historiográfico	Fatos históricos e folclore de Barra do Garças.	O autor busca a perenização de fatos históricos importantes de Barra do Garças. Apresenta a história de fundação, a Expedição Roncador – Xingu e o garimpo.	Academia de Letras, Cultura e Arte do Centro-Oeste em Barra do Garças – MT.
<i>Negro Sim, Escravo Não!</i>	1980	Separata de discurso	Preconceito racial negro	Esta obra é a divulgação de pronunciamentos sobre a discriminação, preconceito e integração racial que Valdton Varjão, enquanto senador da República. Nos discursos, Varjão demonstra sua preocupação com a problemática social através da questão do negro, como divisor de águas dentro da sociedade capitalista discriminatória em que vive.	Biblioteca Municipal “Senador Valdton Varjão”, em Barra do Garças – MT.
<i>Balisa Etéreas Reminiscências</i>	1981	Narrativo historiográfico	Fatos históricos, personagens e folclore de Balisa	O autor pretende com este livro, divulgar o passado da cidade de Balisa quando esta vivia um período áureo devido a descoberta de minas de diamante. Neste livro Varjão categoriza os tipos sociais: sertanejos e garimpeiros; apresenta fotos de lugares pessoas que viveram nesta época em Balisa.	Biblioteca Municipal “Senador Valdton Varjão” e Academia de Letras, Cultura e Arte do Centro-Oeste em Barra do Garças – MT.
<i>Garimpeiros: Visionários da Esperança</i>	1987	Narrativo historiográfico	Acontecimentos e casos vivenciados pelos garimpeiros.	Nesta obra o autor focaliza as vivências dos garimpeiros, apresenta suas gúrias e seus fazeres. Há fotos e ilustrações sobre o garimpo.	Biblioteca Municipal “Senador Valdton Varjão” em Barra do Garças – MT.
<i>Barra do Garças (Migalhas de sua História)</i>	1985	Narrativo Historiográfico	História de fundação da cidade de Barra do Garças	Trata-se de uma obra que narra acontecimentos políticos, sociais e históricos sobre a formação da cidade de Barra do Garças. Desde as investidas dos bandeirantes no século XVII até a Quarta Fase da “Evolução Histórica de Barra do Garças” denominada “Contemporânea”, na qual a migração de gaúchos e o avanço da agricultura são intensos, final da década de 1970 e início da década de 1980. Há também descrições breves sobre a fundação das cidades próximas à Barra do Garças (região denominada Grande Barra).	Biblioteca Municipal “Senador Valdton Varjão” e Academia de Letras, Cultura e Arte do Centro-Oeste em Barra do Garças – MT.
<i>Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste</i>	1989	Narrativo Historiográfico	Narrativa histórica da região de Aragarças.	Nesta obra o autor reúne inúmeros acontecimentos que formaram a História da cidade de Aragarças. Há referência à sua historiografia, às principais obras civis (hospital, escolas, prefeitura), aos primeiros garimpeiros, criação do presídio de Macedina, Marcha para o Oeste, Expedição Roncador-Xingu, a visita do presidente Getúlio Vargas, lendas da Serra do Roncador, irmãos Villas Boas (bandeirantes do século XX), e uma nova versão sobre a Rebelião de Aragarças, a qual o autor vivenciou. Há também relato sobre o encontro do homem branco com os índios Xavante. Neste livro, Varjão reuniu inúmeras fotos, telegramas destinados a ele e recortes de jornais.	Biblioteca Municipal “Senador Valdton Varjão” e Academia de Letras, Cultura e Arte do Centro-Oeste em Barra do Garças – MT.
<i>Epopéia dos Sertões</i>	1993	Narrativo historiográfico, contos, crônicas e lendas.	Cultura e Folclore de Mato Grosso	A obra é uma coletânea de crônicas, contos e histórias relacionadas com a cultura e o folclore mato-grossense reunidos por Valdton Varjão nesta antologia. Há escritos inéditos e complementados por depoimentos de outras pessoas. Segundo ele mesmo, esta obra é um conjunto de “casos e causos, histórias, anedotários, superstições, lendas,	Biblioteca Municipal “Senador Valdton Varjão” e Academia de Letras, Cultura e Arte do Centro-Oeste em Barra do

				vivências, crenças, aventuras, heroísmos e até mesmo desgraças” (Varjão,1993, p 17).	Garças – MT.
<i>O Garimpeiro</i>	1997	Poético	Poesias sobre o garimpeiro e o trabalho da garimpagem.	O objetivo de Valdon Varjão nesta obra é homenagear e enaltecer o sujeito, garimpeiro e o seu trabalho através de poesia. Nos poemas o autor assina com o seu pseudônimo de infância: “Telpim”.	Biblioteca Municipal “Senador Valdon Varjão” e Academia de Letras, Cultura e Arte do Centro-Oeste em Barra do Garças – MT.
<i>Barra do Garças: um pouco de sua história</i>	Informação não disponível.	Historiográfico	História de Barra do Garças.	Nesta obra a preocupação do autor é relatar a formação histórica e as características ambientais e urbanas da cidade de Barra do Garças. Há, também, referências a outras cidades próximas.	Biblioteca Municipal “Senador Valdon Varjão” e Academia de Letras, Cultura e Arte do Centro-Oeste em Barra do Garças – MT.
<i>Janela do Tempo: homenagem ao passado</i>	2000	Narrativo historiográfico	Construção da região da cidade de Barra do Garças	Neste livro, Varjão narra acontecimentos que marcaram a construção da cidade de Barra do Garças. Em seguida há narrativas a respeito do povoamento, um apanhado que divide a História da cidade em quatro fases (“garimpeira”, “Fundação Brasil Central”, “agropecuaristas e incentivos fiscais” e “gaúchos e a agricultura”), formação política, primeiras escolas, igrejas, contos sobre o folclore e acontecimentos do cotidiano.	Biblioteca Municipal “Senador Valdon Varjão” e Academia de Letras, Cultura e Arte do Centro-Oeste em Barra do Garças – MT.

ANEXO 2: Lista de fontes documentais: obras de Valdnon Varjão, artigos de jornais, revista e vídeo

OBRAS DE VALDON VARJÃO:

VARJÃO, Valdnon. *Aragarças: Portal da Marcha para Oeste*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989.

_____. *Balisa: Etéreas Reminiscências*. Brasília: [s.n.], 1981.

_____. *Barra do Garças: Migalhas de sua História*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

_____. *Barra do Garças no Passado*. Brasília: [s.n.], 1980a.

_____. *Barra do Garças: Um pouco de sua História*. Barra do Garças: [s.n.], [199-?].

_____. *Como e Por Que Trabalham os Pedreiros Livres*. Brasília: Senado Federal, 1981.

_____. *Discurso do Senador Valdnon Varjão: ao receber o título de cidadão barragarcense na sessão solene da Câmara Municipal*. Barra do Garças, 1982b.

_____. *Epopéia dos Sertões*. Brasília. Senado Federal, Centro Gráfico, 1993.

_____. *Garimpeiros: Visionários da Esperança*. Brasília: Centro Gráfico, 1987.

_____. *Janela do Tempo: Homenagem ao passado*. Barra do Garças: [s.n.], 2000.

_____. *Negro Sim, Escravo Não*. Brasília: [s.n.], 1980b.

_____. *O Garimpeiro: Poemas*. Barra do Garças: Cartório do 1º Ofício, 1997.

_____. *Quando Estive Senador*. Brasília: Senado Federal, 1982a.

_____. *Seca no Nordeste*. Brasília: Senado Federal, 1980c.

ARTIGOS DE JORNAIS:

Academia homenageia historiador. *A Gazeta do Vale do Araguaia*. Barra do Garças, 09 a 16 de setembro de 2005.

ASSUNÇÃO, Haroldo. Valdnon Varjão estava internado em estado grave. *A Gazeta do Vale do Araguaia*. Barra do Garças, 03 a 08 de fevereiro de 2006.

Araguaia sofre grande perda com a morte do líder Valdnon Varjão. *Araguaia*. Barra do Garças, 15 de fevereiro a 03 de março de 2008.

Barra do Garças em foco. *O Correio*. Várzea Grande, 20 a 26 de julho de 1986.

BATISTA, Paulo. Valdon Varjão. *A Gazeta do Vale do Araguaia*. Barra do Garças, 13 a 19 janeiro, 2006.

Coluna Direito e Justiça. *O Popular*. Barra do Garças, 22 de julho de 2003.

Gazita Magazine. Barra do Garças, 20 de abril de 1978.

Homenagem ao personagem literário Valdon Varjão. *A Gazeta do Vale do Araguaia*. Barra do Garças, 18 a 24 de junho de 2004.

O mito de Barra do Garças. *O Popular*. Goiânia, 30 de maio de 2006.

Órgão noticioso matogrossense. *Correio da Fronteira*. Barra do Garças, 14 de outubro de 1984.

O senador Valdon Varjão. *O Popular*. Goiânia, 18 de outubro de 1984.

Parabéns ao povo de Barra do Garças. *A Voz Popular*. Barra do Garças, 14 a 22 de setembro de 1984.

Sobre o livro Garimpeiros: visionários da esperança, publicado por Valdon Varjão. *O Popular*. Goiânia, 12 de dezembro de 1987.

Varjão falará à nação através de cadeia nacional de rádio. *Informativo Municipal*. Barra do Garças, 16 a 30 de junho de 1985.

Varjão: um líder político que procura dar nome a Barra do Garças. *A Gazeta do Vale do Araguaia*. Barra do Garças, 11 a 17 de junho de 2007.

Valdon Varjão: mais uma obra de nosso escritor. *JmLuz*. Barra do Garças, 30 de agosto a 15 de setembro de 1984.

VIDEO:

Discoporto -Valdon Varjão e Vasco Mil-Homens - Entrevista Jô. Disponível em:
< <http://www.youtube.com/watch?v=QsMvo-0uf0E>>. Acesso em: 9 dez. 2010.

ANEXO 3: Cronograma das transformações municipais.

1913 – Criação do município de Araguaya (MT).

1915 – Alteração da denominação de Araguaya (MT) para Registro do Araguaya (MT).

1932 – Alteração da denominação de Registro do Araguaya (MT) para Araguayana (MT).

1948 – O distrito de Barra Cuiabana (MT), pertencente o município de Araguayana (MT) tem seu nome alterado para Barra do Garças (MT).

O município de Araguayana (MT) é extinto. Barra do Garças (MT) é elevada à categoria de município e Araguayana (MT) passa à simples condição de distrito dessa cidade.

1953 – A vila de Barra Goiana (GO), então pertencente ao município de Baliza (GO), é emancipada e recebe a denominação de Aragarças(GO).

1986 – O distrito de Araguayana (MT) é restaurado à categoria de município.

1991 – O distrito de Pontal do Araguaia (MT), então pertencente à Torxoréu (MT), é emancipado.

ANEXO 4: Relação das instituições pesquisadas. Bibliotecas, acervos pessoais, Academias de Letras.

ACADEMIAS DE LETRAS:

Academia de Letras, Cultura e Artes do Centro Oeste – Barra do Garças
Academia Goiana de Letras – Goiânia
Academia Mato-Grossense de Letras – Cuiabá

ACERVOS:

Acervo particular de Malba Varjão
Acervo do escritor José Mendonça Teles

BIBLIOTECAS:

Biblioteca Municipal Senador Valdon Varjão – Barra do Garças
Biblioteca Damas Pereira Urzedda (SESC) “Estante do Escritor Goiano –
Goiânia
Biblioteca Central da UFG – Goiânia

INSTITUTO:

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso - Cuiabá

ANEXO 5: Currículo Vitae de Valdon Varjão.

caixa
11
Doc
3673

CURRICULUM VITAE

DADOS PESSOAIS:

NUME: VALDON VARJÃO

DATA DE NASCIMENTO: 15/12/1923 - LOCAL - Cariús - Ceará

FILIAÇÃO: PAI - Manoel Cardoso Varjão - MAE - Maria Olimpia Varjão.

ESTADO CIVIL

CASADO - nome do conjugue Maria do Rosário Peres Varjão

FILHOS - José de Arimathéia P. Varjão - Nasc. (11/04/1945)
Maria Honória Varjão - Nasc. (18/08/1946)
Joelmar N. P. Varjão - Nasc. (31/10/1950)
Malba Thânia Alves Vargão - Nasc. (17/01/1956)

NETOS - Joelma, Valdon, J. Arimathéia Júnior, Joane, Manoel, Vanessa, Mara, Ila, Hugo, Joelmar (natimorto), Danilo, Lorena, Ludimila.

BISNETOS - Tainã, Marina, Rafael, Yasmin, Marta.

PROFISSÃO:

Tabelião, Jornalista amador, Escritor amador, Empresário.

ENDEREÇO:

Rua Cel. Antonio Cristino Côrtes, Nº 08-CEP -78.600-000.
Barra do Garças-MT; telefone: 446-2755, 861-1531 e 861-3176.

IDENTIFICAÇÃO:

Título eleitor Nº 32799518/21 - 9ª zona eleitoral - MT.
CI/RG Nº 049.546-SSP/MT. CPF(CIC) 003.790.501/53 e CARTEIRA
DE RESERVISTA- 138.387 9ª RM- 30ª CR-Campo Grande-MS

1

FORMAÇÃO ESCOLAR:

PRIMARIO - Colégio N. S. da Piedade - Araguaiana - MT.

GINASIAL - Unidade de Ensino Supletivo - Goiânia - GO.

COLEGIAL - Escola Técnica de Comércio - Barra do Garças - MT.

CURSO UNIVERSITARIO - Faculdade Cândido Mendes

VIDA PARTIDARIA:

(Formação Política) - Fundador PSD no município-1945-Campanha Eurico Dutra.

Diretório Regional-PSD-Campanha Filinto Muller-1950-Campanha J. Ponce de Arruda - 1955.

Diretório ARENA - Campanha Pedro Pedrossian - 1965

Fundador Partido Popular - 1983 - Campanha Tancredo Neves.

TRABALHOS PUBLICADOS:

Livros - Conferências e Separatas

- Livro - Barra do Garças no Passado - Histórico.
- Livro - Balisa Etéreas Reminiscências - Histórico.
- Livro - Torixoréu Cidade Brilhante - Histórico.
- Livro - Quando Estive Senador - Coletânea de trabalhos.
- Livro - Garimpeiros Visionários da Esperança - Histórico.
- Livro - Barra do Garças Migalhas de Sua História
- Livro - Barra do Garças do Passado ao Presente
- Livro - Cadastral - Terras Barras do Garças
- Livro - Aragarças Portal da Marcha para o Oeste
- Livro - Barra do Garças sua Ocupação e Emancipação
- Livro - Versos de Autores Diversos - Coletânea.
- Livro - Balisa Cantinho de Saudade - Crônicas.
- Livro - Como e Porque Trabalham os Pedreiros Livres.
- Livro - Vernáculo dos Filhos da Viúva - Maçonico.
- Livro - Avante Obreiros de Jacó - Maçonico.

OPUSCULOS:

- Livro - Negro Sim Escravo Não - Histórico.
- Livro - Visita ao Estado de Israel - Discurso.
- Livro - Amor com Amor se Paga - Conto.
- Livro - Raízes - Histórico.
- Livro - A Integração Racial

No Prélo:

Livro - Epopéia dos Sertões - Antologia de Contos.

AREA EDUCACIONAL:

Professor - Disciplina - História-Colégio Estadual Filinto Muller - 1970/1972.

Contabilidade Comercial e Bancária-Escola Técnica - Eurico G. Dutra - 1974/1978.

JORNALISMO:

Revista "GAZITA" (desativada).

Jornal "O Estado de Mato Grosso" (desativado).

Diretor Proprietário - TV Tainã Bui. Canal Filiada RECORD.

TITULOS HONORIFICOS:

- Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso;
- Membro do Instituto Geográfico de Goiás;
- Deputado Maçonico Grau 18 Rep. Loja Acácia do Araguaia;
- Personalidade Brasileira - 1993 pelo IBADE - SP;
- Cidadão Barragarcense;
- Cidadão Rosaroestino;
- Cidadão Luciarense;
- Cidadão Torixorino;
- Cidadão Aragarcense;
- Cidadão São Félix;
- Cidadão Balisense;
- Cidadão Araguaianense;
- Cidadão General Carneiro;
- Membro da associação Mato - Grossense Imprensa - AMI;
- Membro da Academia de Letras Cultura e Artes do Centro Oeste;
- Membro da Academia de Letras Municipais do Brasil - São Paulo;
- Membro da Academia Piracicabana de Letras;
- Membro da Academia Anapolina de Letras;

MEDALHAS E COMENDAS, TITULOS E CONDECORAÇÕES:

- Comenda Filinto Muller da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.
- Comenda Ordem do Mérito de Mato Grosso - Grau Comendador (decreto nº 2525 de 12/03/1987).
- Diploma Ministério do Exército - 58ª Batalhão de Infantaria-motorizada (Sentinela do Araguaia).
- Medalha de Bronze - Centro Cultural-Intercâmbio de Escritores Brasil/Israel;
- Medalha Parlamentar - Knesset (Israel)
- Medalha de Bronze - Amizade Parlamentar República de Portugal;
- Medalha do Governo Israel integrante da Comissão Parlamentar Senado Brasileiro - 1982;
- Medalha do Mérito Municipalista - Associação Paulista dos Municípios;
- Medalha do IBAM - Congresso Goiânia - Goiás;
- Medalha União Parlamentar Deputado do Ano 1965.

VIDA POLITICA:

- Secretário da Prefeitura Municipal de Barra do Garças 1947/1950;
- Vereador Legislatura 1950/1954;
- Vereador Legislatura 1954/1958;
- Prefeito substituto 13/01/1955 a 20/01/1955;
- Prefeito Eleito - quadriênio 1958 a 1962;
- Deputado Estadual - Assembléia Legislativa - MT.-quadriênio 1963/1967;

Cargos Ocupados:

1º Secretário 1963/1964, comissão Agricultura 1965, 2º Secretário 1966/1967; Suplente Senador mandato 1966/1967.

Convocação p/ o Senado - 05/05/80 a 05/07/80, 15/10/81 a 15/02/82; 1º Suplente Deputado Federal - Assumiu 01/03/85 a 01/08/85;

Membro comissão Agricultura e Educação na Câmara, Presidente Consórcio Intermunicipal - SUDECO 1974/76;

- Prefeito Eleito Barra do Garças período 1972/1976;
- Vereador municipal 1993 a ...

- Sub-secretário de Estado escritório ERMAT 1985;
- Secretário Indústria Comércio turismo 1986/87;
- Presidente do Conselho de Administração da Urucum Mineração S/A - Corumbá (MS);
- Presidente do Conselho de Administração do Balneário Águas Quentes S/A - Cuiabá (MT);
- Presidente do Conselho de Administração da Empresa Matogrossense de turismo S/A - TURIMAT;
- Presidente do Conselho de Administração da Companhia Matogrossense de Mineração - METAMAT;
- Presidente do Conselho Estadual de Turismo de Mato Grosso CETUR - MT;
- Presidente da Comissão de Racionalização e Consumo de Combustíveis do Estado de Mato Grosso - CRCC/MT;
- Presidente do Conselho de Desenvolvimento Industrial e Comercial de Mato Grosso - CODEIC;
- Presidente do Conselho de Administração da Empresa de Frigorificação de Mato Grosso - EFRIMAT;
- Presidente do Centro Gerencial de Apoio à Pequena e Média Empresa - CEAG/MT;

CONCURSOS PRESTADOS:

Concurso Tabelionato junto ao Tribunal de Justiça do Mato Grosso - ano 1956. Nomeação 17/01/1957.

Declaro Verdadeira as informações.

Barra do Garças, 10 de junho de 1995.

Valdon Varjão

 Valdon Varjão

Acad. Adm. Luis Philippe Pimenta Lodi
para análise e parecer

12/06/95.

Acad. João A. H. F. Moura
Secretário Geral

ANEXO 6: Cópias de artigos de jornais e revistas